

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

As relações entre Portugal e o Brasil não podem estar à mercê de revisões periódicas

— disse hoje aos jornalistas o dr. Franco Nogueira

Teria o Brasil colhido algum benefício da conquista de Goa pela União Indiana?

A pergunta foi feita hoje pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, na sua reunião habitual com os representantes da imprensa nacional e estrangeira, em que procurou demonstrar que a manutenção como portuguesas das parcelas de Portugal não poderá ser indiferente ao Brasil. As palavras do ministro, segundo ele próprio afirmou, foram ditadas «pelo sentimento do interesse português e pelo amor ao Brasil, que são, não só compatíveis, como complementares».

O ministro, na sua declaração inicial, começou por acentuar que no permanente evolucionar da situação internacional não escasseiam os problemas nem faltam os temas de interesse, mas que uns e outros não proporcionam motivos de optimismo. Referiu-se á gravidade da questão vietnamita, ao complexo problema da República Dominicana e á situação na África, acres-

centando não se saber se algumas potências procuram por si acordos separados, sem prévia audiência dos seus respectivos aliados.

Era outro, porém, prosseguiu o dr. Franco Nogueira, o seu objectivo de hoje, pois desejava ocupar-se muito especialmente das relações de Portugal com o Brasil e fazer comentários que ocorrem em ligação com a sua recente visita ao Brasil.

Sublinhou a destacada participação portuguesa nas celebrações do IV Centenário do Rio de Janeiro e recordou as conversas que pôde ter com o presidente Castelo Branco e com o ministro das Relações Exteriores do Brasil, as quais lhe permitiram expor o pensamento português sobre os problemas de interesse mútuo.

— Tais conversas — disse o dr. Franco Nogueira — permitiram iniciar ou restabelecer os contactos normais tendo por fim dar execução de todos os livros importados, disse julgar legítimo que da

(Continua na página seguinte)



O ministro dos Negócios Estrangeiros, num dos intervalos da sua exposição, que precedeu, como habitualmente, a fase das perguntas e respostas

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

O Vietnam e a bomba

A guerra no Vietnam foi o tema incidental das conversações que Harriman teve em Moscovo com os dirigentes soviéticos. O tema central foi a negociação de um tratado para evitar a disseminação das armas nucleares. Ao abordar o primeiro, o embaixador itinerante quis sondar as intenções da União Soviética e ver até que ponto esta se encontra em condições de influir no sentido de se entabularem conversações susceptíveis de abrir caminho a um cessar-fogo na Ásia e, eventualmente, a fazer a paz. É pouco provável que sobre esse ponto ouvisse mais do que palavras de recriminação e mesmo ameaças de uma intervenção indirecta daquele país no conflito. A declaração do chefe do Governo russo sobre o envio de voluntários para o Sueste asiático, embora não deva ser tomada à letra como um perigo imediato, não deve ser por completo posta de parte.

Mas o tema central das conversações de Moscovo foi a inquietante proliferação das armas nucleares, a qual põe em causa o próprio princípio e fundamentos da coexistência americano-soviética. Estão os russos interessados na sua aplicação? Desejam prosseguir na senda aberta com a assinatura do tratado que proibiu as experiências atómicas na atmosfera? Essa senda foi abandonada depois da morte de Kennedy e do afastamento de Kruchchev. Deve considerar-se definitivo o abandono? Ou trata-se de uma situação transitória que é indispensável resolver sob pena de graves riscos e inconvenientes? Estas perguntas, que provavelmente fez Averell Harriman aos seus interlocutores russos, têm tal oportunidade e revestem-se de tal importância que parece ocioso insistir nelas.

Nota do dia

FILHOS E ENTEADOS

Não pode haver eficiência nos serviços públicos, se aos funcionários que constituem os quadros não for assegurado um tratamento de harmonia com as suas necessidades. E não se compreende que alguns desses funcionários, por mais modestos que sejam, estejam submetidos a um regime de excepção lesivo dos seus legítimos interesses e afrontoso para a sua dignidade. O que se passa com os propostos e auxiliares dos tesoureiros da Fazenda Pública, que não deixam de prestar inestimáveis serviços ao Tesouro, representa na verdade uma flagrante injustiça a que é indispensável pôr termo. Esses servidores do Estado não têm, com efeito, as garantias a que se julgam com direito e que são elementares. Não se compreende, realmente, que não desfrutem das regalias de que gozam os outros funcionários. Não faz sentido que uns se considerem filhos e outros enteados. Para que se lhes possam exigir responsabilidades, é necessário que lhes sejam conferidos direitos. Há que pôr termo à insegurança e à instabilidade que esses lugares oferecem, criando-se um quadro de pessoal devidamente protegido dentro da orgânica administrativa, como já acentuámos, em que esses funcionários sejam integrados, com as indispensáveis obrigações e correspondentes direitos que lhes garantam a estabilidade de do emprego. Há que atender, sobretudo, por um elementar dever de humanidade, à situação de muitos deles que, depois de terem prestado serviço durante vinte anos e mais, são impiedosamente atirados para o desemprego quando as suas faculdades estão diminuídas e já não lhes permitem escolher outro modo de vida. Estamos certos de que o sr. ministro das Fi-

nanças, com o espírito de justiça que o caracteriza e os meios que tiver ao seu alcance, não deixará de mandar estudar este problema e de o resolver com a possível brevidade e com a equidade que o caso requer, dentro das normas legais aconselhadas e dos preceitos humanitários a que é necessário atender.

OS PESCADORES NORTENHOS NÃO FORAM HOJE AO MAR EM SINAL DE LUTO

PELOS SEUS CAMARADAS MORTOS

NO NAUFRÁGIO DA «PADRE CRUZ»

PORTO, 5 — Abalou profundamente as populações do Porto e de Aveiro, e, de uma maneira geral, de todo o litoral nortenho, a tragédia que, na madrugada de ontem, roubou a vida a 28 humildes pescadores.

A par da emoção que o sinistro causou, formulam-se algumas perguntas inquietantes, cujas respostas poderão ajudar a fazer luz sobre as condições em que ocorreu a tragédia.

O navio alemão tinha radar. O aparelho ia «ligado»? Nesse caso, algum oficial ou outro tripulante, tinha a seu cargo uma observação constante do mostrador? Se não ia pessoa alguma ao radar (havendo nevoeiro) qual era a velocidade do cargueiro?

(Continua na última página)

A TRAVERS LE MONDE

PAGE 12

WIDE WORLD

PAGE 13

O Congo em vésperas de acontecimentos políticos

(Serviço combinado «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

PARIS, Agosto — Apesar dos desmentidos de Leopoldville está em curso no Congo uma prova de força entre o chefe do Estado Kasavubu, e o chefe do Governo, Tschombé. O conflito, latente há muito, agravou-se recentemente por causa da sucessão do ministro do Interior, Godefredo Munongo, ve-

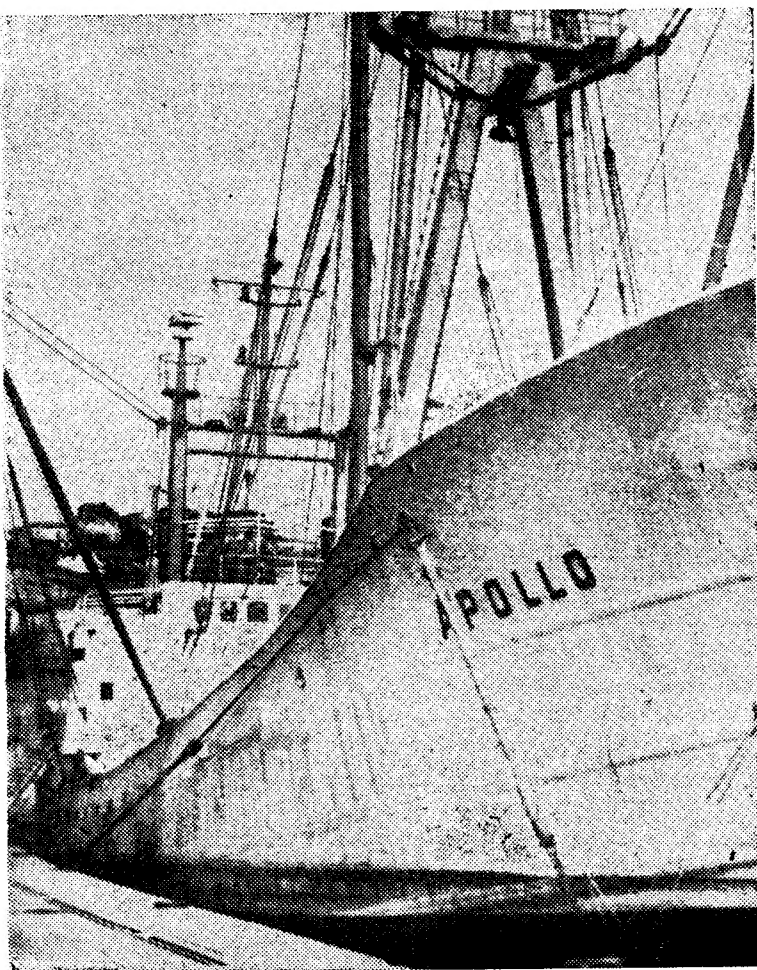
lho amigo de Tschombé, que deixou o cargo que ocupava em virtude de ter sido eleito governador da

(Continua na 3.ª página)

VISADO PELA CENSURA

32 PÁGINAS
HOJE

VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA



O «Apollo», atracado esta manhã, no Douro (Telefoto)

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

PLANO DIRECTOR

É um programa, mais do que um regulamento, o Plano Director da Região de Lisboa, cujo anteprojeto está concluído. Visa a estruturar convenientemente o desenvolvimento da capital e sua zona de influência, e por isso interessa a dezassete concelhos dos distritos de Lisboa e Setúbal, embora intente respeitar os condicionamentos gerais da Nação no seu conjunto. Terminada recentemente a elaboração do referido anteprojeto, foi o mesmo submetido à apreciação da Comissão do Plano Director de Lisboa, presidida pelo director-geral dos Serviços de Urbanização e constituída por trinta e dois representantes daqueles municípios e de todas as entidades oficiais interessadas, a qual, após várias sessões de trabalho, se pronunciou por unanimidade no sentido de o estudo estar em condições de merecer a aprovação superior. Vai assim o anteprojeto subir agora à apreciação do Conselho Superior de Obras Publicas, antes de ser submetido à aprovação da Câmara Corporativa e ao Conselho dos Ministros, que dirá a última palavra.

PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, no Palácio Nacional de Belém, o sr. comandante Hildegardo de Noronha Filho e o sr. Virgílio Pereira da Silva.

MORTE

à porta de casa

Regressava a sr.^a D. Alda Oliveira Godinho a sua casa, na Avenida Nuno Álvares, em Tomar,

após uma reunião na Casa dos Pobres local, de que era directora há muitos anos. E naquela mesma artéria foi colhida por um automóvel conduzido pelo vizinho, sr. Humberto de Oliveira Franqueiro, comerciante em Tomar, que também voltava à residência. A sr. D. Alda Godinho, que tinha 51 anos, ainda foi transportada à Casa de Saúde de Santa Iria, mas pouco tempo viveu.

GALARDÃO A SERVIDORES

O sr. Presidente da República entregou ontem, no Palácio de Belém, medalhas da ordem do Infante D. Henrique aos funcionários da Secretaria-Geral da Presidência da República srs. Manuel de Jesus, Luís Soares Pereira, Manuel Camarate Pereira e Caetano Alvaro da Cunha, os dois primeiros condutores de automóveis e os restantes porteiros de sala do palácio.

DESPISTE FATAL

Foi no sítio da Baralha, na Estrada de Arganil. Por motivos ainda desconhecidos, despiu-se um camião com carga de madeira, sobre a qual seguiam os trabalhadores José Fernandes de Oliveira, de 20 anos, Albino Gomes dos Santos, de 32, João Francisco Moura Sobrinho, de 29, todos de Coja, e Leonardo Joaquim Correia, de Benfita. No acidente morreu o primeiro, tendo ficado internados nos Hospitais da Universidade de Coimbra, em estado grave, os dois seguintes e, no hospital de Arganil, o último, cujo estado não inspira cuidados. O motorista, Mário Cordeiro Castanheira, de Sacarias, sofreu apenas leves ferimentos.

A conferência de Imprensa desta manhã no Ministério dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da página anterior)

Observou o ministro que para além dos propósitos enunciados fica toda a problemática das relações luso-brasileiras, quer no plano dos problemas concretos quer no plano propriamente político.

Em 1960, conforme acentuou, Portugal assinou com o Brasil alguns acordos relativos ao estatuto dos nacionais de um país no outro, à representação de um país pelo outro onde um deles não tivesse serviços diplomáticos. Não tendo sido ratificados, não foram ainda executados os acordos que então se firmaram. «Por nossa parte, estamos preparados para o fazer em qualquer momento» — disse o ministro.

Sugerida a edição de livros portugueses no Brasil

Referiu-se também o ministro

Franco Nogueira ao problema do livro português no Brasil. Lembrando que o livro brasileiro tem livre circulação na Metrópole e nas províncias ultramarinas e que, nestas, são brasileiros cerca de 40 por cento de todos os livros importados, disse julgar legítimo que da nossa parte dispuséssemos de idêntico benefício, para o que talvez se imponha uma iniciativa conjunta de editores portugueses no sentido de fundar no Brasil uma editora do livro português.

Tratou, seguidamente, de outros problemas culturais de interesse luso-brasileiro, como o dos livros escolares comuns, o da linguagem, etc. Disse ainda que o estatuto da emigração, que interessa a ambos os países, necessita de revisão, o mesmo acontecendo com os acordos económicos, que datam de há 16 anos. Portugal está pronto a

abrir conversações sobre todos estes problemas.

«Que ideia queremos fazer da Comunidade Luso-Brasileira?»

Tudo quanto referira, acrescentou o dr. Franco Nogueira, eram simples pormenores, relativamente à questão fundamental: que ideia ou concepção queremos fazer da Comunidade Luso-Brasileira?

A esse propósito, acentuou que as relações entre Portugal e o Brasil não podem estar à mercê de revisões periódicas, nem sofrer dos modismos ideológicos. Os dois povos e os dois Governos têm de se orientar apenas pelos interesses comuns, mesmo que não sejam entendidos pelo resto do Mundo ou tenham de seguir à parte e mesmo contra este.

Perguntas e respostas

Respondendo, depois, a numerosas perguntas, o sr. dr. Franco Nogueira afirmou, entre outras coisas, que o alargamento da comunidade luso-brasileira desejada por Portugal e, também, pelo Brasil, pode levar à defesa comum do património comum, incluindo uma colaboração militar; que Portugal fez reparos firmes e objecções à parte do comunicado da reunião da Comunidade Britânica que se refere às províncias ultramarinas portuguesas; que Portugal, não vendo motivo para nova reunião do Conselho de Segurança sobre os territórios portugueses de África, assistirá a essa reunião, para ouvir e argumentar e que, acerca da decisão do conselho executivo da Unesco de excluir Portugal das reuniões promovidas por aquela entidade, o Governo português enviou uma longa exposição, requerendo que o problema da legalidade de tal decisão fosse submetido ao Tribunal de Haia.

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

O espanhol Blanco (Inuri) ganhou a contagem de hoje para o «Prémio da Montanha»

MURÇA, 5. — (Pelo telefone). — Partiram de Chaves, com destino a Bragança (8.^a tirada da «Volta», no total de 165 quilómetros), 63 corredores. Deu a partida o chefe da Polícia, José Peixoto, sendo o presidente do Desportivo de Chaves, Armando Falcão, quem vestiu a camisola amarela a Peixoto Alves. O tempo estava fresco e o sinal da largada foi dado às 9 horas. Pela primeira vez, em seis dias, uma tirada em linha começava da parte da manhã.

A passagem dos quatro quilómetros tentaram fugir José Vieira (Ov.), Ramon Saez (Inuri), Manuel Correia (Sp.) e Augusto Fortes (Bf.). Mas a tentativa foi anulada poucos quilómetros depois.

Nos troços a subir, os corredores espanhóis da Inuri e da Olsa marcaram a cadência. Nas zonas planas, sportinguistas e tavienses impunham o ritmo. Ainda por intermédio de José Vieira (Ov.) houve hipótese de fuga, mas o pelotão impôs-se, embora o seu andamento fosse moderado.

Percorreram-se 33 quilómetros na primeira hora. O sol apareceu e o vento era muito fraco.

Vila Pouca de Aguiar foi atingida às 10 e 6, em pelotão compacto. Entretanto, o portista José Pinto desistiu e partiu-se um pedal da bicicleta ao sportinguista Albano Ferrer.

Começou a subida do Alto da Presa (Prémio da Montanha) e a ordem de passagem foi a seguinte:

- 1.º, António Blanco (Inuri)
 - 2.º, Herman Vranker (Fl.)
 - 3.º, Sérgio Páscoa (Tav.)
 - 4.º, Leonel Miranda (Sp.)
 - 5.º, Ramon Saez (Inuri)
- Seguidos do pelotão, todos com 1 h. 25 m. e 27 s.
- A passagem em Murça verificou-se às 11 h. e 11 m., com 13 minutos de atraso em relação ao horário. O ovariense Laurentino Mendes comandava o grande pelotão, onde reinava a calma e a vigilância.

NO TRIBUNAL PLENÁRIO AUXILIAR os advogados de defesa dos estudantes continuaram hoje as suas alegações

No Tribunal Plenário Auxiliar da Boa Hora continuaram esta manhã as alegações dos advogados de defesa. E' de registar uma nota verdadeiramente estranha e que caracteriza a nossa actual advocacia, da sua preparação e da sua consciência profissional — a de terem falado, até agora, duas dezenas de advogados, diferentes no temperamento, na sua forma de exposição e na maneira de encarem os problemas, mas mantendo uma altura mental e moral que todos reconhecem constituir uma das notas mais expressivas deste importante julgamento. Com vinte defesas seguidas, sendo essencialmente o mesmo o teor da incriminação dos seus constituintes, os advogados não se têm repetido, nem têm fatigado o tribunal.

Com nomes grandes do foro português, alguns ocupando até cargos dos mais altos da Ordem, outros menos conhecidos e alguns jovens que dão os primeiros passos nas lides forenses, a defesa dos 31 estudantes tem marcado efectivamente o nível da advocacia portuguesa dos nossos dias.

Na audiência de ontem à tarde o dr. Acácio de Gouveia apresentou a defesa do estudante José Manuel Tavares de Moura. Aludiu, em determinada altura, com palavras da maior admiração e elogio, à palestra do nosso director, dr. Norberto Lopes, no Rotary Club, sobre «Jornais e jornalistas», da qual leu algumas passagens, e falou de como a acção da Imprensa tem de se exercer. Terminou por pedir a absolvição de todos os réus.

Depois foi o dr. Parada de Oliveira que apresentou a defesa do sr. Joaquim M. de Oliveira Vital e fê-lo com vibração e entusiasmo. Analisou os autos no que se refere ao seu constituinte cuja absolvição pediu.

O dr. Vasco da Gama Fernandes, com a sua eloquência de estranha sensibilidade e emoção, proferiu depois a defesa do sr. José Palminha. Como os seus antecessores, também o dr. Vasco da Gama Fernandes englobou todos os rapazes e raparigas que se encontram na teia, para salientar a sua generosidade, espírito de irreverência — as aspirações da juventude. Referiu-se aos

depoimentos de mestres universitários como Barahona Fernandes, Celestino da Costa.

O dr. Correia da Mota, defendeu depois o sr. José Caeiro Costa, dissecando o processo para concluir por solicitação a absolvição de todos os réus.

Por fim falou o dr. Joaquim Pires de Lima, um dos mais jovens advogados, que apresentou a defesa do sr. Luís Filipe Salgado de Matos. Peca notável a daquele caudado, na qual, a serenidade aliou uma emoção que transparecia a cada passo na entoação viva com que sublinhava certos aspectos do problema.

Dissecou os autos. Terminou pedindo a absolvição do seu constituinte.

VAI CONSTRUIR-SE

a Esco'la Industrial e Comercial de Santarém

Vai a concurso, no próximo dia 18, com a base de licitação de 9371 contos, a empreitada de construção da Escola Industrial e Comercial de Santarém.

Provas de doutoramento na Universidade de Lisboa

O dr. Fernando Abreu de Carvalho Araujo vai prestar provas de doutoramento em Medicina na Universidade de Lisboa.

VIAGENS NACIONAIS E AO ESTRANGEIRO

A C. P. facilita-lhe sem qualquer encargo, a entrega do seu bilhete de caminho de ferro, quer para viagens nacionais, quer para viagens internacionais, em sua própria casa ou no seu escritório.

Utilize para sua comodidade mais este serviço da C. P., requisitando pessoalmente o seu bilhete nos Despachos Centrais do caminho de ferro, em Lisboa. — APROVEITE ESTA OFERTA — POUE TEMPO E POUE PASSOS

Custou três mil contos a piscina da Sociedade Filarmónica Artística Piedense que se inaugura no sábado

Inaugura-se no próximo sábado, com um festival de natação que principia às 21 e 30, e no qual se farão representar todas as colectividades que se dedicam à modalidade, a piscina que a Sociedade Filarmónica Artística Piedense construiu em terrenos anexos à sede da agremiação, na Cova da Piedade.

Numa conferência com os representantes da Imprensa, e durante um beberete a estes especialmente dedicado, o presidente da direcção da colectividade expôs em pormenor a importância da obra realizada, na qual se gastaram três mil contos, o que por si só permite fazer uma ideia da grandiosidade do empreendimento, de envergadura excepcional para uma sociedade recreativa. A piscina tem a forma de um L e mede 25 x 20 x 12,5 x 10 metros. O conjunto inclui uma piscina infantil e dois grupos de balneários com 22 cabanas com duchas quentes e frias.

A aparelhagem de purificação constante da água, em que foram gastos 475 contos, permite que esta seja mudada apenas de seis em seis meses, sem nenhum inconveniente.

O aspecto do conjunto é muito agradável e valorizado com um sistema de dezoito projectores que iluminarão a superfície da água debaixo para cima. Esses projectores, fixados no fundo da piscina, custaram 198 contos.

A população local, que vai beneficiar desta valiosa iniciativa, está

entusiasmada com a sua próxima inauguração. Ao acto presidirá o governador civil de Setúbal e assistirão as autoridades e os representantes das forças vivas do concelho de Almada.

O «Diário de Lisboa» no próprio dia em que sai encontra-se à venda nos seguintes locais e às horas a seguir indicadas

Alcácer do Sal	16.00
Grândola	16.20
S. Tiago do Cacém	16.45
Odemira	17.30
Aljezur	18.10
Lagos	18.30
Portimão	18.50
Armação de Pêra	19.15
Albufeira	19.40
Loulé	20.00
Faro	20.30
Torrão do Alentejo	16.50
Ferreira do Alentejo	17.40
Ervidel	17.50
Aljustrel	18.20
Castro Verde	18.50
Almodovar	19.25
S. Braz de Alportel	21.00
Beja	18.20
Sines	17.30
Tunes	21.00
Olhão	22.10
Tavira	22.45
V. Real de Santo António	23.25
Praia da Rocha	19.30
Ferragudo	19.35
FUNCHAL	18.30

Faculdade de Letras de Lisboa

Vai ser adaptada uma zona da Faculdade de Letras de Lisboa a novas salas de aulas e a outras instalações. A base de licitação do concurso é de 1250 contos.

Ora, diga-nos...

—Pensa que será um português a ganhar a «Volta»?



● Em primeiro lugar, inter-rogámos o sr. António José de Almeida, vende-
dor ambulante.
Respondeu-nos:

— Penso que sim, mas, por enquanto, é difícil dizer qual. Gosto de ciclismo e, por isso, tenho prestado atenção ao andamento da Volta. Há muitos anos que assim procedo. Já tenho visto passar os

corredores, em provas semelhantes
DEBULHADORA
e cereal consumidos
por um incêndio

em Arraiolos

ARRAIÓLOS, 5 — Ontem, de tarde, na herdade da Palaqueira, pertencente ao sr. José Joaquim Sofia, ateou-se violento incêndio na eira. Os prejuízos foram totais: ardeu, além da palha, todo o cereal — trigo e cevada — e a debulhadora.

Os prejuízos são superiores a 300 contos, mas estão cobertos pelo seguro.

Suspeita-se que a causa do sinistro tenha sido uma ponta de cigarro. Os bombeiros compareceram, mas não puderam evitar os prejuízos totais.

OS NOVOS PREÇOS das consultas no hospital de Évora

ÉVORA, 5. — Pelo novo regulamento, o preço das consultas no Hospital da Misericórdia de Évora é o seguinte:

Consulta geral sem apresentação de documento do Instituto de Assistência à Família: 60\$00.

1.ª consulta com apresentação do documento, no escalão mais baixo, 6\$00; 2.ª consulta, 3\$50.

Os utentes do escalão A estão isentos de qualquer pagamento.

VIDA MUSICAL

Audição de trompetistas no Auditório Gulbenkian

Amanhã, às 18 horas, no Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, à Avenida de Berna, haverá uma audição dos músicos inscritos no Curso de Trompete que o professor Helmut Hunger tem vindo a reger, a convite da Fundação.

Dada a categoria do professor e o facto de naquele curso terem tomado parte alguns dos nossos melhores instrumentistas da especialidade, aquela audição não deixará, decerto, de despertar o maior interesse. A entrada é livre.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na igreja de S. Domingos de Benfica, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Isabel Maria Francisco Oliveira Manaia, filha da sr.ª D. Etelvina do Rosário Francisco Oliveira Manaia e do sr. Eugénio de Oliveira Manaia, funcionário judicial do 6.º Juízo Cível de Lisboa, com o sr. António Rui de Sousa, funcionário do L. N. E. C. e estudante do I. S. Técnico, filho da sr.ª D. Alexandrina Rui de Sousa, já falecida, e do sr. António Lopes de Sousa Junior, importante industrial em Barreiras do Tejo — Abrantes.

Foram padrinhos, pela noiva, a sr.ª D. Maria Arlete de Jesus Reis e o sr. dr. Querubino Martins, advogado em Lisboa; pelo noivo, seu pai e sua irmã, sr.ª D. Maria Júlia Rui de Sousa Marcos.

Presidiu o rev. padre Carlos, da Ordem dominicana, que fez aos noivos uma alocução sobre a família cristã na hora presente.

Depois, foi servido um copo-d'água a todos os convidados e familiares.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País e fixam residência em Lisboa.

PORSCHE 1600 S

Vendo, Part. Novo. Mostra Av. Elias Garcia, 14-16.

A BALEIA voltou o barco e morreu um pescador açoriano

PONTA DELGADA, 5 — (L.) — Ao largo das Capelas, quando cinco marítimos das armações baleeiras procediam ao arpoamento de uma baleia, esta voltou a embarcação com uma forte pancada da cauda. Todos os pescadores foram projectados no mar tendo desaparecido Agostinho de Amaral Miguel, casado e pai de cinco filhos menores, aos quais a Mutua da Casa dos Pescadores já está a prestar assistência.

Apesar das intensas buscas efectuadas, o corpo do infeliz Miguel nunca mais apareceu.



● Empregado num restaurante, Manuel Pereira Fernandes, a quem formulámos a nossa pergunta depois, disse-nos:

— Estou convencido de que o vencedor da Volta vai ser um português. Quem? Um dos corredores do Benfica, por exemplo. Quanto a mim são dos corredores com maiores possibilidades.

Interesso-me pela Volta. Quando os ciclistas chegarem a Lisboa, vou vê-los ao estádio. Na minha opinião, os estrangeiros podem obter boas classificações, mas não ganham a Volta.



● Por último o sr. Acácio Franco, barbeiro, interrogado, afirmou-nos:

— Há um belga, Gevaert, que, a meu ver, tem muitas possibilidades. Penso que a Volta tanto pode ser ganha por um português como por um estrangeiro, pois ainda falta muito para terminar. Pode haver grandes surpresas, principalmente no Alentejo. Os portugueses também têm inúmeras possibilidades de ganhar, especialmente Mário Silva, Peixoto Alves e Carlos Carvalho. Sou adepto do Benfica e interesso-me bastante por todos os desportos. No que diz respeito às Voltas, tenho visto muitas passagens e chegadas de corredores. Recordo-me de ver correr José Maria Nicolau, César Luís e, mais recentemente, Alves Barbosa. Olhe, no que diz respeito à classificação por equipas, estou convencido que o Benfica vai obter o primeiro lugar.

A CIDADE Pequenos casos de rua...

Os pequenos casos de rua, levados ao tribunal, revestem-se, por vezes, de aspectos que põem tanto a prova a consciência dos magistrados, como as grandes causas. São, frequentemente, leves ressentimentos, consequências de passagens mais desastrosas, trocas de palavras mal compreendidas, que poderiam reflectir-se, com pesados efeitos, nas pessoas envolvidas se não estivesse, na verdade, bem presente a atenção do juiz, com ponderação e sentido humano das realidades.

Este simples incidente, que teve o seu desfecho no Tribunal de Policia, é precisamente um desses

que se podem apontar como exemplo — exemplo de como um pequeno, nada se pode complicar e de como um juiz consegue discernir sobre a justa medida do acontecimento e do seu alcance.

O sr. António Matos, residente na Quinta da Alegria, em Almada, foi levado ao banco dos réus sob a acusação de ter dado fuga a um ciclista que estava a ser autuado no Campo das Cebolas e, além disso — e para cúmulo! — ter dado uma cabeçada no autuante.

O juiz, é claro, pretendeu saber bem como as coisas se passaram e só depois disso ditou a sua sentença, que, por sinal, absolveu o réu.

E' certo que o autuante começou por manter a acusação, mas, instado pelo magistrado, foi esclarecendo o assunto, reduzindo as proporções do caso. Uma testemunha, que era de acusação, expôs com dignidade o que presenciara, sem cuidar de que lado fora dada:

— Este homem que está a responder não cometeu nenhum dos delitos de que vem acusado.

E explicou:

— O captor pediu os documentos ao ciclista, para o autuar por falta de luz na bicicleta. Ele puxou por alguns papéis, mas, após uns instantes, ambos se envolveram em confusos movimentos. Foi então que o réu se dirigiu ao captor, tocando-lhe no braço, em atitude suplicante, a pedir que deixasse ir em paz o ciclista. Este montou na bicicleta e fugiu.

O juiz e o delegado do Ministério Público instaram a testemunha e ouviram o captor, que, depois de várias hesitações, disse que, se não fosse o réu estar a pedir-lhe que deixasse o ciclista, este não teria fugido, aproveitando a sua distração.

Observação do juiz:

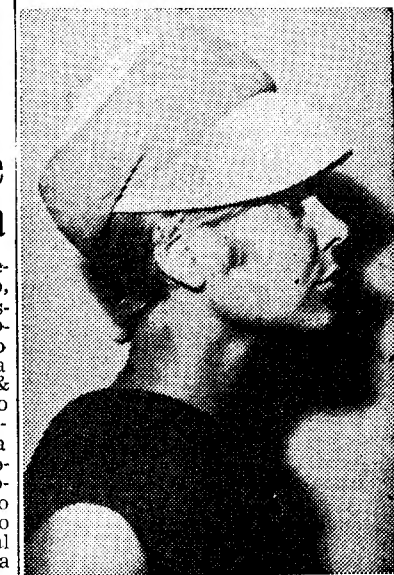
— Mas olhe que a testemunha apresentada por si...

Não foi necessário prolongar mais o sumário julgamento para se reconhecer onde estava a verdade, e o magistrado pôde, assim, absolver, em perfeita consciência, o réu, que, se não fosse a insistente preocupação do juiz, teria pago cara a sua intervenção benevolente em favor do ciclista desconhecido.

Gesto digno de louvor

Um empregado comercial, para almocar mais à vontade, num restaurante da Rua da Lapa, despiu o casaco e colocou-o em cima de um barril. Ao retirar-se, inadvertidamente, deixou cair para detrás do mesmo barril, a carteira, com cinco mil escudos, que recebera de um cliente, e toda a sua documentação.

Afortunadamente para ele, quem encontrou a carteira foi o guarda da P. S. P. n.º 4291, da 12.ª esquadra, Manuel José da Silva, que se mostrou incansável a procurá-lo, pelo telefone e pessoalmente, até o encontrar, e que se recusou terminantemente a receber qualquer lembrança.



No próximo Inverno, as elegantes parisienses usarão bonés como este, de veludo, com uma pala comprida sobre os olhos. Muitos rostos femininos, certamente, serão favorecidos por este novo capricho da moda

CORRESPONDÊNCIA DE PARIS

(Continuação da 1.ª página)

provincia do Catanga Oriental. Nos termos da Constituição os dois cargos são incompatíveis. Tschombé assumiu interinamente a gerência da pasta do Interior, mas o presidente Kasavubu não concordou e não se limitou a nomear um novo ministro do Interior na pessoa de Vitor Nendaka, antigo chefe dos serviços de Segurança. Nomeou também Secretário da Informação e Turismo e ministro da Juventude e Desportos dois dos seus amigos, Emanuel Sindia e Ndamu.

Há quem atribua ao chefe de Estado o desejo de alargar o actual gabinete fazendo entrar nele antigos políticos que exerceram importantes cargos publicos antes da nomeação, há um ano, de Tschombé para presidir ao Governo. Este, por seu lado, opõe-se a qualquer remodelação ministerial pelo menos antes da convocação do Parlamento. Além deste motivo de divergência, Nendaka pertence ao famoso grupo Binza do qual faziam igualmente parte outros políticos que antes de 1960, desempenharam os mais importantes papéis na vida publica congolesa, como o general Mobutu, o antigo chefe do Governo Adoula e o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Bomboko. Com a subida de Tschombé ao poder esses políticos passaram a uma completa obscuridade, mas há pouco tomaram a iniciativa de uma violenta campanha a favor do presidente Kasavubu, cuja situação em Leopoldville é muito forte e que recentemente, numa entrevista, manifestou a intenção de tomar

uma parte mais activa na politica e na administração do país.

Independentemente das opiniões que possam emitir-se sobre as eleições que ainda não terminaram, estas destinam-se a reforçar a posição de Tschombé como presidente do Governo de transição, pois no próximo parlamento calcula-se que ele possa dispor de uma maioria de 166 votos a qual lhe é assegurada pelo apoio da Convenção Congoleza (Conaco). Se assim acontecer, será então muito difícil ao presidente Kasavubu afastar Tschombé do poder, tanto mais que este terá, entre outras, a missão de ratificar a eleição do chefe do Estado. Além disso Tschombé reforçou o seu prestigio pessoal junto dos países africanos, conseguindo a entrada do seu país na Organização Comum Africana e Malgache (OCAM), embora os dirigentes de outros países africanos continuem a chamá-lo o Judas da África. Na verdade tudo se passa como se o golpe de Estado de 19 de Junho em Argel, ao qual se seguiu o adiamento da segunda conferência de Bandung, além de dar aos dirigentes do terceiro mundo novos motivos de preocupação, desviasse de Tschombé os raios com que incessantemente o fulminavam a R. A. U., o Ghana, a Guiné, o Mali e a Tanzânia.

Mas as vicissitudes da África revolucionária serviram os desejos de Tschombé, as relações deste com o seus vizinhos, especialmente com o Governo do Congo-Brazzaville, são cada vez mais tensas, pois esse Governo não perdoa a Tschombé o facto de conservar em Leopoldville o antigo presidente Fulbert Youlou e os seus partidários o que não é de molde a facilitar as boas relações entre os dois Congos vizinhos. Nestas condições, ou Kasavubu e Tschombé prosseguirão na sua rivalidade subterranea para o domínio do poder ou se juntarão para resolver os problemas do Congo, especialmente os problemas económicos, dando-lhe um Governo representativo, como sugeriu o antigo chefe do Governo Adoula, e sobretudo conseguindo através da Organização dos Estados Africanos, uma colaboração efectiva desses Estados a fim de pôr termo às dificuldades suscitadas pela hostilidade dos seus vizinhos.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

LUTA LIVRE AMERICANA CAMPO PEQUENO

(SOC. CAMPO PEQUENO, LDA. ÉPOCA 74 ESP. 19)

AMANHÃ SEXTA-FEIRA, DIA 6 (ÀS 21.45)
CINTURÃO DE LISBOA de 1965

PRÉMIO DE 25 CONTOS AO VENCEDOR

GRANDE TORNEIO COM OS MAIORES

COLOSSOS DE

PORTUGAL e ESPANHA

TARZAN
(TABORDA)
(Campeão da Europa)

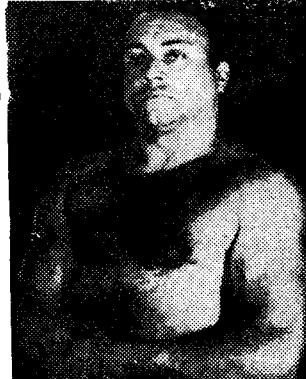
contra

TÁGUA
(Campeão de Andaluzia)
GEN-GISKAN

(Campeão de Espanha)

contra
JESUS
CHAUSSEON

(Ex-campeão da Europa)



KID MAX
(Chalanger ao título de pesos)

GALLARDO
(Campeão de Espanha m/pesados)

contra

KID MAX
(Chalanger ao título de pesos)

FERRANTE
(Campeão de Castilha)

contra

MATEUS
(Feroz lutador português)

O PRÉMIO TENTADOR IRÁ PROPORCIONAR
UM ESPECTÁCULO FABULOSO

Bilhetes à venda nas bilheteiras dos Restauradores e no Campo Pequeno no dia da sessão a partir das 20 horas

(MAIORES DE 17 ANOS)

Ciclomotorista

ferido num choque com uma furgoneta

MONTARGIL, 5 — O sr. Hermenegildo do Rosário Vital, casado, tractorista, natural e residente nesta freguesia, quando seguia de motorizada, para sua casa, chocou no Carvalho com uma furgoneta pertencente à firma Roncero & Torres, Lda., do Rossio ao Sul do Tejo. O condutor da motorizada ficou caído na valeta da estrada, a contorcer-se com dores, e a motorizada desfeita. O sr. Manuel Lopes Fernandes passou no local do desastre e transportou-o ao posto clínico da Casa do Povo, no qual foi tratado a vários ferimentos na cabeça e numa perna, pelo sr. dr. Barbosa Martins, recolhendo depois a casa, por não ser grave o seu estado.

Os passageiros da furgoneta não sofreram nada, mas o veículo ficou também amachucado.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- O empresário Vasco Morgado alugou o Teatro Ginástico do Rio de Janeiro. Com ele se iniciará um efectivo intercâmbio Teatral luso-brasileiro.
- Só em Setembro se estreará, no Rio de Janeiro, a Companhia Teatro Alegre, dirigida por Henrique Santana.
- O artista Luís Saraiva, que veio passar férias em Sesimbra, dará ali quatro espectáculos, no

Teatro da Companhia Rafael de Oliveira, esta noite e nos dias 12, 19 e 26.

NO MONUMENTAL

Continua o êxito da peça «O Comprador de Horas»

Perante lotações esgotadas e há já sete semanas, o público aplaude a extraordinária peça de Jacques Deval «O Comprador de Horas»,

que todas as noites, às 21 e 45, se apresenta no palco do Monumental. Um notável núcleo de artistas representa para o público de Lisboa a fabulosa peça, que constitui, de momento, o melhor espectáculo da época estival. No desempenho contam-se, por ordem de entrada em cena, Nicolau Breyner, Carlos Queirós, Henrique Viana, Delfina Cruz, Isabel de Castro, Carlos José Teixeira, Rolando Alves, Paulo Renato, Tomás de Macedo, Alma Flora, Helena Vieira, Alda Pinto, Rita Nobre, Luís de Campos e Rui de Carvalho.

«O Comprador de Horas» é um magnífico espectáculo para maiores de 17 anos.

êxito, alcançado por esta comédia não deixa dúvidas de que Alec Coppel encontrou, em Solnado e em toda a companhia, intérpretes á altura do seu espírito.

«Desculpe se o matei!» é interpretada por Raul Solnado, Barroso

Lopes, Isabel Ruth, Armando Cortês, Nicholson, Georgina, Clara Rocha, Luís Pinhão, Pedro Pinheiro e ... um que sabia de mais (por isso foi morto). A peça exhibe-se todas as noites às 21 e 23, para maiores de 12 anos.

CASINO ESTORIL

APRESENTA HOJE À NOITE EM ESTREIA



FRIDA BOCCARA

VEGETA DA CANÇÃO ITALIANA

E, AINDA, NUM MAGNÍFICO «SHOW»

FRERES CARDINALE

EXÍMIOS FANTASISTAS MUSICAIS

ALFREDO DUARTE JÚNIOR

CONSAGRADO INTERPRETE DO FADO

BALLET ESPANHOL

ANGEL PERICET

MÚSICA PARA DANÇAR PELOS CONJUNTOS DE

VÍTOR CAMPOS ★ Fernando Conde e «Os Siderais»

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias jantar, 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 17 e 21 e 30: «QUERIDA BRIGITTE»
(A tarde e à noite para maiores de 12 anos)

TODOS OS DOMINGOS, «Matinée», às 17 horas, com o «show» habitual—Chá completo 25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam, também, todas as noites no Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

MAIORES DE 17 ANOS

NO TEATRO VILLARET

«Desculpe se o matei!»
interpretada pela companhia de Raul Solnado

Depois da Broadway e Paris, Lisboa rende-se ao espírito e à malícia de «Desculpe se o matei!» do escritor norte-americano Alec Coppel. Traduzida por Armando Cortês e Artur Ramos da adaptação francesa de Claude Magnier, esta comédia iniciou, de maneira auspiciosa, a época de Verão do moderno Teatro Villaret.

A crítica aplaudiu calorosamente o espectáculo, tendo justamente distinguido Raul Solnado, pois o

ABC
AO AR LIVRE
Telef. 366745
JOSE MIGUEL
APRESENTA EM
2 SESSOES
às 21 e 23 h.

A GRANDE E ALEGRE REVISTA POPULAR
DÁ-LHE AGORA!
POR UM NOVO E COLOSSAL ENLECO!
Ad. M/ 17 anos

DÁ-LHE AGORA!
POR UM NOVO E COLOSSAL ENLECO!
Ad. M/ 17 anos

COLISEU
Emp. Ricardo Covões Herds.
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)
O GIGANTESCO FILME
ULISSES
contra
HÉRCULES
PREÇOS POPULARES

HOJE EM ESTREIA AS 21.30 NO POLITEAMA

AGORA OU NUNCA
(Target Zero)

UM FILME DE INTENSA ACÇÃO

A HISTÓRIA DRAMÁTICA DE UM GRUPO DE COMBATENTES PERSEGUIDOS PELA FÚRIA DEMONÍACA DE UM INIMIGO QUE OS ESCOLHEU COMO ALVO PARA AS SUAS ARMAS

DA SUA TEMERIDADE E BRAVURA NASCEU A ODISSEIA DE UM PUNHADO DE HERÓIS NUMA MARCHA TENEBROSA PARA O PESADELO

RICHARD CONTE • PEGGIE CASTLE

CHARLES BRONSON • RICHARD STAPLEY • L.Q. JONES • CHUCK CONNORS

PRODUÇÃO DE **DAVID WEISBART** REALIZAÇÃO DE **HARMON JONES**

MAIORES 12 ANOS UM EXCLUSIVO **ASTÓRIA FILMES**

MONUMENTAL

TELEF. 55 51 33
TEATRO AS 21.45 H.
LAURA ALVES em O COMPRADOR DE HORAS
7ª SEMANA com PAULO RENATO • RUI DE CARVALHO
(ADULTOS) Um espectáculo de VASCO MORGADO

POUSADA DE S. JOÃO BAPTISTA BERLENGA

Previne os seus estimados Clientes e Amigos que no próximo domingo, dia 8 do corrente, tem a sua sala de jantar ocupada com um banquete, não podendo, por essa forma servir almoços, do que pede desculpa e agradece.

O CONCESSIONÁRIO

QUE É UM BANCO

1ª EXPOSIÇÃO ITINERANTE SOBRE A BANCA, SUA HISTÓRIA E ACTIVIDADE

aberta ao público, todos os dias, até 10 de Agosto, das 18 h às 23 h e aos sáb. e dom. das 15 h às 24 h

PRAÇA DE ESPANHA (PALHAVA)

promovida e organizada pelo:

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

OS DOIS PRIMEIROS ESPECTÁCULOS do II Festival do Algarve

O II Festival do Algarve, que, sob a direcção da poetisa Fernanda de Castro, se realizará, a exemplo do ano passado, com o patrocínio do Comissariado do Turismo e dos órgãos locais do turista no Algarve, inicia-se no próximo dia 12 de Agosto, pelas 22 horas com um espectáculo no histórico Castelo de Silves pela Companhia Teatro-Ballet, a qual, debaixo, da orientação da notável coreógrafa Agueda Sena, apresentará um programa de

alto nível estético. A 1.ª parte será preenchida por um «ballet» sobre a «Ave-Maria», de Gounod. A 2.ª parte obedecerá ao tema «Cenas do mar» e a 3.ª será constituída por um bailado coreografado sobre o poema de Gomes Leal «A Rainha de Cachemira». O espectáculo conta, na parte de dicção, com as vo-

zes de Carmen Dolores e Norberto Barroca.

No dia 15 de Agosto, em Albufeira, realiza-se o 2.º espectáculo do Festival, preenchido pelo 1.º andamento da «Sinfonia Portuguesa», especialmente concebida para apresentação ao público estrangeiro dos usos e tradições artísticas mais representativos das diversas províncias portuguesas. Serão apresentadas danças e cantares do Douro, Estremadura e Baixo Alentejo, com a intervenção dos conjuntos folclóricos de maior renome de cada provincia, além da colaboração especial da grande artista Amália Rodrigues.

Os dois espectáculos de abertura do II Festival do Algarve constituirão pois, em géneros diferentes, duas relevantes manifestações da cultura e da arte portuguesa.

Uma sátira hilariante no Teatro Vasco Santana

Uma das armas mais eficazes inventadas pelo espírito humano contra muitos dos males que afligem a sociedade é, sem dúvida alguma, o riso. Esta é uma das maiores verdades conhecidas do homem desde tempos imemoriais. A sátira pode ser tão contundente e certeira que a história do humorismo relaciona inúmeros casos do encarceramento de acazes autores de sátiras mais violentas. Vêm estas palavras a propósito da peça actualmente em cena no Teatro Vasco Santana (Feira Popular): «Ela, Ele e os Complexos». Nesta peça, o autor, o famoso escritor francês Jean Bernard-Luc, dirige a sua sátira aos psicanalistas amadores que, intérpretes deficientes das doutrinas de Freud, estabelecem maior confusão do que conseguem

esclarecer os espíritos psicologicamente confusos. Uma mulher assiste a uma conferência realizada por um desses psicanalistas-amadores e, regressada ao lar, até então feliz e tranquilo, começa a descobrir no marido os mais alarmantes sintomas de desequilíbrio mental... Daqui parte uma série de situações bem urdidas que têm tanto de hilariantes quanto de oportunas.

Helena Félix, Joaquim Rosa, Jorge de Sousa Costa, Maria Laurent, Adelaide João, Julia Babo, António Vilela, Idalina de Almeida e Zita Duarte são os excelentes intérpretes de «Ela, Ele e os Complexos», um espectáculo que diverte, sem diminuir o elevado nível artístico a que já nos habituou a jovem Companhia Teatro Estúdio de Lisboa.

Cartel de gala para a Corrida da Imprensa - 65

A notícia da realização da Grande Corrida da Imprensa, este ano, suscitou o maior entusiasmo na nossa «aficção». E o caso não é para menos, pois, o cartel que actuará no cenário majestoso da Monumental Praça de Cascais reveste-se de palpante interesse, até na particularidade de duas reaparições sensacionais. Desde aquela tarde luminosa, na praça de Barcelona, em que um moço nosso compatriota, «fez o passeio», entre «Gitanillo de Triana», António Bienvenida e «Parrilla», que os portugueses acreditaram no clacissismo, no sentido artístico e no conhecimento do toiro, de Diamantino Viseu, que solenemente tomara a alternativa, após ter vencido e convencido como novilheiro. O nosso primeiro matador tão discutido, o que compreende um interesse especial, suportou o aparecimento de figuras de reinado efémero e discutível, e requintando com o rodar do tempo a essência do seu toureiro. Incompreensivelmente afastado do afilhado lisboeta, pareceu-nos a melhor altura para uma reaparição com foros de sensacionalismo. E' que está na memória dos aficionados, a recente actuação de Diamantino em Vila Franca de Xira. Senhor de faculdades físicas e artísticas, Viseu demonstrou, para além de controvérsias e paixões, que está como nunca, disposto à competição. As duas extraordinárias faenas foram preambulo, do que se pressente para a grande Corrida da Imprensa. A beleza do toureiro de Diamantino, lá estará presente, não como confirmação (desnecessária), mas como afirmação de vitalidade e de verdade. Com Diamantino Viseu, alternará António dos Santos, que também, inexplicavelmente, há duas temporadas não toureia em Lisboa ou cercanias. António dos Santos, verdadeiro maestro, tem essa facilidade rara de poder com os touros, pois tourear não é dar passes com a figura composta, simular uma ligação, em suma andar à mercê do touro. O verdadeiro aficionado, e é para ele que escrevemos, tem consciência do que é tourear, lidar, resolver um problema, salpicar de beleza a lição admirável. Julgamos que António dos Santos, o outro grande ausente, preencherá com o pundonor habitual, a competência com Diamantino Viseu. Uma grande tarde de touros em perspectiva, num ambiente mundano, mas absolutamente acessível à nossa «aficção». A cavalo, teremos o toureiro da emoção e da verdade. A emoção é vital à festa e sem ela entramos na monotonia, basta o condicionalismo a que estamos sujeitos, em matéria tauromáquica. Neste grande acontecimento da vida taurina nacional soa bem o nome de Manuel Conde, um dos grandes esteios que garantirá a perenidade do toureiro equestre. Completa este extraordinário cartel o cavaleiro José Nuncio, filho do Califa de Alcácer, que está primorosamente montado, disposto a retomar a senda dos êxitos que o levaram à alternativa. Os touros apartados há muito, para esta sensacional corrida, pertencem a esse extraordinário aficionado, que é D. João de Mascarenhas. Trata-se de um nome sobejamente conhecido que dispensa grandes comentários, pois, a sua competência, tem contribuído para os inúmeros êxitos da sua ganade-

ria. Com todos estes aliciantes a Grande Corrida da Imprensa promete.

EM



SURGE A MAIS EXCITANTE

FIGURA DO MUNDO DA CONTRA ESPIONAGEM

JAMES BOND

O HOMEM QUE TRANSFORMOU A TÉCNICA DO AMOR NUMA ARTE...
E A ARTE DE MATAR NUMA CIÊNCIA!!!

PARA SATISFAÇÃO, DE
MILHARES DE "BONDISTAS"

APRESENTA HOJE EM SENSACIONAL
REPOSIÇÃO O CÉLEBRE

SÃO JORGE

AGENTE SECRETO*007

*007

O duplo "0"

autoriza-o a matar

quem quiser... onde quiser...

quando quiser!!!



HARRY SALTMAN e ALBERT R. BROCCOLI apresetan FLEMING'S Dr.No com SEAN CONNERY
URSULA ANDRESS JOSEPH WISEMAN JACK LORD e ainda BERNARD LEE Aguarda de RICHARD MATHURON
JOHANNA HARWOOD e BERNLEY MATHER Realiza de TERENCE YOUNG música compo de MONTY NORMAN Produtor HARRY SALTMAN
e ALBERT R. BROCCOLI. EQN PRODUCTIONS LTD. TECHNICOLOR® UNIPALME DE UNITED ARTISTS



MAIORES DE 17 ANOS

com
URSULA ANDRESS
PADRÃO MÁXIMO
DA ELEGÂNCIA FEMININA

FRIGORÍFICOS

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

Rua D.ª Estefânia, 48-1.º andar

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se na TABACARIA MARIASINHA, Rua Capitão Leitão, 134.

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

**«Ulisses contra Hercules»,
no Coliseu**

As espetaculares produções cinematográficas baseadas na mitologia

grega encontram na tela gigantesca do Coliseu as dimensões mais apropriadas, pois nela sobressaem as qualidades características deste género de películas. Isto ficou ontem demonstrado mais uma vez com a estreia da co-produção franco-italiana «Ulisses contra Hercules», filme arrebatador, pleno de acção e de imprevisto, que ombr

com as colossais produções americanas. As sequências, mesmo as mais inverosímeis, são trabalhadas com muito mérito pelo realizador Mário Caiano, que reuniu um conjunto de bons auxiliares na parte técnica e dispôs de um grupo de excelentes artistas, em que se evidenciam George Marshall, Michael Lane e a bela Alessandra Panaro. Os complementos são muito variados e interessantes. — Visor 33.

AS ESTREIAS DE HOJE

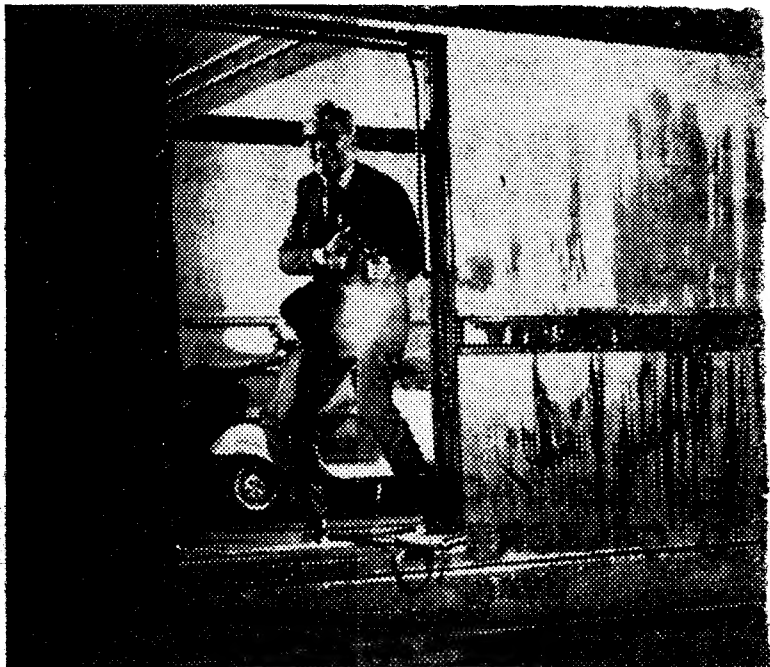
No Politeama

Título em português — «Agora ou nunca».
Título original — «Target zero».

Produção — Americana.
Realização — Harmon Jones.
Intérpretes — Richard Conte, Peggie Castle, Charles Bronson, Richard Stapley e Chuck Connors.
Género — Guerra.
Distribuição — Astória Filmes.
Processo — Norma! preto e branco.
Classificação — 12 anos.

**FILMES CASTELLO LOPES
APRESENTA**

**Um criminoso é descoberto
num comboio...
PERSEGUIÇÃO! DRAMA! «SUSPENSE»!**



**JACK PALANCE
YVONNE FURNEAUX**

O CRIMINOSO

(IL CRIMINALE)

FRANCO FABRIZI

Realização de
MARCELLO BALDI

**AMANHÃ
ESTREIA
no**



Adultos

**Festival
dos Grandes Filmes
de Aventuras
no Império**

Com a exibição do clássico «O irresistível forasteiro», inaugurou-se, ontem à noite, no Império, o Festival dos Grandes Filmes de Aventuras, composto de sete westerns que ficaram como padrões do género.

O êxito da interessante iniciativa da Empresa do Império está garantido, a julgar pela afluência do público no espectáculo inaugural: a sala encheu-se literalmente de um público conhecedor e apreciador de bom cinema.

O filme de abertura da série faz (Continua na página seguinte)

MAIORES DE 6 ANOS



FARO

INAUGURAÇÃO DA PRAÇA
DE TOIROS

DOMINGO, 8 DE AGOSTO

As 17 e 30

com a assistência do Ex.º Sr.
Governador Civil de Faro

GRANDIOSA CORRIDA
DE TOIROS A PORTUGUESA
lidando-se 6 LINDOS TOIROS
do Ex.º Sr. João B. Nuncio
para os famosos artistas

**DR. VARELA CID
ENG. JOSÉ B. NUNCIO
e JOAQUIM J. CORREIA
(QUIM ZE)**

**FORCADOS AMADORES
DE ÉVORA**

comandados por João N. Patinhas

Venda de bilhetes: em FARO —
CAFÉ FLORIDA — R. IVENS
— Telef. 23340 e nas bilheteiras
da Praça no dia do espectáculo



**AS GRANDES ORGANIZA-
ÇÕES TAUROMÁQUICAS
DO PAÍS**

**A EMPRESA PENA & SILVA, LDA.
APRESENTA NO DOMINGO 8
DE AGOSTO, ÀS 17.30**

ALCOCHETE

POR OCASIÃO DAS GRANDES FESTAS DO BARRETE VERDE
E DAS SALINAS

UM CARTAZ DE ACTUALIDADE

8 BRAVOS E BONITOS TOIROS DA TRIUNFANTE GANADERIA
DE ANTONIO CABRAL DE ASCENSAO
PARA OS EXCEPCIONAIS ARTISTAS

CAVALEIROS

**DAVID RIBEIRO TELLES
e JOSÉ LUPI**

ESPADAS

**JOSÉ TRINCHEIRA
e ARMANDO SOARES**

FORCADOS AMADORES DO MONTIJO
CHEFIADOS POR JACINTO CARVALHEIRA

FIGUEIRA DA FOZ

8 de Agosto, às 17.30

A CORRIDA DOS ASES

8 Seleccionados Toiros da nova
ganaderia de João Nuncio
(Urquijo)

Cavaleiros

JOÃO NÚNCIO

JOSÉ MESTRE BATISTA

Espadas

JOSÉ SIMÕES

AMADEU DOS ANJOS

Forcados Amadores de Montemor
comandados pelo Ex.º Sr. Joaquim
José Capoulas

Nota: O cavaleiro João Nuncio
faz nesta tarde a sua ultima corrida
nesta temporada

Venda de bilhetes na Agência ABEP, Praça dos Restauradores, Tel. 328823,
e nos locais do costume, nas localidades onde se realizam os espectáculos.

NAZARÉ

8 de Agosto, às 17.30

INAUGURAÇÃO DA TEMPORA-
DA, com UMA COLOSSAL NO-
VILHADA

7 Gordos Toiros, sendo 3 do
Ex.º Sr. Eng.º Francisco Góis,
para cavalo, e 4 do Ex.º Sr.
Dr. Brito Pais para a lide a pé

Cavaleiros

PEDRO LOUCEIRO

D. JOSÉ DE ATAYDE

Espadas

FERNANDO DOS SANTOS
(de Alcobaça)
com grandes triunfos em Espanha

JOSÉ FALCÃO
(de Vila Franca de Xira)
o triunfador esta temporada
no Ribatejo

Forcados Amadores do Ribatejo,
chefiados por Chínka de Mira

EM PLENA APOTEÓSE DE ENCHENTES no «ODEON»

**8.^a
SEMANA**

PASSAGEM DE NÍVEL

UM ÊXITO DO CINEMA NACIONAL
QUE FICA HISTÓRICO COMO
«RECORD» DE CONSTANTE
AFLUÊNCIA DO PÚBLICO!

PRODUÇÃO DE
MARQUES VIDAL

**MADALENA IGLÉSIAS
VIRGILIO TEIXEIRA**

UMA REALIZAÇÃO DE
AMÉRICO LEITE ROSA
COM ADMIRÁVEIS CANÇÕES



Maiores
12 anos

Exc.
Filmes
Oci-
dente

FILMES DE AVENTURAS

(Continuação da página anterior)
mosa seleccionada pela M-G-M para este festival, «O irresistível forasteiro», foi realizado por George Marshall sobre argumento de William Roberts, em cinemascope e metrocólor. e tem como protagonista um dos mais notáveis actores de todos os tempos: Glenn Ford. Entre os principais intérpretes contam-se Edgar Buchanan, Mickey Shaghneseff, Lisle Nielsen, Pedro Gonzalez e Shirley McLaine, a portentosa artista que então já evidenciava o seu extraordinário talento de comediante.

O festival prossegue esta noite com outro notabilíssimo western: «Homens das terras bravas», um filme de Delmar Davis, com o magrologado Alan Ladd, Borguine e Katy Jurado.

Os filmes são apresentados diariamente, à noite, e repetidos, no dia seguinte, à tarde, em duas sessões.

4.

a Semana de triunfo do belo filme DESASTRE AO ANOITECER

A vigorosa crítica social sobre um caso de amor delituoso!

Afredo Alcon Paloma Valdes
Fernanda Mistral

estúdio

ADULTOS

realização de J. A. BARDEM

2.ª SEMANA

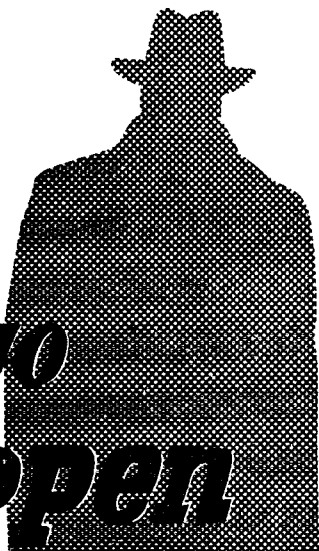
VERSÃO FRANCESA

ROMA

As
15.30 e 21.45

MAIORES DE
12 ANOS

O misterioso
Dr. Crippen



PETER VAN EYCK
ELISABETH MULLER
Realização ERICH ENGLES



Exclusivo
TALMA
FILMES

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

As suas iniciativas são simples e valiosas. Os prémios compensadores. A alegria transbordante. Conjunto de circunstâncias que oferecem

Um espectáculo de grande categoria

Uma máquina de Barbear — «SIEMENS» — MR-30
Um ferro eléctrico «SIEMENS» — EB-112

São os úteis e interessantes prémios que hoje são sorteados no passatempo

«A VOLA VISTA DA FEIRA»

Que está a decorrer com enorme entusiasmo com o patrocínio da CASA AMILCAR FONSECA de colaboração com a famosa marca «SIEMENS»

HOJE — Sorteio de 60 cheques-desconto, no valor de 100 contos, oferta das máquinas de Costura «ELNA»

férias em Portugal

HOTEL DAS TERMAS DO VIMEIRO

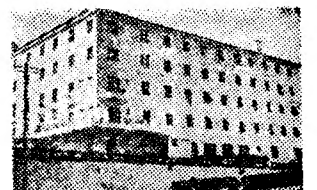
100 quartos maioria com banho privativo

Piscina abastecida com água mineral corrente a 27 graus

Balneários com tratamentos modernos
Praias do Atlântico a 2 km com transportes privados

Marcações e informações

Telefs.: 680568 651445 e Termas A-dos-Cunhados 3 e 6



HOTEL ESPERANÇA

TODOS OS QUARTOS COM
CASA DE BANHO PRIVATIVA
BAR E RESTAURANTE
NO 5.º ANDAR

AR CONDICIONADO

Telef. 25151 SETÚBAL

ESTALAGEM DA LEZÍRIA

ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE

VILA FRANCA DE XIRA
Telef. 129

PENSÃO S. FRANCISCO

Uma organização hoteleira em que todos podem confiar. Serviços para casamentos, baptizados e excursões.

Esplêndido serviço de restaurante

Quartos c/ água quente e fria, e casa de banho privativa

RUA DR. ALMEIDA EUSEBIO, 45
Telef. 22263 COVILHÃ

Residência PARIS

SERVIÇO DE RESTAURANTE

Servem-se lanches de casamento

QUARTOS COM TELEFONE
E CASA DE BANHO PRIVATIVA

Marinha Grande
Telef. 98428

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

RAUL SOLNADO

NUMA COMÉDIA DE TIROS...
...NUMA COMÉDIA DE «TARA»

DESCULPE
SE O MATEI

Um êxito de graça interpretado pela COMPANHIA DE RAUL SOLNADO
BARROSO • ISABEL • CORTEZ • NICHOLSON • GEORGINA
• CLARA • PINHÃO • PINHEIRO



Raul Solnado

HOJE, AS 21 E AS 23 HORAS
O CRIMINOSO VOLTA
AO LOCAL DO CRIME!

M. 12 ANOS

FRIGORÍFICOS

SÓ
MARCAS DE GRANDE CLASSE
A P.º PAGAMENTO
PREÇOS INCONCEBÍVEIS

“Novolar”
R. FERREIRA BORGES, 143

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que no sábado, dia 7, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos. A partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) é às 13.40 horas, e o regresso no domingo, dia 8, terá lugar às 19.35 horas do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana.

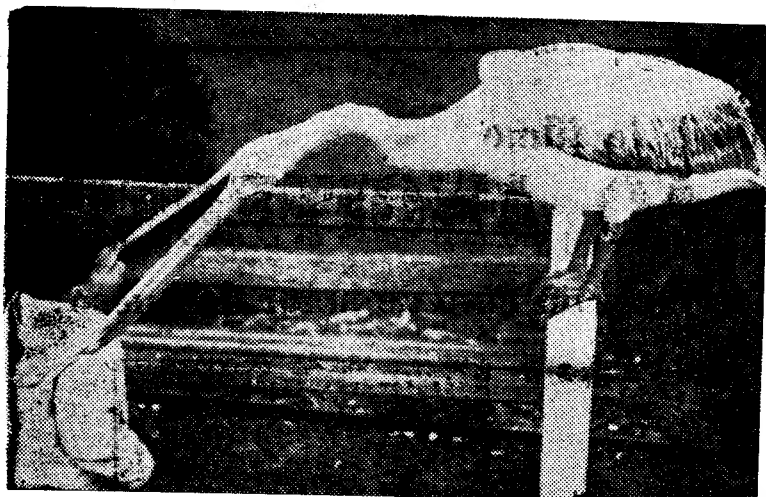
O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia, da tiragem, às 20.30 h.

LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS ENTRE PORTUGAL E A FRANÇA

Comunica-nos a C. P. que no propósito de se melhorarem as ligações ferroviárias entre Portugal e a França — facultando-se paralelamente maior conforto ao Público pelo maior número de lugares oferecidos — foi resolvido tornar independente do ramo espanhol o

«Sud-Express» que circula entre Lisboa e Hendaia e entre Irún e Lisboa. Neste novo ramo do «Sud-Express» circula, em todo o seu trajecto, uma carruagem-restaurante que assegurará aos passageiros que o pretendam, um eficiente e completo serviço de refeições, tanto normais como avulsas.

São mantidos os horários em vigor no percurso nacional, bem como no trajecto francês.



Vida religiosa

Bodas de ouro sacerdotais do padre António Augusto da Costa Leite

AVANCA, 5 — Celebrou as bodas de ouro sacerdotais o padre António Augusto da Costa Leite, ordenado há 50 anos por D. António Barroso.

Para celebrar a data, o jubulado cantou missa solene na sua igreja paroquial, em Rio Tinto. Colaborou o grupo sacro misto da Banda Velha de Pardilhó, e fez uma formosa alocução sobre o sacerdócio o padre António Tavares Martins, pároco de Campanhã. A igreja encheu-se de fiéis que, no final, vieram, junto do altar, oscular as mãos do venerando sacerdote e receber uma recordação das suas bodas de ouro.

A família do jubulado ofereceu, na sua casa do lugar do Mato, um jantar ao clero e outros convidados. Aos brindes, foram exaltadas as qualidades humanas e sacerdotais do padre Costa Leite.

Da populosa freguesia de Rio Tinto, onde se conserva há 37 anos, veio uma grande representação tomar parte na festa e anunciar que em Rio Tinto as bodas de ouro do seu pároco serão comemoradas em 30 de Outubro com o máximo brilho e solenidade.

O pelicano abre o bico e tenta puxar para si este rapazinho de dois anos, que fica, naturalmente, assustado. É uma cena que faz lembrar histórias fantásticas, fantasias de poeta ou aventuras de terror. Mas não. Trata-se, simplesmente, de um pelicano amestrado do Jardim Zoológico de Londres. O pai do miúdo, embora à custa de algumas lágrimas (e um grande susto) do filho, conseguiu obter, sem dúvida, uma fotografia sensacional

Dádivas generosas

para o Museu de Ilhavo

ILHAVO, 5 — Na América do Norte, o ilhavense Alfredo Santos Junior organizou uma subscrição, que rendeu 596 dólares, para o Museu Municipal de Ilhavo. Da Califórnia, Santos Paradelá enviou 50, pelo que o nosso museu receberá cerca de 18 contos.

A subscrição publica está a atingir os 500 contos, o que é uma indicação de que em breve se iniciará as obras de construção do novo edifício, aspiração legítima do povo desta terra.

Tem o Museu Municipal um recheio de grande valor, sendo todavia as actuais instalações deficientes. Caminha-se, pois, para a solução de um problema importantíssimo, que está dependente da entrada em exercício do novo presidente da Câmara Municipal deste concelho.

Diário de Lisboa

COIMBRA

Foram proibidas as feiras de gado suíno no distrito

Realizou-se ontem, no Governo Civil, uma reunião do chefe do distrito, intendente da Pecuária, comandante distrital da P. S. P. e

comandante do 5.º Batalhão da G. N. R., a fim de serem tomadas disposições de combate à peste suína africana.

Começou em Vagos a construção de um externato

VAGOS, 5 — A população local manifesta o seu grande regozijo em virtude de ter principiado a construção do edifício do Externato S. João de Vagos. O elevado numero de operários e a maquinaria empregados na obra deixam prever que o estabelecimento será edificado em pouco tempo e que poderá já funcionar no próximo ano lectivo.

Desastre de viação em Afife

AFIFE, 5 — Mais um grave acidente se registou nesta praia: no cruzamento da estrada nacional com a que dá acesso à praia, chocou, violentamente, o motociclista Manuel Fernandes Torres, de 35 anos, natural de Belinho, com um automóvel conduzido pelo sr. António Fontainha, de 54 anos, empregado da Alfandega. Do embate resultou ficar muito ferido o motociclista, que foi transportado ao hospital de Viana.

A fim de evitar a propagação da doença, foi publicado um edital proibindo as feiras, mercados, exposições, venda ambulante ou qualquer concentração de gado suíno nos concelhos de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela e Soure.

Ficará também proibida a entrada no distrito de Coimbra de suínos provenientes das áreas das Intendências de Pecuária de Tomar, Leiria e Castelo Branco.

Foram ciganos os autores de uma agressão à navalhada

A Guarda Nacional Republicana do posto dos Casais, S. Martinho do Bispo, apurou terem sido ciganos os autores de uma agressão à facada, de que foram vítimas os agricultores Francisco Pinheiro de Campos de 47 anos, casado, e seu sobrinho José Manuel Duarte, de 34 anos, ambos residentes no lugar das Parreiras, daquela freguesia, quando se encontravam num baile que se realizou no lugar dos Louros, Corujeira.

Segundo parece, os ciganos pretendiam dançar com umas raparigas do referido lugar, mas elas recusaram-se e o Campos e o sobrinho intervieram em sua defesa. Teria sido o motivo da agressão. As investigações transitaram para a Polícia Judiciária, que agora faz diligências, no sentido de prender os autores da agressão.

Exames de aptidão à Universidade

Terminaram os exames de aptidão à primeira matrícula nas Faculdades de Direito, Medicina e Ciências, com os seguintes resultados: Faculdade de Direito, candidatos, 99; dispensados às provas orais, 14; excluídos, 24. Faculdade de Medicina: candidatos, 90; dispensados às provas orais, 21; excluídos, 2. Faculdade de Ciências: candidatos, 100; dispensados às provas orais 31; excluídos, 13.

Curso de Férias da Faculdade de Letras

No Curso de Férias da Faculdade de Letras, não houve aulas da parte da tarde, pois os alunos fizeram mais uma visita explicada aos monumentos, tendo sido acompanhados pelo sr. dr. Jorge Peixoto.

Da parte da manhã, houve aulas de Língua Portuguesa I e Fonética Portuguesa I, para o Curso Elemental; de Fonética Portuguesa II e Língua Portuguesa II, para o Curso Complementar; e «Os Portugueses em África» e Leituras comentadas para o Curso Superior. Ainda comum a estes dois cursos, Curso Geral de Literatura Portuguesa.

Deram as aulas os srs. dr. Aníbal de Castro, dr. Walter Medeiros, dr. Louro da Fonseca e dr. Salvador Dias Arnaut.

A noite, no Teatro da Faculdade de Letras, realiza-se um concerto de piano, violino e violoncelo por D. Helena de Sá e Costa, Haydn Beck e D. Manuela Costa Gomes de Araújo.

Reunião da Câmara Municipal

Sob a presidência do sr. dr. Moura Relyas, reuniu-se a Câmara Municipal, que, entre outras resoluções, aprovou o estudo urbanístico da zona compreendida entre as ruas Engenheiro Arantes e Oliveira, Brotero e Combatentes da Grande Guerra, elaborado no sentido de ali integrar as novas instalações dos C. T. T. e que inclui habitações para funcionários, um estudo de ampliação do parque de estacionamento de automóveis junto ao Largo da Portagem, que passa a permitir o estacionamento de 48 automóveis e cerca de 12 velocípedes.

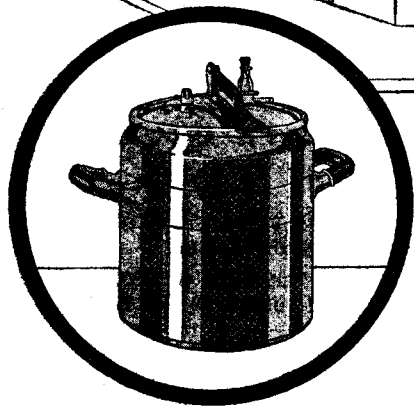
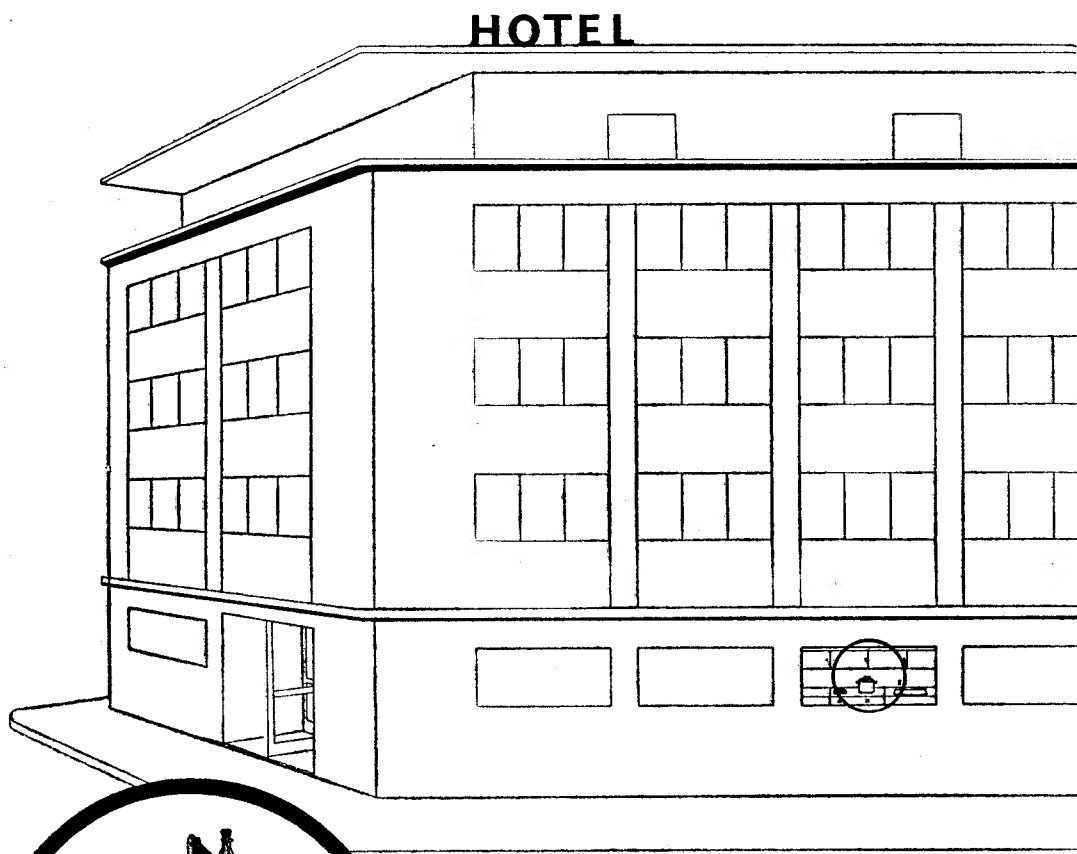
A Câmara resolveu ainda solicitar, por intermédio da Direcção de Urbanização de Coimbra, a comparticipação urgentíssima para as obras tendentes a resolver o problema de abastecimento de água a Brasfemes, obra rural das mais importantes.

Espectáculos para hoje

TIVOLI — As 21 e 30: «Sua Ex.ª o Mordomo» (12 anos).
ESPLANADA DOS BOMBS VOLUNTARIOS — As 21 e 45: «A grande evasão» (12 anos).

Farmácias de serviço

Donato — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).
Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel. 22961).
Cruz e Costa — Rua Dr. António de Vasconcelos (Tel. 22715).
Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (Tel. 24737).



CUIFIX

PANELA DE PRESSÃO
PARA USO INDUSTRIAL

INDISPENSÁVEL EM HOTÉIS, PENSÕES, RESTAURANTES, SNACKS, ETC.

características inigualáveis

MANUEL J. MONTEIRO & C.ª LDA — Rua dos Correeiros 140 Lisboa Tel. 36 60 61



SUPERBUS

TECIDOS DE QUALIDADE

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «Esmola de amor» (12 anos).
PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Hipnose» (17 anos).
ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «Querida Brigitte» (12 anos).
CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Aventuras de um espiao» (17 anos).
Académico — A's 21: «Quando explodem paixões» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).
OBRAS Godinho — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Aistr — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — Lopes — R. Hanger, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, n.º 41 (Tel. 280141). — Cascais — Rua Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (Tel. 282407).

FOGÕES E ESQUENTADORES



UMA INDÚSTRIA NACIONAL
consulte as melhores casas da especialidade

HAVAS



Em toda a extensa gama das suas aplicações a espuma MOLTOPREN afirma-se como um produto de alta qualidade.

UM PRODUTO

Sundlete

SOC. INDUSTRIAL DE PLÁSTICOS, S.A.R.L.

S. Mamede de Infesta

Telefs. 900933-901131-901187

Em Lisboa: Rua Vale de Sto. António 39-39-A

Telefs. 849606-7-8

ABRANTES

— A CIDADE FLORIDA DO RIBATEJO

Conhecida nos primórdios dos tempos por Tubucci, Abrantes foi fundada pelos galo-celtas 590 anos antes do nascimento de Cristo, sendo tomada aos mouros por D. Afonso Henriques, na madrugada de 8 de Dezembro de 1148, que edificou a igreja de S. Vicente, considerada monumento nacional.

Compõem-se as armas de Abrantes de quatro flores de lis em campo azul, quatro coroas, uma estrela ao centro e um pelicano por timbre. As flores tomou-as do brasão do seu primeiro alcaide-mor, D. Pedro Afonso, que acompanhou a trasladação do corpo de S. Vicente do Algarve para Lisboa; os corvos são emblema do orago da sua primeira paróquia, S. Vicente, patrono da cidade; a estrela simboliza a tomada do castelo aos mouros e a Virgem na sua igreja de Santa Maria do Castelo; o pelicano vermelho, a caridade da Rainha Santa Isabel, que foi donatária de Abrantes, tendo-lhe D. Dinis dado o senhorio da então vila varrhas prop-ter nuptias.

A cidade de Abrantes, situada no coração de Portugal, é o nó rodoviário das estradas nacionais números 2 e 3 e o centro ferroviário das linhas da Beira Baixa e do leste.

Ridente e tranquila, espelha-se nas águas do rio Tejo, que corre a seus pés. Cantada por Camões, é exaltada pelo poeta abrantino Ramiro Guedes de Campos, que numa das suas composições diz:

*E o Tejo pára, extasiado ao ver
Abrantes / Como param de amor
os corações! / E' um capítulo
ardente de Cervantes / Ante uma
fresca estrofe de Camões!*

Bafejada por privilegiada situação geográfica, Abrantes tem excelentes comunicações rodoviárias e ferroviárias com os muitos concelhos limítrofes, e o seu concelho, essencialmente industrial, tem beneficiado dessa posição, rodeado das províncias da Beira Baixa,

Alentejo e Ribatejo. Concelho rico em azeite, vinho, arroz e cortiça, nele se evidenciam as grandes indústrias metalúrgicas de Rossio de Abrantes e Tramagal, da C. U. F. e da U. F. A. em Alferrarede, as indústrias de cortiça, de serralharia, de cerâmica, de madeiras, de espartos de calço e derivados da resina do pinheiro.

Apesar de rico na produção agrícola, e ainda que próspero na actividade industrial, o concelho de Abrantes é rico em tradições ribatejanas, beirãs e alentejanas, e a justificá-lo, diremos que nesta «idade de plástico», ainda há tecedeiras domésticas neste concelho, em Souto, em Mouriscas e em Pego.

Enquanto nesta época vertiginosa as imagens tradicionais do passado se somem e desaparecem, como se o tempo as safasse do quadro vivo da nossa memória, a simpática figura das nossas tecedeiras domésticas vai ali resistindo ao vendaval, e continua a viver e perdurar. Ela enche e caracteriza a paisagem e o artesanato, imprimindo-lhe uma graça especial com as suas colchas, tapetes, passadeiras e cobertas.

Além de tudo o referido, a cidade de Abrantes, a Cidade Florida, por excelência, promove anualmente, o seu concurso das Janelas Floridas, de cujo acentuadamente regional, numa terra que vive intensamente o culto da flor.

As pétalas perfumadas das suas maravilhosas flores primaveris esplendem-se, então, com enorme profusão, nas ruas, nas travessas, nos soalcos, nos muros e nas janelas.

Elas oferecem-se magnanimamente com a sua inexprimível poesia, aos olhos, às narinas, às mãos e ao encanto das almas maravilhadadas com a sua palpitante beleza.

O culto da flor, na cidade de Abrantes e arredores, ganhou o aureolado prestígio de uma nobre tradição, pelo que é imperioso mantê-lo ciosamente, até por interesse turístico. — I. S. Estrela



STENDHAL

(SÉC. XIX)

Henry Beyle, cujo nome literário universalmente conhecido é STENDHAL, nasceu em Grenoble no ano da graça de 1783, e faleceu em Paris a 23 de Março de 1842, no meio da indiferença dos seus contemporâneos, que não souberam reconhecer a importância da sua obra. A excepção de Balzac que escreve um artigo entusiasmado a quando da publicação de La Chartreuse de Parme, ninguém mais compreendeu essa personalidade excepcional. Ele próprio profetizou que só em 1935 viria a ser lido e compreendido. Realmente, Armance, Le Rouge et Le Noir, Lucien Leuwen, De L'amour, etc., pertencem hoje ao património universal da literatura.

Stendhal amou várias mulheres mas a nenhuma delas tão intensamente como a Métilde.

(1819)

Senhora:

Como me pesa o tempo, desde que a vi partir — apenas há cinco horas e meia! Que farei durante estes quarenta enfadonhos dias? Deverei deixar de ter esperança, partir e lançar-me na vida publica? Receio não ter coragem de atravessar o Mont-Cenis. Não, nunca consentirei que entre nós se ergam montanhas. Ser-me-á dado, a força de amor, reanimar o seu coração? Talvez me torne ridículo a seus olhos, a minha timidez e o meu silêncio enfadaram-na, que calamidade as minhas visitas a sua casa! Tenho ódio a mim próprio, não fora eu o ultimo dos homens, teria tido uma explicação decisiva, ontem, antes da sua partida, e procurado saber claramente com que contar.

Quando a ouvi exclamar, com a entoação de uma verdade profunda: ah! ainda bem que é já meia-noite! devia ter compreendido que estava ali a mais, e jurado a mim mesmo por minha honra não tornar a vê-la. Na sua presença fico tímido como uma criança, as palavras desvanecem-se-me dos lábios, só sei olhá-la e adorá-la. Como é horrível que eu me sinta tão inferior a mim mesmo e tão sem graça.

Ah, senhora, quão fácil é ao homem despedido de paixão ter uma conduta comedida e prudente. Também eu, em condições de dar ouvidos à voz da razão, posso ser ponderado, mas tamanha é a paixão que me domina que deixei de ser senhor dos meus actos. Jurara a mim mesmo embarcar, ou pelo menos não tornar a vê-la, e não lhe escrever antes do seu regresso; uma força mais poderosa do que todas as minhas resoluções arrastou-me, porém, até junto de si. Tenho razões para crer — ai de mim — que esta paixão se tornou no maior interesse da minha vida. Todos os outros interesses, todas as mais considerações se desvaneceram perante ela. A funesta necessidade de vê-la escraviza-me, domina-me, transporta-me. Há momentos, nos meus longos e solitários serões, em que, se fosse preciso matar, por si, eu mataria. Quando um homem está dominado por uma paixão extrema, tudo o que diga ou que faça numa circunstancia particular nada prova a seu respeito; é o exemplo da sua vida

que depõe a seu favor. Logo, Senhora, nem que eu jurasse dia e noite a seus pés o muito amor que lhe tenho ganharia alguma coisa com isso. E', repito, a minha vida inteira que deve falar por mim. Ora, conquanto eu seja pouco conhecido e ainda menos pessoa interessante, á falta de outro assunto de conversa sempre lhe será possível perguntar a quem me conhece se consta que eu seja homem de pouco orgulho ou de pouca constancia. Se puder ou se quiser tenha-me amor, divina Métilde, mas por amor de Deus não me despreze. Este tormento é superior ás minhas forças.

Na sua maneira de pensar, muito justa, ser desprezado impedir-me-ia de jamais vir a ser amado. (...) Receio tanto desagradar-lhe que o momento em que a vi pela primeira vez, no dia 3 á noite, e que deveria ter sido a hora mais doce da minha vida, pelo contrário foi uma das mais angustiosas, tamanho o meu temor de lhe desagradar.

Florença, 20 de Julho de 1819.
Senhora:

Talvez que na minha situação de mal-correspondido lhe pareça inconveniente esta carta. Se me tornei odioso a esse ponto, tentarei, pelo menos, não merecer desgraça maior: peço-lhe que a rasgue sem prosseguir na leitura. Se, pelo contrário, a sua alma sensível, embora orgulhosa, tiver a bondade de me tratar como a um infortunado amigo, se se dignar dar-me noticias suas, então peço-lhe que me escreva para Bolonha, onde sou obrigado a ir: «Al signore Beyle, nella locanda dell'Aquila Nera.» Estou realmente inquieto pela sua saúde. Teria a crueldade de não me mandar uma palavrinha, se porventura estivesse doente? Mas de si espero tudo. Bem-aventurado o coração acalentado á luz serena, prudente, sempre igual de uma candeia fraca! Desse, diz-se que ele, sim, ama, visto não cometer inconveniências prejudiciais a si próprio e aos outros. (I) Mas o coração que arde nas chamas de um vulcão não pode agradar a quem adora, comete loucuras e acaba por cometer também indelicações e consumir-se a si próprio. Sou muito infeliz.

HENRI

Morta Métilde, Stendhal encontra a condessa de Curial, que ficará sendo a mais célebre das inspiradoras do diplomata-escriptor. É desta vez um amor correspondido e repousante que dura vários anos.

Paris, terça-feira á noite, 18 de Maio de 1824.

A prudência é uma coisa tão triste, ou, pelo menos, entristece-me tanto! Sentia-me o mais feliz dos homens, ou, pelo menos, o meu coração batia com uma emoção tão doce esta manhã, quando me dirigia a sua casa. Passet o serão e o dia quase todo consigo, mas obrigado a aparentar tal indiferença que

me custa a acreditar que as coisas se pudessem passar de outra maneira. (...)

Minha boa amiga: para que sofras o menos possível com as minhas singularidades, vou fazer de pateta, isto é, falar-te de mim.

As minhas qualidades, se é que porventura as tenho, advêm de

(Continua na 13.ª página)

Averell Harriman:

- A União Soviética poderá alinhar com o Vietnam do Norte
- Não é de esperar para breve uma vitória americana decisiva

WASHINGTON, 5. — (A. N. I., F. P. e R.). — Averell Harriman, embaixador itinerante dos Estados Unidos, afirmou, a noite passada, que a União Soviética julga que a guerra no Vietnam está a bloquear o progresso para acordos sobre fiscalização de armas nucleares e desarmamento.

Harriman, que regressou na terça-feira de uma visita a capitais europeias, durante a qual conferenciou com o primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, apresentou ontem, na Casa Branca, ao presidente Johnson, um relatório sobre os resultados da sua viagem.

Falando após a conferência de uma hora com o presidente, Harriman declarou que colhe a impressão de que a Rússia deseja uma solução pacífica no Vietnam. Não vê, porém, qualquer perspectiva de que Moscovo interceda junto do Governo norte-vietnamiano. Se a situação se tornar mais crítica a União Soviética alinhará, certamente, com o Vietnam do Norte — julga ainda o embaixador.

Harriman revelou também que os dirigentes soviéticos lhe sugeriram que os Estados Unidos entrem em contacto directo com Hanoi e que a proposta em quatro pontos formulada há tempo pelo Vietnam do Norte poderia servir de base a discussões, com vista a uma solução negociada.

O embaixador acrescentou que havia respondido ao dirigente soviético que o presidente Johnson definiu claramente a posição americana, repetidas vezes, declarando-se pronto a entabular discussões sobre a questão vietnamita, mas sem condições prévias.

Continuando a aludir às suas conversações com Kossyguine, que totalizaram cinco horas, Harriman disse: «A minha impressão foi a de que o primeiro-ministro soviético está ansioso por resolver alguns dos problemas mundiais, o

Admite-se no Canadá que possa ser aberta nos Açores uma junta de imigração

OTTAWA, 5 — (R.). — O ministro da imigração canadiano, John Nicholson, regressou, na noite passada, ao seu país. Classificou de muito êxito a sua viagem pela Europa, destinada a aumentar a imigração para o Canadá.

Nicholson afirmou que as perspectivas eram mais brilhantes na Grã-Bretanha e no norte da Itália, mas esperava, também, imigrantes da França, Austrália, Alemanha Ocidental e Grécia.

O ministro revelou que fora inaugurada em Milão uma nova Junta de Imigração e que poderia ser aberta outra nos Açores.

Afirmou depois: «Foi surpreendente saber que vinham dos Açores 80 por cento dos 5000 imigrantes que partem anualmente de Portugal para o Canadá».

Uma traineira japonesa com 14 tripulantes afundou-se no Pacífico

HONOLULU, 5 — (A. N. I.). — Com 14 tripulantes, afundou-se uma traineira de pesca japonesa perto da Ilha de Midway, a aviação pela última mensagem de rádio enviada de bordo, pedindo socorro.

Recusa-se que não haja sobreviventes, pois as tripulações dos aviões e navios enviados para o local do naufrágio informaram que, até agora, só encontraram destroços.

mais importante dos quais é a fiscalização de armas nucleares».

Harriman revelou ainda que também assistirá à reunião que o presidente Johnson marcou para hoje, a fim de serem ouvidos pelos elementos mais ligados à presidência (membros do Governo, elementos dos serviços secretos e conselheiros da Casa Branca) os relatórios de Harriman e do general Maxwell Taylor, até há pouco embaixador em Saigão, que o presidente recebera horas antes.

Num ponto, Taylor e Harriman concordaram, nas declarações aos jornalistas: não é de esperar para breve uma decisiva vitória militar dos Estados Unidos no Vietnam.

Os guerrilheiros atacaram instalações da Esso próximo de Da Nang

DA NANG (Vietnam do Sul), 5. — (A.N.I.). — Os guerrilheiros do Vietcong desencadearam, esta madrugada, um violento ataque contra as instalações petrolíferas da «Esso», situadas a 10 quilómetros ao norte da importante base aérea americana de Da Nang. Ficaram destruídas 40 por cento das instalações.

Um petroleiro que estava ancorado perto daquelas instalações levantou imediatamente ferro e partiu, aparentemente sem ter sido atingido pelo fogo dos «vietcongs».

As forças sul-vietnamitas e americanas ali destacadas replicaram ao ataque, com fogo de artilharia, sendo apoiadas pelos fuzileiros navais da base de Da Nang. Também cooperou na defesa o contratorpedeiro americano «Stoddard».

Diversas descargas do «Stoddard» atingiram uma força governamental que acorria em defesa das instalações, tendo morto e ferido alguns soldados.

Aviões sul-vietnamitas bombardearam e metralharam a zona de onde os «vietcongs» lançaram o ataque.

CINCO ALDEIAS ALVEJADAS COM FOGO DE MORTEIRO

SAIGÃO, 5 — (R.). — Navios da Marinha americana acorreram em auxílio de uma aldeia governamental, na ilha de Ham Ninh, ao largo do continente e a cerca de 270 km a sudoeste de Saigão, quando foi

Túnel rodoviário nos Pirenéus

MADRID, 5 — (A. N. I.). — Concluíram-se as negociações para a construção das obras do primeiro túnel entre a Espanha e a França, que ligará Bielsa (em Espanha) com Aragnouet (em França), através dos Pirenéus.

Esta primeira passagem subterrânea entre as duas nações será construída por uma empresa franco-espanhola, que apresentou um orçamento de 120 milhões de pesetas (perto de 60 mil contos).

A passagem a abrir terá um comprimento de seis quilómetros e uma largura de estrada de seis metros, com dois passeios laterais de 75 centímetros cada um.

O túnel, que disporá de um circuito fechado de televisão para vigiar o tráfego, estará concluído em 1968.

Poderá ser de união nacional o próximo Governo grego

caso se agrave a questão de Chipre

ATENAS, 5 — (F. P. e R.). — A queda do Governo de Athanassiades-Novas, com a rejeição, pelo Parlamento, por 167 votos contra 131, da moção de confiança, encerra o primeiro capítulo da crise grega. A despeito da troca de impressões, que decorre há muitos dias, parece não haver ainda qualquer solução em vista.

Como solução mais provável figura a de um Governo centrado homogêneo presidido por Stephanopoulos ou pelo antigo ministro do Interior, Elias Tsirimocis. No entanto, não parece também de excluir a solução de um Governo de união nacional, em particular se o caso de Chipre se agravar e se recrudescer a tensão com a Turquia.

Uma última fórmula seria o regresso puro e simples de Papan-dreou ao Poder. Esta seria, sem dúvida, a solução mais cómoda no plano parlamentar, embora seja necessário resolver o problema dos votos para uma maioria absoluta, que não existe actualmente. Não parece certo que o rei aceite pôr em causa o seu prestígio, admitindo, implicitamente, que no passado dia 15 cometeu um grande erro. Além disso, a autoridade de Papan-dreou no seu próprio partido, começa a ser seriamente discutida, sobretudo após a sua declaração de ontem de manhã, julgada inutilmente brutal e desagradável para o soberano.

MANIFESTAÇÕES POPULARES

O rei receberá hoje, para as habituais consultas, os chefes dos partidos políticos: Panayotis Canellopoulos (União Nacional Radical), Spiros Markezinis (Partido Progressista-direita) e Papan-dreou. O «leader» da E. D. A. (pró-comunista), Jean Passalides, não será convocado.

Quando foi anunciada a queda do Governo de Novas, houve manifestação, na Praça da Constituição, durante a qual o «leader» da direita, Panayotis Canellopoulos, seguiu a pé com todos os deputados do seu grupo.

Também na Praça da Constituição, uns 300 ou 400 partidários do Centro rodearam os deputados deste partido, aclamando-os e abraçando-os. «Vós sois heróis. O povo ganhou» — gritavam.

Importantes forças da Polícia to-

maram posição, em todas as ruas próximas do Parlamento e do palácio real. Camiões carregados de polícias estacionam agora nos pontos nevralgicos do bairro.

MENSAGEM DE MAKARIOS AO REI

NICOSIA, 5 — (F. P.). — O presidente Makários dirigiu uma mensagem oficial ao rei Constantino da Grécia. O presidente, indica-se de fonte diplomática, informa o soberano da ansiedade que lhe provoca a crise governamental, no momento em que Chipre «faz face a novos perigos». Sabe-se, por outro lado, que o conselho de ministros decidiu anular todas as decisões autorizando a isenção do serviço militar dos estudantes que desajassem continuar os seus estudos no estrangeiro.

GREVE NO URUGUAI

MONTEVIDEO, 5 — (F. P.). — Começa hoje a greve de 100 mil funcionários, que paralisará no Uruguai, durante 24 horas, as comunicações aéreas, a circulação ferroviária, a actividade dos bancos do Estado e os serviços portuários.

A greve dos funcionários, que pretendem conseguir, por este meio, nomeadamente, um aumento na ordem de 48 por cento dos seus vencimentos, afectará também outros serviços públicos, como as centrais eléctricas e telefónicas.

atacada a noite passada, pelos «vietcongs», com fogo de morteiro. A força de defesa da aldeia parece ter sofrido baixas ligeiras.

Outras quatro aldeias foram igualmente bombardeadas com granadas de morteiro.

Entretanto, a agência noticiosa do Vietnam do Norte afirmou hoje que os norte-vietnamitas desde 5 de Agosto, abateram 438 aviões dos E. U. A. e mataram ou capturaram «muitos pilotos americanos».

BOMBARDEAMENTO A 48 KM DA FRONTEIRA CHINESA

SAIGÃO, 5 — (F. P.). — Ontem, quatro «Tunderchiefs» bombardearam vagões de caminho de ferro, a 48 km ao sul da fronteira chinesa, perto de Bao Ha. Este foi o ponto mais próximo da fronteira chinesa atingido até agora.

Carlos Lacerda recebe que não se realizem eleições presidenciais

RIO DE JANEIRO, 5 — «Se o candidato da União Democrática Nacional for derrotado nas eleições para o cargo de governador da Guanabara, em Outubro próximo, o povo poderá estar certo de que não haverá eleições presidenciais brasileiras em 1966» — declarou o governador do mesmo Estado, Carlos Lacerda, na inauguração de um melhoramento local.

Noutro passo do seu discurso, explicou que existe uma conspiração para que Flexa Ribeiro, candidato do seu partido seja derrotado nas próximas eleições, a fim de se alegar, então, que se Carlos Lacerda foi vencido no seu próprio Estado, não poderá ganhar as eleições para a Presidência da República, em 1966. A fim de se impedir o triunfo das forças de esquerda, recomendou a suspensão dos comícios.

Atentados em Aden

ADEN, 5 — (F. P.). — Na base militar de Horm Aksar, ficou ligeiramente danificado, pela explosão de uma granada, um caça «Hunter Hawk». Ontem, ocorreram cinco atentados à granada, em diversos bairros da cidade. Ficaram feridos seis árabes e um inglês.

FÉRIAS

EM MAIS DE 200 VIAGENS UMA FOI PENSADA PARA SI

FÉRIAS STAR 65

S A B E ?

Que pode passar uma semana por:

950\$00 na **ANDALUZIA**;
1.400\$00 em **MADRID**;
2.700\$00 em **LOURDES** e nos **PIRENEUS**;
2.800\$00 em **TÂNGER** e **SEVILHA**;
3.100\$00 em **PARIS**;
3.700\$00 na **ILHA DA MADEIRA**?

Estes preços incluem: a viagem de ida e volta (em autocarro, comboio ou avião), a estadia em bons hotéis, assistência e transporte dos aeroportos, gares de caminho de ferro, terminais de autocarros, aos hotéis e vice-versa.

S A B E ?

QUE ESTAS QUANTIAS PODEM SER PAGAS EM 3, 6, 9 OU 12 PRESTAÇÕES UTILIZANDO O CREDI-STAR?

Peça o livro **FÉRIAS-65** à

STAR
TURISMO VIAGENS

Avenida Sidónio Pais, 4-A
Praça dos Restauradores, 14
Rua do Alecrim, 10
Avenida de Nice, 4
Avenida dos Aliados, 210-220

Telef. 538971 LISBOA
Telef. 362501 LISBOA
Telef. 369503/361887 LISBOA
Telef. 260839 ESTORIL
Telef. 23637/8/9 PORTO

As provas escritas de Matemática Moderna do Ensino Liceal

Por amável atenção de ilustres professores, promovemos, pela primeira vez no nosso País, a divulgação pela Imprensa das provas escritas de Matemática Moderna, do 3.º ciclo liceal, realizadas em Lisboa (no Liceu Pedro Nunes) com as respectivas soluções. Excepcionalmente, publicamos também a solução da prova da 2.ª chamada, em virtude da novidade da matéria e devido ao interesse que este assunto (a que já nos temos referido) suscitou entre os nossos leitores.

Prova escrita de Matemática Moderna (1.ª chamada)

Considere os pontos A(1,2) e B(7,8).

a) Defina, por uma equação, o conjunto dos pontos do plano equidistantes de A e B.

b) Determine o vértice C do triângulo isósceles ABC, de base AB, sabendo que C pertence à recta de equação $y - x - 5 = 0$.

Determine o domínio da função real de variável real definida pela expressão

$$\log_3 \frac{x^2-1}{x+5}$$

Considere os conjuntos A e B tais que:

$$A = \{3\}$$

$$B = \{8\}$$

$$A \cap B = \{3\}$$

a) Quantos elementos tem A U B?
b) Determine o cardinal da relação R assim definida:

$$(x, y) \in R \Leftrightarrow x \in A \wedge y \in B \vee A$$

c) Determine o cardinal da restrição R' de R assim definida:

$$(x, y) \in R' \Leftrightarrow (x, y) \in R \wedge y \notin A$$

a) Reduza à forma trigonométrica o número complexo $-1+i$.
b) Dê a forma $a+bi$ a $(-1+i)^4$. Resolva de preferência aplicando a fórmula de Moivre.

c) Considere no plano de Argand a imagem P do número complexo $-1+i$. Qual é o número complexo cuja imagem P' é o transformado de P por uma rotação de $+45^\circ$ em torno da origem?

a) Determine a medida da área da região do plano limitada pela parábola de equação $y^2 - 8x = 0$, pelo semi-eixo OY e pela paralela ao eixo dos xx, passando pelo ponto da curva de ordenada 12.
b) Determine uma equação da tangente à parábola no ponto de ordenada 4.

Responda a uma, e só uma, das questões:

a) Deduza a expressão da derivada de $\sin x$.
b) Deduza a expressão da derivada de $\arcsin x$.

Solução

a) Seja M(x,y) um ponto genérico do conjunto. M obedece à condição $MA = MB$, ou seja,

$$\sqrt{(x-1)^2 + (y-2)^2} = \sqrt{(x-7)^2 + (y-8)^2}$$

Esta equação define o conjunto dos pontos do plano equidistantes de A e B.

Elevando ambos os seus membros ao quadrado e reduzindo os termos semelhantes, obtém-se a equação

$$y + x = 9 \text{ que é equivalente à anterior}$$

b) O ponto C pertence à recta de equação $y + x = 9$ e à de equação $y - x - 5 = 0$.

A solução do sistema formado por estas duas equações é $\begin{cases} x=2 \\ y=7 \end{cases}$. C é portanto (2,7).

Tem de ser

$$\frac{x^2-1}{x+5} > 0$$

As raízes do numerador são -1 e $+1$. -5 é a raiz do denominador. O quadro seguinte dá os intervalos em que $\frac{x^2-1}{x+5}$ é maior que zero.

	-5	-1	+1
x^2-1	+	+	0
$x+5$	-	0	+
F	- imp	+	0

$$D =]-5, -1[\cup]1, +\infty[$$

$$A \cup B \text{ tem 18 elementos.}$$

b) Como A tem 13 elementos e B U A 18. R tem 13x18 elementos. Portanto

$$\# R = 234$$

c) y não pertence a A, mas pertence a B U A. Logo y pertence ao complementar de A em B U A.

$$\# B \cup A = 18 \quad \# A = 13$$

Logo o cardinal do complemento é $18 - 13 = 5$.

$$\# R' = 65$$

$$a) P = \sqrt{(-1)^2 + 1^2} = \sqrt{2}$$

$$\log d = \frac{1}{-1} = -1$$

a pode ser igual a 135° ou a 315° . Como, porém, a parte real é negativa, α é do 2.º quadrante. Logo $\alpha = 135^\circ$.

E assim $-1+i = \sqrt{2} (\cos 135^\circ + i \sin 135^\circ) = \sqrt{2} E (135^\circ)$

$$b) (-1+i)^4 = [\sqrt{2} E (135^\circ)]^4 = (\sqrt{2})^4 E (135^\circ \times 4) = 4 E (540^\circ) = 4 E (180^\circ) = 4 (\cos 180^\circ + i \sin 180^\circ) = 4 (-1 + i \cdot 0) = -4$$

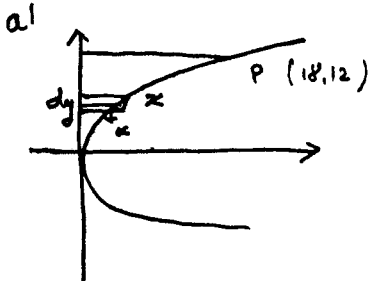
c) Imprimir a P uma rotação de $+45^\circ$ em torno da origem equivale a multiplicar o vector P-O por $\cos 45^\circ + i \sin 45^\circ$.

Portanto P'-O (transformado de P-O) tem o mesmo módulo que P-O e faz um ângulo de $135^\circ + 45^\circ$ com OX.

Nestas condições, P' é a imagem de $\sqrt{2} E (135^\circ + 45^\circ) = \sqrt{2} E (180^\circ) = -\sqrt{2} + 0i$.

P' é a imagem de $-\sqrt{2} + 0i$

V



Como $y^2 - 8x = 0$ para $y = 12$ vem $x = 18$. O ponto da curva de ordenada 12 é P(18,12).

A medida da área é dada por

$$\int_0^{12} \frac{y^2}{8} dy = \frac{1}{24} y^3 \Big|_0^{12} = \frac{1}{24} \cdot 1728 = 72$$

A medida da área é 72.

b) O ponto de ordenada 4 é (2,4). A tangente à curva no ponto (2,4) pode ser definida pela equação

$$y - 4 = m(x - 2)$$

em que m é o valor de $\frac{dy}{dx}$ para $x=2$. Derivando ambos os membros da equação $y^2 - 8x = 0$ em ordem a x obtém-se a equação

$$2y \frac{dy}{dx} - 8 = 0$$

$$\text{Portanto } \frac{dy}{dx} = \frac{4}{y}. \text{ Para } x=2 \text{ é } y=4.$$

$$\text{e então } m = \frac{4}{4} = 1.$$

$y - 4 = 1(x - 2)$ é uma equação da tangente.

2.ª chamada

I

Discuta e resolva a equação em x: $a^2 x - 4 a x + a^2 - 25 + 5 x = 0$ em que a é um parâmetro real.

II

a) Identifique o lugar definido pela equação $x y = c$ em que c é uma constante.

Considere separadamente $c=0$ e c diferente de 0.

b) Trace a curva definida pela equação $y = \frac{x+3}{x+1}$

III

Considere a circunferência de equação $x^2 + y^2 - 2x + 2y = 30$

a) Determine o centro C

b) Defina por uma equação a tangente no ponto (5,3)

c) Determine a área do triângulo CAB em que A e B são os pontos de intersecção da tangente, com as paralelas aos eixos passando pelo centro.

IV

a) Resolva a equação: $\sin 3x + \sin x = -\cos x$ (Sugestão: converta o primeiro membro num produto)

b) Determine:

$$\int_0^{\frac{\pi}{3}} \tan^3 x \sec^2 x dx$$

V

Demonstre um, e só um, dos teoremas:

a) O limite da soma de duas variáveis convergentes é igual à soma dos limites dessas variáveis.

b) O logaritmo de um produto é igual à soma dos logaritmos dos factores.

VI

a) Escreva em linguagem normal e em linguagem simbólica a axiomática de um grupo (G, 0).

b) Verifique se (G) é um grupo, sendo G igual a $\{1, -1, i, -i\}$

c) Determine, recorrendo à fórmula de Moivre, as raízes quartas da unidade.

Solução

$$a^2 x - 4 a x + a^2 - 25 + 5 x = 0 \Leftrightarrow x(a^2 - 4a + 5) = 25 - a^2$$

A solução é dada por $\frac{a^2 - 25}{a^2 - 4a + 5}$

nos pontos para os quais esta expressão tem significado. As raízes do numerador são -5 e 5 . As do denominador -1 e 5 .

O quadro seguinte fornece os elementos para a discussão:

	-5	-1	5
$a^2 - 25$	+	0	-
$a^2 - 4a - 5$	+	+	0
	+	0	- imp
	0	-	0

A raiz é positiva para $a < 5$ V $-1 < a < 5$ V $a > 5$

A raiz é negativa para $-1 < a < 5$

A raiz é nula para $a = -5$

A equação é impossível para $a = -1$ e indeterminada para $a = 5$.

II

$$2) \text{ Se } \alpha = 0$$

$$x y = 0 \Leftrightarrow x = 0 \vee y = 0$$

$x=0$ define o eixo das ordenadas e $y=0$ define o eixo das abscissas. $xy=0$ define, portanto, a reunião dos eixos coordenados.

Se $c \neq 0$ $xy=c$ define uma hipérbole equilátera cujas assíntotas são os eixos coordenados.

Se $c > 0$ x e y têm o mesmo sinal: a curva tem os pontos nos 1.º e 3.º quadrantes somente.

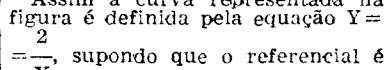
Se $c < 0$ x e y têm sinais contrários: a curva tem os pontos nos 2.º e 4.º quadrantes somente.

$$b) y = \frac{x+3}{x+1} \Leftrightarrow y(x+1) = x+3 \Leftrightarrow yx + y = x + 3 \Leftrightarrow yx - x = 3 - y \Leftrightarrow x(y-1) = 3-y \Leftrightarrow x = \frac{3-y}{y-1}$$

Igualando $y-1$ a Y e $x+1$ a X obtém-se a equação $Y = \frac{2}{X}$, a qual,

como vimos na alínea a), define uma hipérbole equilátera referida às suas assíntotas. Ela está representada na figura junta, supondo que o referencial é XOY. Para que a mesma curva corresponda a equação $y-1 = \frac{2}{x+1}$ é necessário e suficiente que se suprimam translações aos eixos coordenados de modo que a nova origem seja o ponto O'(1,-1).

Assim a curva representada na figura é definida pela equação $Y = \frac{2}{X}$, supondo que o referencial é XOY e pela equação $y-1 = \frac{2}{x+1}$ (ou, o que é o mesmo, pela equação dada), supondo que o referencial é XO'Y'.



$$x^2 + y^2 - 2x + 2y = 30 \Leftrightarrow x^2 - 2x + 1 + y^2 + 2y + 1 = 30 + 1 + 1 \Leftrightarrow (x-1)^2 + (y+1)^2 = 32$$

C é o ponto (1,-1)

b) A tangente é perpendicular à recta que passa por C e por (5,3).

O declive desta recta é $m = \frac{3+1}{5-1} = 1$

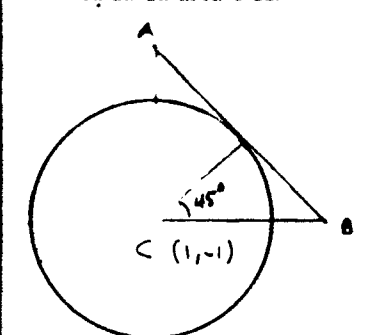
e, portanto o da tangente -1 . $y-3 = -(x-5)$ é uma equação da tangente.

c) A recta que passa por C e pelo ponto de tangência tem o declive 1. A sua inclinação é, pois, de 45° . CA e CB são paralelos aos eixos coordenados. Nestas condições, o triângulo ACB é rectângulo e isósceles. A altura referente à hipotenusa é um raio e, portanto, a sua medida é $\sqrt{32} = 4\sqrt{2}$.

A hipotenusa é o dobro da altura. $h = 4\sqrt{2} \times 2 = 8\sqrt{2}$.

A medida da área é dada por $\frac{8\sqrt{2} \times 4\sqrt{2}}{2} = 32$.

A medida da área é 32.



IV

$$a) \sin 3x + \sin x = -\cos x \Leftrightarrow 2 \sin(2x) \cos x + \cos x = 0 \Leftrightarrow \cos x [2 \sin(2x) + 1] = 0 \Leftrightarrow \cos x = 0 \vee 2 \sin(2x) + 1 = 0$$

$$\text{Ora } \cos x = 0 \Leftrightarrow x = K\pi + \frac{\pi}{2} \wedge KEZ$$

$$2 \sin 2x + 1 = 0 \Leftrightarrow \sin(2x) = -\frac{1}{2} \Leftrightarrow 2x = K\pi + (-1) \frac{\pi}{6} \wedge KEZ \Leftrightarrow x = \frac{K\pi}{2} + (-1) \frac{\pi}{12} \wedge KEZ$$

As soluções das equações são da das pelas expressões

$$K\pi + \frac{\pi}{2} \text{ e } \frac{K\pi}{2} + (-1) \frac{\pi}{12} \text{ em que } KEZ.$$

b) $\int_0^{\frac{\pi}{3}} \tan^3 x \sec^2 x dx$

$$a) \int_0^{\frac{\pi}{3}} \tan^3 x \sec^2 x dx = \int_0^{\frac{\pi}{3}} \tan x \sec^2 x dx = \left[\frac{\tan^2 x}{2} \right]_0^{\frac{\pi}{3}} = \frac{\tan^2(\frac{\pi}{3})}{2} = \frac{3}{2}$$

VI

1) O conjunto G é fechado para a operação $\ominus$, isto é,

$$1. E(0) = 1$$

$$1. E(90^\circ) = i$$

$$1. E(180^\circ) = -1$$

$$1. E(270^\circ) = -i$$

$$A, b \in G$$

2) A operação $\ominus$ é associativa: isto é,

$$a \ominus (b \ominus c) = (a \ominus b) \ominus c$$

3) Existe um elemento u (neutro) tal que para todo o a, $a \ominus u = a$ e $u \ominus a = a$

Em linguagem simbólica:

$$a \ominus u = a$$

4) Todo o elemento tem oposto. Em linguagem simbólica:

$$a \ominus a' = u$$

b) Formemos a tabela da multiplicação:

	1	-i	-1	-i
1	1	i	-1	-i
i	i	-1	-i	1
-i	-i	1	i	-1
-1	-1	i	-i	1

A tabela permite concluir que, de facto, se trata de um grupoide que, como é fácil de verificar é associativo. Existe elemento neutro, é a unidade. Todo o elemento tem oposto. O de 1 é o próprio 1. O de -1 é também o próprio -1. i e -i são opostos.

Vê-se, pois, que (G, $\ominus$) é um grupo

c) $1 = 1 (\cos 0 + i \sin 0)$

O módulo de qualquer das raízes quartas é $\sqrt[4]{1} = 1$. Os argumentos das quatro raízes estão em progressão aritmética de razão $\frac{360^\circ}{4} = 90^\circ$.

Uma das raízes tem o argumento $0^\circ = 0$.

Os argumentos das quatro raízes são $0^\circ, 90^\circ, 180^\circ$ e 270° .

As raízes quartas da unidade são

$$1. E(0) = 1$$

$$1. E(90^\circ) = i$$

$$1. E(180^\circ) = -1$$

$$1. E(270^\circ) = -i$$

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

O que é o Centro de Investigação Pedagógica

Não será precisa longa justificação da importância da investigação pedagógica no momento presente. De certo modo, são tão vastas as implicações que se relacionam à educação que importa a graduação de tarefas e a delimitação de sectores para não prejudicar a eficiência possível de tão complexo empreendimento. Educação é formação integral do homem, organização dos meios que lhe permitam a revelação tão completa quanto possível das suas aptidões e correspondente utilização social das suas capacidades. Sem este prévio cuidado, a sociedade não progride e o homem não se valoriza, oscilando ao sabor de circunstâncias nem sempre felizes. Verdade corrente e indelével, sempre renovada e nunca refutada, é esta: o nosso sistema educativo, o nosso plano de estudos, a nossa organização escolar não estão actualizados e não possuímos, até agora, um centro de investigação que experimente e sugira as tarefas tendentes a obviar ou a diminuir o mal por todos reconhecido; não possuímos ramos de ensino escolarmente organizados que observem a maioria daqueles que, saídos do ensino primário, não continuam nos estudos, demasiado

longos para as possibilidades económicas ou demasiado difíceis para os propósitos da vida prática; carecemos de orientação escolar tendente a auxiliar cada um a conquistar, em função dos seus méritos, o lugar próprio e a atingir o devido rendimento da sua preparação profissional de nível médio adequada às exigências que a transformação da sociedade em via de industrialização exige do operário especializado; não se exige carteira profissional ou o certificado de competência nos trabalhos de ordem prática ou técnica das profissões do escalão secundário e não possuímos escolas de especialização para superdotados e para aproveitamento de capacidades excepcionais.

Perante a lista das necessidades urgentes cuja satisfação se reclama para o progresso da Nação e bem-estar dos seus componentes — e que não pode tentar-se improvisar empiricamente sem malogro certo — propõe-se o Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian contribuir para a solução de alguns dos problemas citados e, sucessivamente, de outros não menos importantes, quando o

(Continua na 16.ª página)

A TRAVERS LE MONDE

Nouvelles cour-
tes de l'étranger

- L'U. R. S. S. pourrait allig-
ner aux côtés de Hanoi: es-
time M. Harriman

A l'issue de son entretien hier
avec le Président Johnson, M.
Averell Harriman, ambassadeur
itinérant des États-Unis, a dé-
claré avoir l'impression que
l'URSS souhaite un règlement
pacifique de l'affaire vietna-
mienne. Mais l'ambassadeur n'es-
time pas que Moscou puisse in-
tervenir auprès du Gouverne-
ment de Hanoi. Si la situation
deviendrait plus critique — a dé-
claré M. Harriman — l'URSS
allignerait alors aux côtés de
Hanoi.

- Au Vietnam Sud. Les viet-
congs attaquent une installa-
tion «Esso».

Des éléments du Vietcong ont
attaqué à l'aube, avec violence,
les installations pétrolières de
l'Esso, situées à 10 km de l'im-
portante base aérienne améri-
caine de Da Nang. Quarante pour
cent des installations ont été
détruites, estime-t-on.

- En Grèce. Des consultations
en vue d'un nouveau gouver-
nement

La confiance ayant été refusée
au Gouvernement de M. Novas
par le Parlement, le Roi Con-
stantin ouvre les consultations en
vue de la formation d'un nou-
veau gouvernement. A l'annonce
de la chute de l'équipe de M.
Novas une manifestation s'est
déroulée sur la Place de la Con-
stitution en faveur des députés
du Centre.

Parmi les solutions envisagées
on retient comme la plus pro-
bable celle d'un gouvernement
centriste homogène constitué par
M. Stephanopoulos ou par l'an-
cien Ministre de l'Intérieur M.
Elias Tsirimokos.

Um louvor ao comodoro

António Aragão

O sr. general Meira e Cruz, go-
vernador militar dos Açores, assi-
nou um expressivo louvor ao sr.
comodoro António da Cunha Ara-
gão, comandante naval daquele ar-
quipélago, «pela forma extrema-
mente correcta e leal como coopera
com o Comando Militar dos Açores».

Diz-se ainda nesse louvor:
«A sua forte personalidade e fir-
meza de carácter de verdadeiro che-
fe militar que é, tornam-no exem-
plar não só no desempenho das
suas elevadas funções de coman-
dante naval dos Açores, como nas
de governador militar interino, que
algumas vezes tem exercido, sem-
pre com igual competência, constan-
te boa disposição de espírito e vi-
vo sentimento de colaboração, qua-
lidades que, sempre afirmadas ao
governador militar dos Açores,
muito o tem apreciado e imposto à
sua consideração e estima».

FÉRIAS EM «ROULOTTE» — 3

OS ESTRANGEIROS... OS ESTRANGEIRADOS

— E OS FINS DE SEMANA CAMPISTAS

Alguém que tivesse oportunidade de percorrer os cinquenta par-
ques de campismo portugueses e esquadrihar, ao mesmo tempo, os
quatro cantos do continente poderia fazer uma estimativa, mais ou
menos exacta, do número de «roulottes», estrangeiras em Portugal,
neste e no próximo mês. A tarefa é impossível de realizar e nem sequer
podemos lançar mão de estatísticas
oficiais — porque não existem. Sa-
bemos, no entanto, que no Parque

Pela vasta janela da «roulotte»
via-se uma cabeça feminina. A se-



A viúva Grove pode ver televisão no interior da sua casa rolante

de Campismo de Lisboa estão, nes-
te momento, acantonadas cerca de
200 caravanas estrangeiras. Admi-
tindo que em cada um dos outros
parques do País estão estacionadas
outras tantas, e abstraindo, para
compensações, as que estão espa-
lhadas por outros locais, obtere-
mos, aproximadamente, mil cara-
vanas estrangeiras, ao que nos pa-
rece, um número aceitável, na im-
possibilidade de termos mais exa-
ctos.

Temos, assim, uma ideia geral
desta forma nova de invadir, com

Reportagem de

Luís de Oliveira Nunes

a casa às costas, outros países, vi-
vendo neles como no seu próprio
ambiente.

Para os portugueses que com eles
convivam essa forma de viver pode
constituir, muitas vezes, uma lição,
na medida em que traduz uma
simplificação de métodos e atitu-
des, próprias de sociedades econó-
mica e socialmente mais desenvol-
vidas. Isso será, ao menos, um es-
tímulo para muitos de nós.

A procura de assuntos de repor-
tagem ou histórias curiosas percor-
remos alguns aglomerados carava-
nistas. E as histórias lá estavam à
nossa espera.

● Um estrangeirado

Beira-mar, a dois passos de Car-
cavelos. Quase ao lado, estavam,
um pouco isolados, um estúpido
automóvel e uma caravana, ambos
de matrícula francesa.



nhora parecia entretida a lavar
roupa.

Lançámos um «bonjour, mada-
me», logo correspondido, sem
«accent».

«Madame» apareceu um pouco
mais, mostrando as suas formas
volumosas e a pele branca, avivada
por um fato de banho azul escuro.
Na cara tinha umas sardas pequê-
ninas e o cabelo ruivo, levantado
em «rabo de cavalo», dava-lhe ao
rostro um certo carácter.

A conversa prosseguia entre o
português e a turista francesa,
quando interveio uma voz, que vi-
nhá do fundo da «roulotte».

— Mas nós somos portugueses!!!

«Madame» esboçou um gesto de
contrariedade. Um homem baixo,
gordo, muito moreno, a barba cres-
cida, hisurtos os cabelos, avançou
na nossa direcção. E repetiu:

— Nós somos portugueses!

Falava num tom suave, simples:

— Viemos passar férias. Todos os
anos regressamos à nossa terra. Es-
tamos em França há doze anos.

— E dão-se bem?

Não respondeu: apontou para a
mulher, para a caravana, para o
automóvel. Depois disse:

— A minha mulher também é
portuguesa. A caravana custou-me
cinquenta contos e o automóvel
um pouco mais! Não nos queixa-
mos. Antes pelo contrário. Traba-
lhamos ambos. Eu sou motorista
do prefeito de Evreux, cidade, co-



Por cima da mesa da «roulotte» é
um símbolo da sua

mo sabe, vizinha de Paris. A minha
mulher é criada lá em casa. Não
nos falta nada: temos cama, mesa,
roupa lavada e uns cobres para go-
zar este mês de férias.

— Onde é?

— Sou de Lisboa.

BORGES COCKTAIL PC

À sua escolha,
para seu prazer
«on the rocks»
ou apenas bem
gelado...
simples,
ou com uma
casquinha de li

Tão leve e tão



BORGES COCKTAIL

FREDERICO M

AGRADE

Sua família, na impossibili-
por desconhecimento de mo-
conhecimento a todos os que
festaram o seu pesar, assim e
tir à missa do 30.º dia, onten
saudoso extinto.

SR. CAPITALISTA!

COLOQUE BEM O SEU PRECIOSO CAPITAL



APROVEITE A NOSSA EXPE-
RIÊNCIA PARA A COMPRA
E VENDA DE PROPRIEDADES
E COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA:
Rossio, 3-2.
Telefone 369384 P.P.C.
PORTO:
R. Passos Manuel, 14-1.
Telefone 20344 P.P.C.A.

GUIA

FUNDADA EM 1875

UM NOME QUE É UMA GARANTIA

AS SUAS JÓIAS
AS SUAS PRATAS

SÃO DO MELHOR QUE SE PRODUZ
NO NOSSO PAÍS

OURIVESARIA DA GUIA

R. D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

NA SAPATARIA



NÃO PAGA LUXO...

PAGA SÓ QUALIDADE

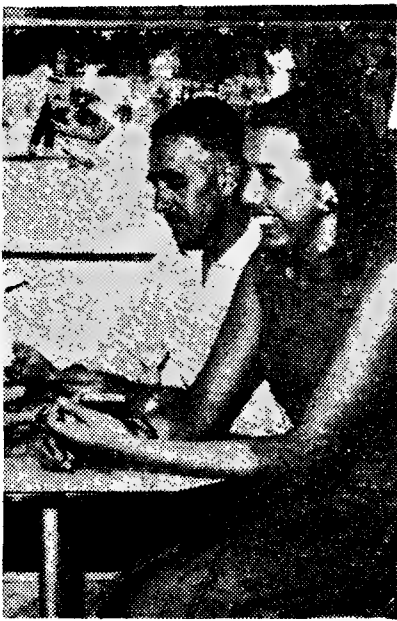
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

Pretendem vender ouro, pratas
ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257





esta família francesa o boneco regional amizade pelo nosso País

- Tem família?
- Numerosa!
- Porque não foi para casa deles?

(Continua na 17.ª página)

PORT



PORT

MIGUEL PAVÃO

CIMENTO

idade de agradecer pessoalmente, as, vem testemunhar o seu re- de qualquer forma lhes mani- omo aos que se dignaram assis- celebrada por intenção do seu

UTRAL

«TODOS OS ARTISTAS APLAUDEM O DESCANSO SEMANAL EMBORA POSSA PARECER UMA IRONIA»

— disse-nos o actor Fernando Gusmão

A notícia de que vai ser, final- mente, concedida aos artistas tea- trais uma regalia há muito recla- mada — o direito de descansarem uma vez por semana, como toda a gente e, também, no meio teatral de todo o mundo — não podia dei-

UM JANTAR

no Royal British Club

Na sede do Royal British Club, em Lisboa, há hoje um jantar que reunirá o secretário da Society of Motor Manufacturers and Traders, de Londres sr. C. V. Ford, com muitos dos jornalistas portugueses que têm visitado fábricas de auto- móveis da Grã-Bretanha a convite daquela organização. O sr. C. V. Ford, que conta no nosso País grande numero de amigos, apro- veitará o ensejo para troca de im- pressões sobre o progresso da in- dústria de montagem de automó- veis britânicos em Portugal.

nar de provocar regozijo no meio artístico de Lisboa. E dizemos Li- boia não só por ser o mais impor- tante e praticamente o unico meio teatral do País mas, também, por- que no Porto, onde existe apenas uma companhia profissional com carácter permanente, os elementos do Experimental já há muito bene- ficiavam do descanso semanal, á segunda-feira.

O actor e encenador Fernando Gusmão, um dos directores do Tea- tro Moderno de Lisboa; quando lhe pedimos a sua opinião sobre o assunto, disse-nos:

— O problema do descanso se- manal já se arrasta há muito tem- po. Lembro-me que, há uns seis anos, o Ministério fez um inquérito sobre o assunto, junto dos artistas. E estes, como é compreensível, pronunciaram-se a favor desta al- mejada regalia.

— Entende, pois, que a medida anunciada para o princípio da pró- xima temporada, ou, o mais tardar, para 1 de Janeiro, causou satisfa- ção no meio teatral?

— Certamente. A vida de actor é muitas vezes dura e não se com- preendia que a gente de teatro não beneficiasse de um dia de descan- so, que o estatuto do trabalho ga- rante a todos os trabalhadores por- tugueses. Sim, é uma regalia de aplaudir, muito embora possa pare- cer, também, uma ironia.

E Fernando Gusmão explicou o seu pensamento:

— Sem desprimir para o signifi- cado da vitória agora alcançada penso que o grande e mais grave problema do actor português é a falta de companhias estáveis, que lhe garantam trabalho regular. Com trabalho garantido é que é gostoso poder descansar uma vez por semana. Assim, com empresas lutando com dificuldades e os acto- res sem contratos estáveis, o des- canso semanal tem muito de vitó-



O ACTOR FERNANDO GUSMAO

ria simbólica. Mas seja como for, é sempre de aplaudir um direito que se conquista.

Um parecer da Procuradoria

sobre as despesas
dos funcionários
com pleitos judiciais

O conselho consultivo da Pro- curadoria-Geral da Republica vo- tou e o ministro do Interior ho- mologou um parecer com as se- guintes conclusões:

«Não é lícito á Administração pagar as despesas que os titulares dos órgãos seus ou seus agentes façam com a defesa dos pleitos que lhes sejam movidos por actos re- lacionados com o exercicio das suas funções, quer desses actos resulte a responsabilidade civil solidária da Administração quer mesmo quando venham a ser absolvidos. Sugere-se, porém, que se adopte uma providência legislativa no sen- tido de considerar encargo da Ad- ministração o pagamento daquelas despesas quando o titular do órgão ou o agente venha a ser absolvido».



economia
duração
qualidade

Os esmaltes, lacas, produtos de fundo e especiais que a RIPOLIN produz para a INDÚSTRIA são índice do alto nível de fabrico atingido pelos técnicos da RIPOLIN — base da preferência que lhe é dispensada em todo o mundo.

Os «Serviços Técnicos» RIPOLIN estudarão qualquer problema de pintura que lhe seja proposto



VALE POR 3

RIPOLIN—FÁBRICA DE TINTAS DECORA S. A. R. L.

Sede: Perafita-MATOSINHOS, Telef. 99 50 40-99 50 58-90 51 09 • Delegações em LISBOA e PORTO

WORLD WIDE

News in brief
from abroad

- Harriman supposes that the U. S. S. R. could line up with Hanoi

Averell Harriman, roving am- bassador of the United States who returned a few days ago from a visit to Moscow, said after his talk with President Johnson in Washington yesterday that he had the impression that the U. S. S. R. wanted a peaceful so- lution to the Vietnam question. Harriman, however, did not see any prospect of Moscow, inter- vening with the Hanoi Govern- ment. Harriman thinks that the Soviet Union would line up with North Vietnam should the situa- tion turn still more critical.

- Vietcong attack on Esso instal- tations

Vietcong guerillas launched a violent dawn attack on the Esso oil installations five miles from the important American airbase of Da Nang in South Vietnam. Forty per cent of the installa- tions were destroyed.

- Consultations in Greece for the formation of a new go- vernment

In view of the Greek Parlia- ment's rejection of a vote of con- fidence in Athanassiades - Novas's Government, King Constantine is going to start consultations for the formation of a new ca- binet. There was a demonstra- tion in Constitution Square in favour of deputies of the Centre when the fall of the Novas Go- vernment was announced.

A centralist homogeneous go- vernment headed by Stephanop- sulos or the former Minister of the Interior, Elias Tsirimocos, stands out as the most likely solution.

Divorciada na Alemanha não obtém no nosso País a confirmação legal

A sr.ª D. Maria Margarida Osorio Bernardo Antunes Ehlert, portu- guesa de origem, casou canônica- mente em Portugal, na vigência da Concordata, com o súbdito alemão Walter Paulo Bruno Kolver.

Obtiveram os cônjuges na Ale- manha Federal sentença de divórcio, vindo ela requerer a Portugal a revisão e confirmação dessa sen- tença, o que lhe foi concedido pela Relação de Lisboa. Não se confor- mou o Ministério Público, levando, por isso, recurso para o Supremo. Em 23 de Outubro de 1964 confir- mou o Supremo esse acórdão. Ain- da inconformado, recorreu o Mi- nistério Público para o Pleno, alegando haver a oposição prevista no artigo 763.º do Código de Pro- cesso Civil entre o mesmo e o Acórdão de 4 de Junho de 1963, pu- blicado no «Boletim do Ministério da Justiça» n.º 128, 447.

Por seu acórdão de fl. 19 destes autos decidiu o Supremo que ha- via, com efeito, essa oposição. As- sim, enquanto o acórdão de 1964 decidiu que tal sentença podia ser revista e confirmada em Portugal, já o acórdão de 1963, em caso den- tico, decidiu o contrário.

O Pleno deu provimento ao re- curso do Ministério Público, com as custas a pagar pela recorrida, e fir- mou o seguinte assento:

«Não é de conceder a revisão e confirmação de sentença estrangei- ra que decreta o divórcio de nacio- nais ou estrangeiros casados se- gundo o regime da Concordata en- tre Portugal e a Santa Sé».

TRADUTORES TÉCNICOS PRECISAM-SE

De alemão, francês e inglês. Referências e preços a este jornal ao n.º 103.

Isto é a **CORTINA DE** **FRIO** **BOSCH**



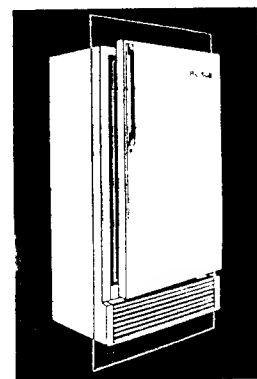
Podemos finalmente revelar a existência duma cortina de frio criada pela técnica BOSCH e colocada ao seu dispor. Esta cortina de frio, que não requer cuidados especiais, actua como uma segunda porta e defende duplamente a saúde dos seus. Introduza a mão no interior do seu frigorífico BOSCH e sentirá imediatamente a presença desta cortina de frio.

De 130 a 800 litros de capacidade

Desde
3.490\$00

Exija o certificado de garantia BOSCH

FRIGORÍFICOS **BOSCH**



ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA. Lisboa-Porto • Assistência Técnica em todo o País. **BOSCH É BOM**

SACOR

CIRCUITO DE CASCAIS

TURISMO

MANUEL LOPES GIÃO
1.º na classe
1.º na classificação geral

GYPRIANO FLORES
1.º na classe

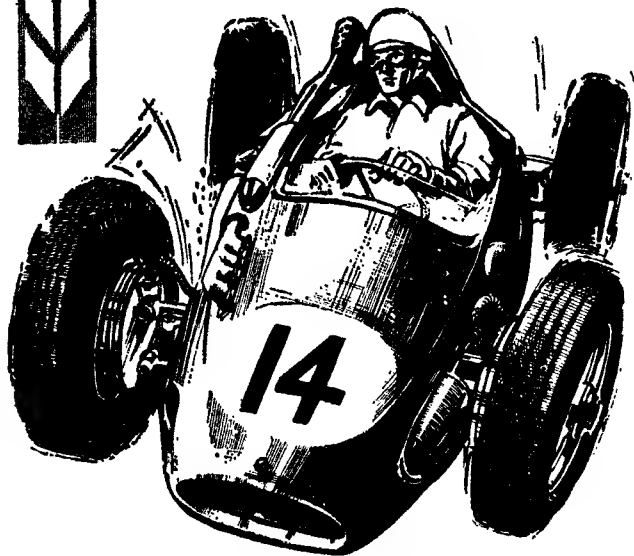
GRANDE TURISMO

ACHILES DE BRITO
1.º na classe
2.º na classificação geral

MANUEL LOPES GIÃO
1.º na classe
4.º na classificação geral

FÓRMULA 3

JOAQUIM FILIPE NOGUEIRA
1.º português classificado



ESTES CONCORRENTES USARAM
EXCLUSIVAMENTE PRODUTOS

SACOR

CIDLA—Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

MERCEDES

Para qualquer reparação prefira a COTAL «Serviço Independente», Rua de Artilharia Um, 105-A. A COTAL assiste Mercedes do Corpo Diplomático, Entidades Oficiais, Altas Individualidades, etc.

Peças legítimas — Orçamentos — Trabalhos garantidos

EXTERNATO DE ALVALADE

SEXO MASCULINO

DIURNO — NOCTURNO

R. ISIDORO VIANA, 12 — (ao Campo Pequeno)
TEL. 771965

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA — CURSO LICEAL

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

FRIGORÍFICOS

180 LITROS

AGORA AO PREÇO FANTÁSTICO DE

3.600\$00

INTERIOR EM CHAPA ESMALTADA — DESCONGELAÇÃO

SEMI-AUTOMÁTICA — 5 ANOS DE GARANTIA

PREÇO SUJEITO A I. C.

CASA M. L. FERREIRA

R. DE DONA ESTEFÂNIA, 48, 1.º ANDAR

O GRAVE PROBLEMA

dos maus cheiros
em Olhão

OLHÃO. 5 — Parece insolúvel o grave problema dos maus cheiros exalados da autêntica e pestilenta caldeira que é a Doca de Pesca de Olhão, cujas máquinas da instalação elevatória dos dejectos que ali desagüam, nunca trabalharam e se encontram destruídas presentemente.

O município local, prevendo a impraticabilidade da referida instalação recusou-se, e, muito bem, em receber a obra e parece que o assunto diz directamente respeito à Junta Central dos Portos, pelo que parece não ter resolução imediata, enquanto a população sofre as consequências e os turistas são afugentados. Em contrapartida, o município tomou urgentes providências quanto ao local do «Diário de Lisboa» e as entidades atuaram mais de uma vintena de indivíduos que secavam peixe nos quintais e nas varandas, mandando por isso apertar a vigilância.

Diário

da Outra Banda

VAI SER EXECUTADA

a rede de esgotos
de Alhos Vedros

A Câmara Municipal da Mota, prossequindo na política de dar todas as povoações do concelho com as infra-estruturas necessárias ao seu desenvolvimento, adjudicou por 1900 contos, a primeira fase da rede de esgotos da vila de Alhos Vedros, importante freguesia daquela região, onde está instalado um dos maiores centros da indústria corticeira, e que de há muitos anos reclamava a realização de tão grande e indispensável melhoramento.

Por tal facto, é grande o regozijo de toda a população de Alhos Vedros, especialmente por parte dos habitantes do bairro Gouveia, cuja rede de saneamento é abrangida nesta fase agora adjudicada.

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — A's 21 e 15: «Parada do riso» e «Romance em Capri» (12 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — A's 21 e 15: «Pijama para dois» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21: «O assassino vem na lista» e «Silvia» (17 anos)

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gamerio* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 231100).

ALHOS VEDROS — *Gusmão* — R. Candido do Reis 30 (Tel. 224020).

ALMADA — *Castro Rodrigues* — R. Capitão Leitão 49 (Tel. 270074).

BAIXA DA BANHEIRA — *Alameda* — Estrada Nacional, 174

BARREIRO — *Maderna* — Rua D. Maria II Gomes Araújo, 12 (Tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE — *Imperio* — Rua do Cabo da Boa Esperança (Tel. 274356).

MOITA — *Silva Rocha* — Rua República, 10 (Tel. 239029)

MONTIJO — *Giraldes* — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA — *Leão* — Av. Sáezar (Tel. 229025).

SETÚBAL — *Rosado Pinto* — R. de Bocage (Tel. 22184), Nova — R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL — *Godinho* — R. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

REUNIU-SE O JÚRI PORUGUÊS DA OPERAÇÃO «PLUS ULTRA»

Nos serviços centrais do Rádio Clube Português efectuouse a primeira reunião do júri da Operação «Plus Ultra», que elegera o representante do nosso País naquela campanha, destinada a revelar o valor humano das crianças, constituindo ainda um notável movimento de solidariedade internacional.

Compareceram os srs. drs. Fernando Manuel Teixeira de Matos, adjunto da direcção dos serviços culturais da M. P.; Nelson de Barros, jornalista, representante do Grémio Nacional da Imprensa; Maria dr. António Bivar, chefe da divisão de relações exteriores da Radiotelevisão Portuguesa; e Alvaro Jorge, director de produção do Rádio Clube Português.

Devido ao número apreciável de casos presentes e, ainda, à ponderação que alguns deles exigem, a decisão só será tornada pública após uma segunda reunião, que se realizará em data oportuna.

A ESCOLA TÉCNICA DE ÍLHAVO

ficará muito bem situada

ÍLHAVO. 5 — Baixou já a Câmara Municipal deste concelho, enviado pela respectiva repartição da Direcção-Geral do Ensino Técnico, o projecto da escola técnica de Ílhavo, que deve ser construída nos terrenos do antigo campo de futebol, situados na Rua do Casal. Será a Câmara de adquirir novos terrenos contíguos, pois foram considerados insuficientes os que já são pertença do Município.

Como se espera a todo o momento a nomeação do presidente da Câmara, lugar que está a ser exercido interinamente pelo sr. dr. Alcino Couto, julga-se que a solução definitiva do problema será tomada pelo novo presidente, decisão que o povo desta terra aguarda com grande interesse.

A escola técnica ficará situada num lugar magnífico e funcionará, no primeiro ano, com o 1.º ciclo.

(Continuação da 11.ª página)

numero de investigadores e outras circunstâncias o permitirem.

● As tarefas basilares

Considerou-se, desde já, como tarefa primordial e urgente a organização de: a) uma secção de documentação pedagógica para coligir os elementos tradicionais da nossa educação e a principal bibliografia nacional e estrangeira, que servirá de base segura ao indispensável trabalho de investigação; b) uma secção de psicopedagogia que promova a investigação das técnicas psicopedagógicas adequadas ao estudo da criança e do adolescente, nas modalidades típicas de cada sector do mundo português, e o aproveitamento dessa investigação nos campos da pedagogia diferencial e da orientação vocacional.

Se estes problemas, inegavelmente basilares, são de indubitável importância, em estrita conexão com eles surgem outros igualmente prementes.

Assim, propõe-se o C. I. P. dar realização ao seguinte esquema de investigações pedagógicas e psicopedagógicas.

● O Serviço de Psicopedagogia, Psicologia e Orientação Vocacional

Por intermédio destes serviços fazer o seguinte:

a) Realizar a cobertura sucessiva dos distritos do continente, visando a aferição das técnicas psicopedagógicas.

b) Manter com carácter assistencial um serviço de orientação escolar e de conselho psicopedagógico, aberto às crianças e aos adolescentes de qualquer grau ou tipo de ensino.

c) Colaborar com o Serviço de Bolsas de Estudo da Fundação no sentido de proporcionar a esse Serviço os meios científicos de selecção e orientação psicopedagógica dos candidatos a bolseiros, de acordo com as capacidades dos concorrentes e as necessidades de investimento humano do País.

d) Proporcionar apoio científico e investigativo a centros psicopedagógicos regionais.

e) Promover a realização de um inquérito sobre a fadiga psíquica do escolar, por solicitação do Centre International de l'Enfance;

f) Realizar seminários de sensibilização de grupo, com fins experimentais e com o objectivo de estudo de técnicas de grupo e sua aplicação à formação de educadores.

● O Serviço de Pedagogia e de Didáctica do Ensino Escolar e de educação permanente extra-escolar

A estes serviços competem:

a) Organizar inquéritos sobre os atrasos escolares no ensino primário.

b) Realizar inquéritos respeitantes à formação dos professores do ensino secundário.

c) Proceder à sondagem dos interesses e gostos artísticos de alunos do ensino secundário de Lisboa e sua comparação com outros centros estrangeiros.

d) Promover a sondagem à ocupação dos ócios de alunos do ensino secundário de Lisboa e propor actividades supletivas.

e) Recolher documentação legal necessária à elaboração de guias para informação de dirigentes escolares, professores, estudantes e famílias dos escolares, dos estudos em Portugal e respectivas carreiras profissionais.

f) Reunir material para a elaboração de instrumentos didácticos (textos, mapas, ilustrações, etc).

g) Iniciar actividades de orientação pedagógica escolar e extra-escolar.

h) Programar uma série de publicações como complemento indispensável, quer para o conhecimento teórico, quer para o exercício prático do ensino das ciências da natureza e das ciências do espírito, e preparação esquemática de tipos audiovisuais de leccionação.

Este trabalho experimental que o Centro se propõe realizar tem como finalidade impedir a improvisação, que é apenas simulação de solução, e impedir, também, a desfiguração da estrutura pedagógica nacional pela transferência apressada de métodos de outros países, sem o normal aferimento e necessária adequação. Tal serviço não precisa de ser encarecido nos seus propósitos, tão evidente se torna a sua utilidade e tão premente a sua realização (do «Boletim Informativo da Fundação Gulbenkian»).

AUSTIN A60 DIESEL

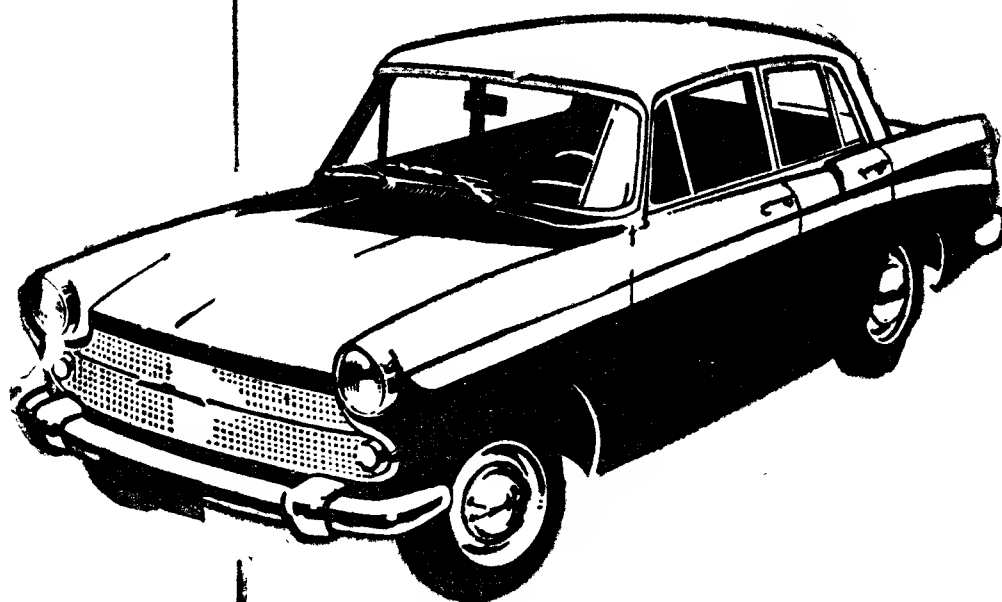
o que prefere
encontrar num carro?

elegancia?
conforto?
segurança?
economia?
baixo custo?

todas estas qualidades
encontrará reunidas no

AUSTIN A60 DIESEL

agora para entrega imediata



o carro ideal para
serviço de taxi com
grande capacidade
para bagagem,
longa duração e
consumo reduzido.

J. J. GONÇALVES SUCR.

LISBOA — PORTO — EVORA,
BRAGA — SANTAREM

AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Férias em «roulotte»

(Continuação da página central)

— Para casa deles?!...
— Somos turistas. Mas eles, estimulados pelo pequeno êxito seguiram, a pouco e pouco, o meu exemplo. Alguns, estão também em férias, outros continuam em Paris, a trabalhar. Tios, irmãos, primos, cunhados, filhos e sobrinhos. E já tenho netos franceses. Olhe!, ali está um (apontava para dentro da «roulotte»). O meu filho quis casar com uma francesa. Sabe? Elas são mais... como direi... mais modernas, mais independentes, mais... mais!

Dois casais como tantos outros

Um homem estava acocorado, a dar de comer aos cães. Ao fundo, era a toalha líquida do oceano, deixando perceber vagamente o delineado da Costa da Caparica. Parecia que não, mas o homem estava atento.

Percebera que estava ali gente dos jornais. E não se fez rogado. Chamou o resto da família, a mulher e a filha de «shorts», como ele. Com os cães à volta, brincando alegremente, eram a miragem de uma família feliz.

— Vivemos nos Baixos Pirinéus. Sou mestre-escola. Ouvimos falar de Portugal, interessámo-nos e por aqui andamos, á quinze dias, depois de percorrer parte da Espanha. A nossa «roulotte», permite-nos grande mobilidade. Entrámos pela fronteira da Guarda e fomos descendo para o Sul, parando um pouco em cada lugar de interesse.

— Sabe o que me incomoda aqui, na Costa do Sol? É a água do mar ser tão fria. No Algarve também é assim?

— Ficam por cá muito tempo? — Se ficamos muito tempo aqui? Nunca se sabe! Somos autênticos boémios. Dá-nos a veneta, fechamos a tenda, atrelamos o reboque e, ali, que se faz tarde, á procura de novos horizontes!

Um pouco mais tarde, num parque de campismo, conversámos com outra família de franceses.

— Estamos em vésperas de par-

tida! Há cinco anos que somos vossos fiéis admiradores. Este parque é maravilhoso — desde a sua fundação que nas férias estacionamos aqui a nossa caravana.

la crescendo o entusiasmo da senhora. A certa altura disse, com perfeito desembaraço:

— Eu já falo português. Não ouve?

Dizia realmente, uma ou outra palavrinha.

— Mas percebo tudo quanto dizem — acrescentava a nossa interlocutora perante o nosso ar desiludido —. E já escrevi artigos, sobre o Algarve para uma revista de caravanismo!

E prosseguiu:

— O meu marido, esse, sim, já fala bem a vossa língua. (e era verdade).

Enquanto falávamos com os pais, a filha do casal, «moça esbelta e aperaltada», cochichava a um canto com um rapaz português, parecendo trocar com ele afectuosas palavras de despedida.

Um homem persistente

A cena passou-se no parque de uma grande fábrica dos arredores de Lisboa. Falava-se de «roulottes». O entusiasmo do sr. Alberto Rodrigues de Almeida, contramestre da Sorefame, era evidente. Dizia, muito em segredo, a certa altura, para o engenheiro que amavelmente nos atendia:

— É amanhã, sr. engenheiro, é amanhã!

Parecia um segredo de Estado. Não resistimos:

— É amanhã o quê?

— A apresentação da minha «roulotte» á inspecção dos Serviços de Viação.

Entrámos na conversa segredada, também num tom miudinho.

— Ah! Tem uma caravana?!...

— Tenho, pois!

— E onde a arranjou?

— Construí-a eu!

— Como assim?

— Com peças soltas.

— Com peças soltas?

— Eu explico: Há muitos anos já que eu e minha mulher ambicionávamos ter uma «roulotte». Mas o seu preço era elevado para as

nossas posses. Como eu gosto de mecânica resolvi construí-la eu próprio. Há três anos que comecei essa tarefa. Um amigo dava-me um eixo, outro uma chapa, um terceiro um «plafond» — e assim por diante. Aqui na fábrica sempre havia uma peça ou outra que se estragava e ia para a sucata. Eu dava um jeito, nas horas vagas, rebitando, remendando, pintando. As nossas economias, ou as disponibilidades delas, empatámo-las nesta obra.

Continuava a falar em voz pausada:

— Agora vamos ver se me apro-

vam...

— Podemos ver a sua «roulotte»? — Está no telheiro da quinta de um amigo, na Estrada da Buraca. Foi ali que montámos oficina. Todos os nossos conhecidos estão entusiasmados. Já ontem um chefe de polícia, que mora perto de nós, quis iniciar a construção, da estrutura de uma tenda de campismo. Daqui á quinze dias, vamos estrear a nossa «roulotte» numas férias em Peniche, eu, minha mulher e mais outro casal. Depois de três anos vemos realizado o nosso sonho.

Retiro fins-de-semana

O Parque de Campismo de Monsanto — sabem-no os que têm oportunidade de o visitar — é, de facto, estupendo. E de tal forma que se está a criar um problema curioso.

O gosto da vida ao ar livre não escolhe idades nem classes sociais. Pois, atraídos pela beleza do local, pelo asseio das ruas, pela categoria da piscina, do restaurante, das lojas, mais d-uma centena de pessoas compraram «roulottes» e têm-nas estacionadas naquele parque. Através de uma estatística feita esta semana apurou-se que no Parque de Monsanto estão estacionadas, durante todo o ano, 130 caravanas. Os seus proprietários, dispondo de uma parcela de terreno para colocar o veículo, são muito mais estremosos e não se contentam com aquilo que a Natureza lhes confere. Criam, assim, á volta da «roulotte» pequenos jardins, com vasos floridos e relva. Sobre esta colocam vistosas mesas, cadeiras e guarda-sóis multicores, que constituem um enquadramento de estância de turismo. Durante a semana as «roulottes» estão fechadas, mas quando chega o fim-de-semana ascendem á muitas dezenas os que se deslocam até á sua vivenda, onde vão gastar as horas de repouso.

Com a chegada dos meses de férias e a invasão dos estrangeiros, a presidência do Município viu-se na necessidade de modificar este estado de coisas. Assim, por um recente edital, determinou que cada um destes utilizadores do parque não possa permanecer mais de um mês no mesmo local. A medida levantou, evidentemente, protestos, embora a determinação não signifique que estas pessoas tenham de deixar o parque. Porque, então, o burburinho?

Porque há zonas do parque onde ainda não foi possível instalar água e luz e toda a gente desce, naturalmente ter todas as comodidades na sua «roulotte» fins-de-semana.

Uma actriz em férias

Passeávamos pelo parque, á procura de notícias. Ao passar por uma «roulotte» vimos, de relance, lá dentro uma bonita imagem de mulher em «bikini», preto. Embora uma mulher em «bikini» preto não seja hoje uma notícia desportou-nos a curiosidade. Quisemos espreitar.

Prudentemente, á distancia, per-

cutámos se podíamos. Uma cabeça espreitou pela janela. Surpresa nossa:

Ana Paula, com os filhos, Gilberto e Marina, enviam, daqui, para os nossos leitores, um sorriso que lembra a Primavera

— Que faz você aqui, Ana Paula? — Passo férias! — Não sabia que era caravanista...

— Das mãs entusiastas e há muitos anos...

Entretanto por outra janela, apareciam mais duas cabeças, loiras, com dois olhos de um azul-esverdeado.

— Ora vê?! Agora está a família quase completa. São os meus filhos: Gilberto e Marina. Só falta o marido, que foi ganhar para os papo-secos.

— Estão aqui há muitos dias?

— Vai para quinze. Sim, vimos com frequência. E como estou a estudar um papel para a TV, e de tarde tenho de ir aos estudos, aproveito as manhãs, aqui, para estudar. Depois vou á minha vida e volto. Adoro isto! (lá preparando, entretanto, a refeição dos filhos, sem esquecer o cão).

Depois, acrescentou:

— Daqui á bocadinho vou tomar um banho de chuveiro e sair espavorida para o trabalho.

Ah!, as férias, meu Deus!

As férias das pessoas ocupadas!

A viúva grave

Haveria, certamente, entre os quase mil habitantes deste parque muitas histórias interessantes. Ali

vão, por exemplo, mais actrizes, Florbela Queirós, entre elas, que ali tem igualmente a sua «roulotte».

Há pessoas muito conhecidas, como é o caso da viúva grave. Segundo nos disseram mais tarde é uma mulher rica, viúva de um homem muito conhecido, que tinha excelentes relações e era um apaixonado caravanista. A viúva grave herdou do marido esta paixão. Comprou uma «roulotte» pequenina de dois leitos. Juntou-lhe uma espaçosa antecâmara, (uma tenda de campismo). Tem um bellissimo aparelho de televisão, frigorífico, mesa de cozinha, alguidares, bancos, cadeiras de repouso, enfim, os mil e um pertences que ajudam a fazer de uma casa um lar feliz.

Conversámos com a viúva grave, antes de lhe espreitarmos os domínios. É uma senhora afável, moderna, conversadora, que adora a sua cadellinha. Um enorme chapéu branco, «três á la mode», umas calças do ultimo modelo, altos os saltos dos esticados sapatos, a antifrã teve requintes de gentileza ao receber-nos. Mostrou tudo, prestou-se a posar, gentil, para o fotógrafo. E quase á despedir-se disse:

— Desculpe não lhe oferecer uma bebida. Cá na «roulotte» não bebemos álcool!

2 INCLINAÇÕES NATURAIS...



Para qualquer prato... o bom gosto do apreciador e um delicioso vinho verde seleccionado

MOURA BASTO

IGNIS

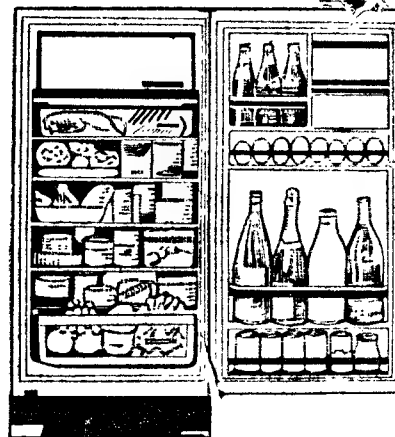
A NOVA SÉRIE
SPAZIALE 1965

A MARCA DE FRIGORÍFICOS DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

NÃO COMPRE UM FRIGORÍFICO QUALQUER A PREÇOS DE SALDO!

EXIJA UMA MARCA CONSAGRADA E QUE LHE OFEREÇA
UMA ASSISTÊNCIA TÉCNICA HONESTA E EFICIENTE.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA **IGNIS**



PREÇOS DESDE **2.490\$00** - VISITE O SEU HABITUAL FORNECEDOR DE ELECTRO-DOMÉSTICOS

Desde o pequeno e incomparável modelo NANO, ao luxuoso modelo de 305 litros, todos com o moderníssimo isolamento em poliuretano, encontrará na gama dos frigoríficos **IGNIS** o modelo ideal para o seu lar, seja este pequeno ou grande.

E não esqueça que todos os modelos **IGNIS** são construídos na mais gigantesca fábrica de frigoríficos da Europa sob os mais modernos processos de produção, o que significa:

MELHOR QUALIDADE • MELHOR PREÇO

Distribuidores exclusivos: **SOC. de RER SIDA-SUECA, LDA.**
RUA DE S. NICOLAU, 44/48-TEL. 369232 - (4 LINHAS) LISBOA

(Continuação da 9.ª página)

Não te sintas inquieta a meu respeito — quero-te apaixonadamente. Depois, este amor não se parece, talvez, com o que tu encontras nos romances ou na vida real. Desejava, para te não saber ansiosa, que ele se assemelhasse ao que houvesse de mais terno e suave sobre a terra. Entristece-me que estivesse triste quinta, sexta e sábado. (...) Que fatalidade, as minhas originalidades terem podido dar-te uma falsa ideia da minha ternura!

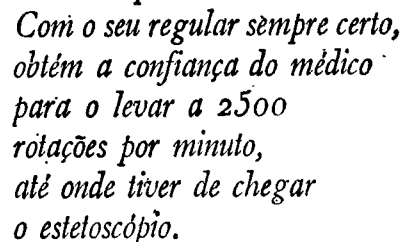
(I) N. do T. — Métilde, que permaneceu sempre insensível á paixão de Stendhal acusar-o de a comprometer Esta bela italiana vivia em Milão, tendo-se separado do marido depois de «uma única aventura amorosa» como Stendhal se comprazia a acentuar.

Prosseguem os trabalhos, no Ministério do Ultramar, da II Reunião do Conselho Coordenador das actividades educativas das províncias ultramarinas, instituído em Janeiro do ano passado.

A quarta sessão de trabalhos efectuou-se hoje, com começo ás 10 horas, sob a presidência do sr. dr. Justino Mendes de Almeida, director-geral do Ensino do Ultramar.

Os trabalhos começaram pela leitura, discussão e votação das conclusões dos temas das sessões anteriores. Depois foi apresentado o segundo tema — um estudo sobre a aplicação do decreto-lei, que reorganiza os serviços de inspecção nas províncias ultramarinas.

Nas sessão de trabalhos da tarde, também orientada pelo director-geral do Ensino do Ultramar é apresentado o terceiro tema: um parecer sobre o projecto de decreto-lei que reorganizará os serviços de administração da educação nas províncias ultramarinas.



A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. da Liberdade, 11 - Lisboa
R. Sá da Bandeira, 501 - Porto
Agentes em todo o País.

AV. DA LIBERDADE, 141-L. - LISBOA - TEL. 320108

TELEFONE
4 4 6 0 2

**FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA MÃO-DE-OBRA
CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MONITORES
CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PROFESSORES**

Está aberto nestes serviços, a partir de hoje até 30 do corrente, concurso para o preenchimento das seguintes vagas de professores:

— três	de 1.ª classe,	a que	corresponde o vencimento de	6.500\$00
— quatro	» 2.ª classe,	»	»	5.500\$00
— três	» 3.ª classe,	»	»	4.500\$00

Para serem admitidos ao concurso deverão os candidatos possuir um dos diplomas, dos seguintes cursos:

- **Escola Naval** (maquinistas navais militares)
- **Escola Náutica** (maquinistas navais civis)
- **Institutos industriais** (agentes técnicos de engenharia)
- **Escolas Industriais**

Os candidatos poderão concorrer a professores de diversos ramos profissionais da **construção civil, de mecânica e de electricidade.**

Para se efectuar uma conveniente e justa selecção, deverão os candidatos submeter-se a diversas provas e exames.

A escolha final far-se-á através dum **Curso de Formação** conduzido por técnicos estrangeiros.

Os transportes em comboio para Lisboa serão pagos. Pelos dias de **prestação de provas e pela assistência ao Curso de Formação receberão os interessados 100\$00 e 150\$00 diários**, respectivamente. Para informações detalhadas dirigir-se ao Centro Nacional de Formação de Monitores — Rua de Xabregas, 54, em Lisboa

Lisboa, 5 de Agosto de 1965.

O Director do C. N. F. M.
António Corrêa de Aguiar

QUINTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1965

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE QUE AGORA LHE OFERECE
A CASA A. SANTOS SILVA — RUA PASSOS MANUEL, 4 - A
 A PRONTO OU A PRESTAÇÕES EM CONDIÇÕES INIGUALÁVEIS
 (VISITE-NOS V. Ex.º QUE NÃO SE ARREPENDERÁ)

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

COMENTÁRIO DA 7.^a TIRADA

Só rufaram os tambores no regresso a terras lusitanas mas os golpes de emoção magoaram

CHAVES, 5 (pelo telefone) — Não pedimos uma estátua, mas não há dúvida de que o sr. António Ferreira, do Sangalhos, e mais o sr. Carlos Santos, da Ovarense, audaciosos, como jovens que são, obrigaram a rufar os tambores para a batalha, que se desenrolou na estrada sinuosa e pintalgada de acidentes orográficos, dos quais quatro — serras de respeito —, contavam para o Prémio da Montanha.

Durante 73 quilómetros, isto é, a partir do sétimo quilómetro, o sangalhense e o ovarense estiveram na origem das inúmeras faltas de respeito feitas ao pelotão. E aos benfiquistas, que se preocuparam demasiado em vigiar, como é da praxe, o «camisola amarela».

As escaladas, que faziam admitir uma selecção de valores — como se calculava, ninguém se mostrou trepador, excepto Mário Silva, diabólico, na sua arrancada para bater, momentaneamente, sem apelo nem agravo, o Peixoto Alves —, constituíram, no entanto, chibatadas de vigorosa emoção, quando se pressentiu a «debacle», na sua esteira, nova classificação geral e novo «camisola amarela». Reconstrução, de alto a baixo.

A energia prevaleceu sobre o talento e, daí, ter-se colhido uma impressão errônea sobre o valor atlético da tirada. Isso, porém, não invalida o esforço desenvolvido por todos os corredores, num traçado duro, que deve ter afectado bastante o sistema neuromuscular dos concorrentes.

Surpreendia a apatia do F. C. Porto, já de si agravada com a inesperada desistência de José Pacheco (os exageros pagam-se caro, meu rapaz), mas Joaquim Leão, a 108 quilómetros da meta, soltou medonho rugido, que até ecoou pelas fragas espanholas. Ouviram-se toques de alerta e, na estrada, parecia ter desaguado uma maré viva. Depois, faltavam 85 quilómetros, precisamente no troço que precedia a escalada do Alto do Allariz (1.^a categoria), quando Mário Silva e Mário Sá deixaram o pelotão perplexo. Especialmente, Peixoto Alves, que, várias vezes, teve o seu «jersey» amarelo perdido...

O nosso bloco-notas encheu-se de apontamentos. Desistências sobre desistências, corredores atrasados, a sofrerem tragicamente; outros desvairados, sem a noção do lugar que ocupavam, e, na vanguarda, a furia dos fu-

por FERNANDO SOROMENHO

gitivos a transformar-se em cansaço. Daqueles, os espanhóis e o sportinguista Leonel Miranda perdiam terreno a olhos vistos, na medida em que diminuía a distancia da meta. A substancial diferença do pelotão, que atingiu, pelo menos, 7 minutos, reduziu-se, gradualmente, e, com Portugal no horizonte, tudo regressava à forma primitiva. Isto é, exército concentrado, mas terrivelmente dilacerado. Olhos a saltarem das órbitas e máscaras de cera ressequida...

Quais as conclusões a extrair, destes tumultuosos 205 km, percorridos à média de 32,018, inferior em 982 metros à estipulada?

Primeira: a «Volta» começou, na realidade, em Espanha. E ontem, dentro ainda da nação amiga, durante 193 km, promoveu retocar, profundamente, a classificação geral.

Segunda: o Benfica e Peixoto Alves só estarão tranquilos... dentro das barras da Aldeia da Volta. Os espanhóis da Olsa e os representantes do F. C. Porto não os deixarão em paz. O caso do Sporting parece menos consistente por falta de «endurance» e experiência da maioria dos seus jovens elementos, já que João Roque está a desiludir. O técnico, Manuel Graça, ontem, por exemplo, gritou várias vezes, para os seus pupilos, no sentido de reagirem, para cooperarem com o colega Leonel Miranda, autor de uma bela proeza apesar de infrutífera.

E mais tarde viemos a ter conhecimento que foi Roque quem ajudou Peixoto, embora inadvertidamente, ao puxar pelo pelotão. Essa tática do corredor «leonino» e que nada agradou a Manuel Graça, interessado que o esforço de Leonel resultasse proveitoso.

Terceira: nas outras equipas há rapazes irreverentes, que podem complicar qualquer projecto. É de reparar, porém, no comportamento dos homens do Távira. Só lançam os seus golpes quando julgam ser oportunos.

Outras mais conclusões, no entanto, são legítimas, a despeito de não se verificar, por ora,

um esboço, devidamente acabado, que anuncie o futuro.

Entretanto, dois favoritos, José Pacheco e Alberto Carvalho, desistiram, imprevistamente. O primeiro, por má cabeça; o segundo, por desastre, o que é para lamentar. A Flândria sofreu rude golpe...

Enfim, regressou-se ao lar, com uma disposição diametralmente antagónica à que caracterizou a visita às lindas terras galegas. Agora, todos olham de soslaio, desconfiados, para o seu semelhante e, na imaginação de cada um, bailam fugas fantásticas. Oxalá, o sinal de ontem não venha a resultar em calamidade. Mesmo assim, 16 corredores deixaram de pedalar. E faltam onze dias...

De qualquer modo, no campo da relatividade, importará salientar, nesta «Volta», a inoculação do vírus das ofensivas. Razoavelmente congeninadas. Valha-nos isso.



A BEIRA DA DESISTÊNCIA — Já afastados do pelotão, Pedro Junior e Antonino Baptista fazem o último esforço para recolar. Depois — é a desistência

O FILME DA 7.^a TIRADA

Apesar de continuar a haver discordâncias, quanto à quilometragem das tiradas, subordinemo-nos — protestando — á do livro oficial. Portanto, assentemos nos 205 quilómetros, entre Santiago de Compostela e Chaves.

Partida às 12 e 30, com céu carregado.

4 KMS: Fuga, anulada no quilómetro seguinte, de José Pinto, Hortelano, Augusto Cardoso, Acursio e Incera.

7 KMS: Fuga de A. Ferreira e saída do pelotão, quase simultânea, de Carlos Santos.

33 KMS: Uma hora de prova. Os fugitivos, com 3 m. 33 s. de avanço. Entretanto, saltou do pelotão o seguinte grupo: L. Miranda, J. Centeio, A. Blanco e J. Madeira.

35 KMS: Sousa Cardoso atrasou-se, queixando-se de dores dos músculos das pernas. Pedalava com dificuldade. Desencorçoado. Apareceu o sol e jorrou o calor.

50 KMS: Sensação. Desistiu José Pacheco (F. C. P.). Miranda e Blanco escaparam-se aos dois companheiros de fuga.

53 KMS: Ferreira e Carlos Santos, com 2 m. sobre Miranda e Blanco; 3 m. e 15 s., sobre Centeio e Madeira; e 6 m. e 30 s., sobre o pelotão, onde já se encontrava Sousa Cardoso. Portanto, a «recolagem» do portuense fez-se em 18 quilómetros!

65 KMS: Após troços acidentados e de mau piso, surgiu a escalada do Alto de San Martín (3.^a categoria). Os dois fugitivos aumentaram o avanço para 7 m. sobre o pelotão. No alto da montanha: 1.^o, C. Santos; 2.^o, A. Ferreira; 3.^o, Blanco; 4.^o, L. Miranda. Estes dois, a 59 s. O pelotão passou com 6 m. 16 s. de diferença. Na descida, Centeio e J. Madeira foram absorvidos.

84 KMS: Abastecimento. Faltava Santamarina.

97 KMS: J. Leão arrancou de novo.

108 KMS: Corredores, dispersos, pela estrada. Era a meta volante. O quarteto da vanguarda, com 1 m. 55 s. de vantagem sobre Santamarina; e 4 m. e 30 s., sobre J. Leão e Lopez Muñoz, que reagira, entretanto. Diferença do pelotão: 7 minutos.

114 KMS: Santamarina apanhou os 4 fugitivos. Processou-se, então, a sensacional perseguição de Leão e Muñoz.

121 KMS: Os cinco fugitivos da frente foram apanhados por Leão e Muñoz. Mas, A. Ferreira cedeu. Subiu-se para o Alto de Taboada (2.^a categoria), onde, pela ordem, passaram A. Blanco, Miranda, C. Santos e J. Leão, com 5 s. de vantagem sobre Santamarina e Muñoz; e 2 m. 10 s., sobre o pelotão, onde iam Peixoto Alves e Mário Silva.

129 KMS: Alberto Carvalho caiu por uma ribanceira, desistindo. Iniciou-se a subida do Alto do Allariz (1.^a categoria).

135 KMS: No cimo, o grupo «A», constituído por Blanco, Miranda,

Leão, C. Santos e Santamarina, com ligeira vantagem sobre o grupo «B», formado por Van Wijnsberghe, Augusto Cardoso, J. Gomes, Sérgio Pascoa, Agostinho Correia, Angel Gomes, Augusto Fortes e João Centeio. E, com 5 m. 15 s., sobre o grupo «C», formado por Dennurster, F. Mendes, Francisco Valada, Humberto Corvo e A. Ferreira. O Saez pedalava isolado. Depois, o grupo «D», formado por Mário Silva (sensação), Mário Sá e José Vieira. O pelotão, atrasado 7 minutos.

141 KMS: Na descida, o grupo «D» apanhou Saez e o grupo «C» Mário Silva e Mário Sá, a puxarem, com Valada na roda. Também o grupo «A» foi absorvido pelo «B».

158 KMS: Apareceu o sol, mas a temperatura abafada. Eram 17 horas. A última montanha do percurso — o Alto das Estiradas. Pela ordem, na contagem, Sérgio Pascoa, Blanco, Centeio, Leão, João Gomes, Carlos Santos, com 5 m. 19,44 s. Mário Silva, Mário Sá e José Vieira, a 45 segundos.

174 KMS: Mário Silva e os seus dois companheiros agarraram os dois grupos da vanguarda.

179 KMS: Mário Silva furou, quando puxava, mas, três quilómetros volvidos, recolava, arrastando Mário Sá, que lhe havia cedido a roda.

189 KMS: O pelotão absorveu os numerosos fugitivos.

193 KMS: As 18 e 39, a «Volta» entrou em Portugal. Tudo em pelotão.

Com um «sprint» longo, em Chaves, venceu Houbrechts, gastando mais 12 m. 09 s., que o tempo previsto. Peixoto Alves e Mário Silva entraram no mesmo agrupamento geral.

A praia de Armonia e o turismo

OLHAO, 5 — Apesar dos entraves postos ao público, que o impede de se fixar na sua única praia, os turistas estrangeiros têm acorrido ali em elevado número, em face das condições especiais que a referida praia oferece.

No entanto, a população olliense espera ansiosamente pela desactivação da referida ilha, cuja demora está a entrar o seu desenvolvimento.

OPINIÃO

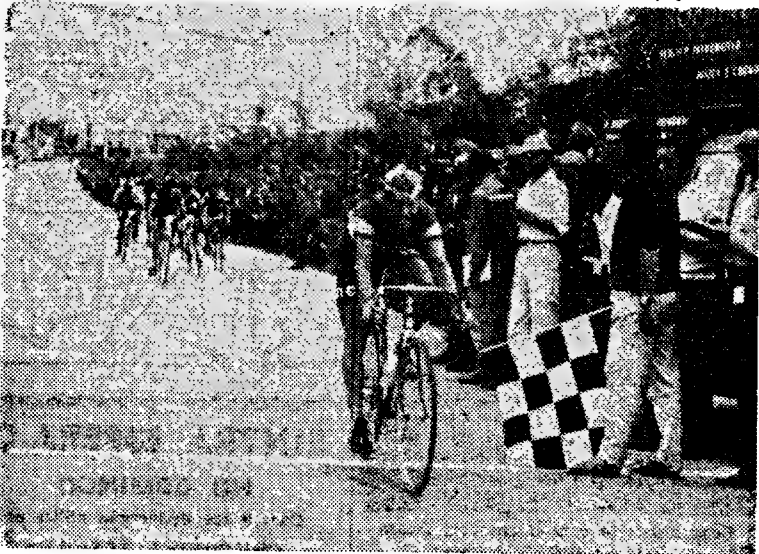
Em defesa da eficiência

Numa corrida de bicicletas, a informação desempenha papel relevante. E quando a tal se alude, não se considera a missão, aliás, difícil, dos jornalistas. Estes limitam-se a ser relatores do que lhes é possível observar. Mas, arrostando com os prejuízos, motivados pela ausência dessa informação, quase instantânea, consoante os acontecimentos verificados na estrada.

Nesta «Volta», não se introduziu a rádio, através de uma frequência determinada, para, assim, o director da corrida e os seus auxiliares, bem como os directores técnicos das equipas se inteirarem, acto contínuo, de factos, por vezes, de capital importância.

Em suma, faz falta um emissor ambulante, unico processo, susceptível de fornecer a toda a caravana informações circunstanciadas e oportunas. Se tal existisse, muitas deficiências desapareceriam, incluindo as que dizem respeito à circulação dos automóveis, dentro da corrida.

A situação decorrente realça-se um tanto ao acaso. E o acaso é inimigo da disciplina. Como se sabe...



O corredor belga Anton Houbrechts corta a meta em Chaves como vencedor

Dezasseis desistentes

(entre eles vários favoritos)

numa tirada corrida à média de 32,018!

- LISTA DAS BAIXAS DE ONTEM: José Pacheco e Azevedo Maia (F. C. P.); A. Pisco, A. Acúrsio e Manuel da Costa (Bf.); Artur Correia, Antonino Baptista e J. Santiago (Sang.); Alberto Carvalho (Fland.); Manuel Fontela (Ov.); J. Abreu e M. Oliveira (Ced.); Pedro Junior, Henrique Castro, Florêncio Silva e João de Brito (Alp.).

CHAVES, 5 — Os 205 quilómetros que ligaram Santiago de Compostela a Chaves ficam na história desta «Volta». A falta de preparação ou de capacidade de grande número de ciclistas veio à superfície com as dificuldades do percurso. E nem o facto de se correr a tirada à média de 32,018, portanto inferior à estabelecida (33 quilómetros) impediu que ficassem pelo caminho muitos ciclistas, alguns de- de- dos lotados favoritos.

Dezasseis corredores desistiram na etapa de ontem. E se o número é impressionante, a circunstância

de fazerem parte dele nomes de certo relevo no âmbito nacional oferece verdadeira sensação. Vejamos, numa breve análise, as consequências desse vento de destruição que passou pela caravana e levou com ele as mais frágeis ambições.

O Alpiarça deixou ontem na estrada quatro corredores

A equipa que teve maior número de corredores desistentes foi o Aguias de Alpiarça, com o abandono de Henrique Castro, Florêncio Silva, Pedro Junior e João de Brito. Resta, agora, do conjunto, uma única figura: Indalécio de Jesus. Não deixa de ser um pouco surpreendente que ciclistas habituados a determinada dureza (como o caso de Pedro Junior e Florêncio) não resistissem às dificuldades.

Carlos Carvalho é o corredor que resta da Cedemi

O Cedemi, que dispunha ainda de três ciclistas, ficou sem Julio Abreu e Manuel de Oliveira. Agora, o seu único representante é o veterano Carlos Carvalho, desposado da camisola amarela na tirada de La Toja. Temos, assim, já duas equipas apenas com um só concorrente.

António Ferreira e Cerveira: representantes do Sangalhos

E deparamos logo com outra equipa apenas com dois corredores António Ferreira e Cerveira. Os que estavam ainda na prova (Antonino Baptista, Artur Correia e Joaquim Santiago) também entraram no lote dos desistentes.

Alberto Carvalho (desistência por acidente) e Manuel Fontela

A Flandria ficou sem uma «pedra»: o português Alberto Carvalho, obrigado a desistir devido a acidente. E a Ovarense também perdeu um corredor: Manuel Fontela. Qualquer deles era considerado de primeira linha, especialmente o ex-academista.

O F. C. Porto ficou sem Pacheco e Azevedo Maia

Temos, a seguir, o F. C. Porto, que perdeu dois homens fortes: José Pacheco e Azevedo Maia. Corredores que fazem falta ao conjunto, ambos, ao que supunhamos, com um mínimo de ambições: José Pacheco era um trunfo a jogar, até como possível vencedor da «Volta» e Azevedo Maia, como habitualmente, seria utilíssimo no trabalho da equipa.

Duro golpe no Benfica: desistências de Pisco, Acúrsio e Manuel da Costa

Finalmente, o Benfica também foi muito atingido. Três dos seus corredores mais cotados desistiram: António Pisco, António Acúrsio e Manuel da Costa. Fazem imensa falta para as acções do conjunto, a defesa do «camisola amarela» e a classificação da equipa.

Quais os motivos reais desta massa de desistências? Supomos, em princípio, que a maioria dos corredores não estava em condições de suportar o esforço, mas existem indícios vários que podem ter a sua importância. Todos sabemos que o facto de não se ter cumprido as médias tem reduzido o prémio para metade, o que não agrada aos corredores. Mas tam-



JOSE PACHECO

bém temos de levar em consideração que os prémios são muito altos em relação ao que normalmente se estabelece entre nós, pelo que, mesmo com a redução estão longe de se considerarem ridículos. A sugestão do «Eldorado» que se escapa a influenciar a vontade dos ciclistas? Não sabemos.

Por outro lado, também há indicações de certa desarmonia entre corredores e comandos de equipa, mas isto é de sempre e de todas as «Voltas».

Certo é que ficaram na estrada dezasseis corredores. É muito, é alarmante. E o que se terá passado de excepcional, o saberemos no devido tempo. Ou então, é mesmo assim, o que de resto também já todos sabemos: o nosso ciclismo ainda está na infância.



O técnico sportinguista Manuel Graça ficou satisfeito com o comportamento da sua equipa na etapa de ontem. Dos dezasseis desistentes, nenhum deles era do Sporting. E Manuel Graça diz ao nosso enviado especial Fernando Soromenho que tem confiança no seu jovem conjunto

RODA LIVRE.

• Um dos comunicados oficiais informava que o corredor n.º 37 passava a ser o 115, por ter perdido o seu «dorsal». O pormenor não terá importância por aí além, visto que o atleta se manteve. Todavia, suscita reparos, na medida em que se supõe não se ter providenciado mandando fazer «dorsais» substitutos. Imagine-se se eram vários corredores a perder os «dorsais». Que grande confusão...

• A equipa do Sangalhos veio em má hora para a Volta. Depois do súbito abandono dos dois espanhóis, Artur Correia só à última hora se decidiu comparecer na partida de Santiago de Compostela. Quilómetros andados, acabou por desistir.

• Henrique Castro (Alpiarça), que sofreu uma queda, no Porto, pedalava com dificuldade: «Tenho uma costela partida». Pensamos que não devia ter alinhado.

• A água e o povo provocam casos desagradáveis. Na ansia de matar a sede dos corredores, os populares põem em risco a integridade física dos estradistas. Na tirada de ontem o sportinguista Albano Ferrer e o espanhol Santamarina ficaram a sangrar do rosto.

nhol Santamarina ficaram a sangrar do rosto.

• A travessia das serras espanholas, sob calor escaldante, fez marcar 100° nos termómetros dos automóveis. Quantos graus marcariam os organismos dos corredores? Talvez o Centro de Medicina Desportiva possa esclarecer o caso dos atletas se, porventura, a Direcção-Geral dos Desportos estiver pelos ajustes...

• O carro de som da «Robbialac», que anda à frente dos corredores, serviu para o espanhol Isasi fazer meio-fundo sem que o condutor do veículo se apercebesse. O corredor deve ter sido atraído pelo «slogan» publicitário, escrito no carro: «Cor é vida». Na altura, a sua vida estava a andar para trás...

• Aida Baptista está a gostar, sério, das corridas de bicicletas. Em Chaves, vimo-la muito atenta à espera dos ciclistas. E surpreendemo-la a gritar, quando um sportinguista se adiantou sobre a meta, aos adversários: «Anda, fuge, fuge...». Será que o «deão» terá ouvido a popular artista do nosso teatro ligeiro?

CONTINUA A CONFUSÃO

— E NINGUÉM LHE PÔE COBRO

CHAVES, 5. — Já vai sendo tempo de certas deficiências serem solucionadas pelos responsáveis. A desorganização e a improvisação, que se agarraram à pele da Volta como a lapa se agarra à rocha, continuam a perturbar a corrida, criando situações desagradáveis e antidesportivas. Ontem, entre Santiago de Compostela e Chaves voltámos a presenciar o triste espectáculo oferecido pelos camiões mastodontes da «Aldeia», carregados de camas e cobertores, a entrarem na zona dos ciclistas. Meteram-se autenticamente no meio da corrida, numa tirada em linha, criando a maior das confusões!

E não é só isto. Há mais. Os juizes e cronometristas que realizaram o seu trabalho na meta volante de Orense, tiveram imensas dificuldades. Ninguém sabia dar informações sobre o referido local. Os policias-sinais é que orientaram a caravana — e lá se instalou a meta num determinado sítio por onde (claro!) passavam toda a espécie de veículos que nada tinham que ver com a Volta. Cremos que da parte das autoridades espanholas dificilmente se poderia fazer melhor, porque o mal vem do muito que se improvisa constantemente, desorganizando tudo e todos.

Achamos que já é tempo de dar um pouco de ordem à Volta-65. Que o que não foi devidamente planeado seja objecto rápido de estudo, a fim de que a prova se possa cumprir com o mínimo de normalidade.

CURSO DE FÉRIAS da Faculdade de Letras

Os duzentos e dezoito alunos inscritos no Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa deslocaram-se, esta manhã, ao Estoril, Cascais, Boca do Inferno, Guincho, Colares e Sintra.

Após esta digressão turística assistiram, de tarde, às aulas habituais.

No final das lições, ouviram o Coro Universitário, que brevemente segue para o Brasil.



SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Alberto Carvalho hospitalizado

CHAVES, 5 — Alberto Carvalho, o popular corredor português que representou a Flandria na «Volta-65» e que desistiu na etapa de ontem devido a uma queda na subida para o alto do Alariz, ficou internado no hospital de Chaves, onde o seu estado não inspira cuidados, embora ficasse ferido na cabeça e nas costas.

AUGUSTO FORTES representará o F. C. Porto na próxima época?

CHAVES, 5 — A Volta-66 está a andar — e já há quem pense na Volta-66. E uma notícia de certo modo sensacional chegou até nós: o ciclista Augusto Fortes, que está a representar o Benfica por se encontrar a prestar serviço militar na zona de Lisboa, tenciona fixar-se na capital do Norte quando for desmobilizado. Augusto Fortes pertencencia ao Leixões e tudo indica que o seu futuro destino será o F. C. Porto.

DESPORTOS

PUGILISMO

Benfica-Cadiz no Parque Mayer, depois de amanhã

Continua a despertar o maior interesse, entre o meio afecto ao pugilismo, a sessão internacional que o popular Benfica prepara para o próximo sábado, á noite, no recinto do Parque Mayer.

O regresso do boxe a este local e o facto de se tratar dum despi- que entre portugueses e espa- nhóis, são motivo de sobra para



MANUEL MONTEIRO

justificar a expectativa que reina á volta desta reunião.

O Cadiz F. C., cuja equipa vem a Lisboa, comunicou algumas alte-

rações á indicação inicialmente feita quanto á sua representação. Por isso, publicamos a seguir o programa rectificado, da reunião de depois de amanhã.

1.ª PARTE — Levíssimo — Manuel Monteiro (campeão de Lisboa) contra Crespo (Cadiz F. C.); Meios-médios ligeiros — Jorge Pessoa (campeão de Lisboa), contra Selma (Cadiz F. C.); Leves — Estêvão Pintado (campeão de Lisboa), contra Zorzo (Cadiz F. C.).

2.ª PARTE — Meios-médios ligeiros — Alfredo Ribeiro (vice-campeão de Lisboa), contra D'armas (Cadiz F. C.); Leves — Carlos Anjos (vice-campeão de Lisboa), contra Venega (Cadiz F. C.); Meios-médios ligeiros — Carlos Almeida (campeão de Lisboa), contra Bernal (Cadiz F. C.).

NATAÇÃO

Os «Nacionais» em Coimbra e em Portimão

O ultimo comunicado da Federação Portuguesa de Natação, além de incluir algumas alterações ao calendário de provas para o corrente mês, menciona as datas designadas para os campeonatos nacionais (natação pura) de aspirantes e juniores e de seniores.

O primeiro destes campeonatos decorrerá nos dias 14 e 15 deste mês, na piscina municipal de Coimbra e o segundo em 4 e 5 de Setembro, em Espinho. Os sorteios de pistas far-se-ão em 10 e 31 de Agosto, respectivamente na sede da F. P. N.

O campeonato de 400 metros, estilos, individuais efectuar-se-á em 12 de Setembro, faltando designar o local. A competição de saltos decorrerá em data e local a designar.

As despesas de deslocação e estada são suportadas pela Federação, nas condições do regulamento em vigor.

ACTIVIDADES DA F.N.A.T.

A equipa de hóquei em patins da C. M. de Cascais é campeã nacional

Terminou na data prevista o 11.º campeonato nacional de hóquei em patins, que reuniu quatro equipas e se desenrolou com apreciável regularidade. E não lhe faltou interesse — pode acrescentar-se — ainda que fosse manifesta a supremacia das duas equipas do distrito de Lisboa.

Na penultima jornada da competição anotaram-se vitórias do Banco Espírito Santo sobre a Fundação Joaquim Matias (4-3) e da Câmara Municipal de Cascais sobre a Casa do Povo de Rio Maior (17-4). Estes dois resultados que, mais golo menos golo, corresponderam ás previsões, prolongaram o interesse pelo desfecho da competição, mantendo-se a igualdade da C. M. de Cascais e do Banco Espírito Santo, que só o encontro entre si poderia desfazer. E foi o que sucedeu.

Os cascalenses vencidos no encontro da 1.ª volta (5-6) lograram desforrar-se, batendo os «bancários», por margem mais folgada (9-3) do que poderia esperar-se. Como, no outro jogo da ultima jornada, a Fundação Joaquim Matias derrotou a Casa do Povo de Rio Maior (9-4) a classificação final veio a ficar assim estabelecida:

1.º, C. M. Cascais, 2 p. p.; 2.º, B. Esp. Santo, 4 p. p.; 3.º, Fund. J. Matias, 6 p. p.; 4.º, C. P. Rio Maior, 12 p. p.

O triunfo final da equipa da Câmara Municipal de Cascais não deixa de ser merecido, justificando-se pela sua maior regularidade, traduzida por 5 vitórias e uma derrota, com 58 golos marcados e 24 sofridos.

O 23.º campeonato nacional de atletismo (distrito de Lisboa) de 2.ª categoria principia depois de amanhã

O atletismo da F. N. A. T. reserva-nos para o próximo fim de semana mais duas jornadas de muito interesse, preenchidas com as provas de 2.ª categoria do 23.º campeonato nacional (distrito de Lisboa), no parque de jogos, em Alvalade.

Bastará que este certame decorra ao nível do das 1.ª categorias, há oito dias, para que se registem duas valiosas reuniões. O numero de concorrentes é mais elevado do que o dos «ases». Nada menos de 66 atletas vão estar em acção, representando a F. C. Regina (25), C. S. «O Alentejo» (9), Comp. dos Telefones (14), Comp. Carris (19), F. N. A. T. (6), Ref. do Ultramar (5), Porto de Lisboa (4), B. da Encarnação (2), Beira Rio (1) e um individual.

O programa de depois de amanhã (ás 17 horas) inclui as eliminatórias de 200 metros, as corridas de 800 e 5000 metros, a final de 200 metros, lançamento de peso e do dardo, salto em comprimento e estafeta de 4x400 metros.

No domingo (ás 9 e 30 horas): eliminatórias de 100 e 400 metros, 1500 metros, lançamento de disco,

finals de 100 e 400 metros, salto em altura e estafeta 4x100 metros.

A 2.ª mão da final de handebol de 11

No próximo domingo, ás 17 horas, no parque de jogos da F. N. A. T., em Alvalade, voltam a defrontar-se as equipas dos Ferrovias de Campanhã e da Companhia Carris de Ferro, para disputar a 2.ª mão da final da 2.ª fase (nacional) do 16.º campeonato nacional de handebol de 11.

É oportuno recordar que no jogo da 1.ª mão, em Campanhã, se registou um empate (5-5) — desfecho que confere maior favoritismo ao onze lisboeta. Acontecerá assim? Não se sabe. Certo, apenas isto: toda a gente pensa num animado despique.

O LISBOA GINÁSIO VENCEU O TÉCNICO NO JOGO-REPETIÇÃO DA 1.ª VOLTA DO «NACIONAL» DE VOLEIBOL

Realizou-se ontem, á noite, a repetição do jogo Lisboa Ginásio-Técnico, respeitante á 1.ª Volta do Campeonato Nacional de Voleibol, e que fora protestado pelo Técnico, fundamentando-se em questões de arbitragem.

O protesto foi julgado procedente e o Lisboa Ginásio, que, então, vencera por 3-2, venceu, ontem, por 3-1 (15-12, 13-15, 15-10 e 15-10).

Sob a arbitragem de Carlos de Almeida e de Oliveira e Silva, as equipas alinharam:

TÉCNICO — Valsassina, Poppe, C. Canas, Ernesto Esteves, José Seco e A. Reis.

L. GINÁSIO — J. Borges, Moniz Pereira, Casal Ribeiro, Jaime Duarte, Xara Brasil, Luís Torres, Vilar Moreira, J. Luís Vaz, José Sousa e Vilar Moreira.

O jogo decorreu com o maior empenho e entusiasmo de ambas as equipas em chamarem a si o triunfo.

Disso foi sintoma o primeiro «set», em que o marcador acusou a igualdade (5-5, 9-9) após sucessivas e aliciantes alterações.

Os ultimos minutos foram de expectativa pelo desfecho que surgiu moroso, mas emocionante, após os 12-11 e 14-12, para se quedar nos 15-12, favoráveis ao Lisboa Ginásio.

O segundo «set» registou boas alternativas no marcador com excelente recuperação desde os 2-0, 7-2, 10-3 e... 10-10, e, finalmente, 15-13, para o Técnico.

A feição do jogo não se alterou e, deste jeito, os 3.º e 4.º «sets» foram ganhos pelo Lisboa Ginásio, respectivamente, por 15-10 e 15-10.

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A MARCHA DA VOLTA

O que está percorrido...

1.ª — Lisboa-Leiria	151
2.ª — Leiria-Porto	190
3.ª — Porto-Porto	163
4.ª — Porto-Vigo	154
5.ª — Vigo-La Toja (*)	63
6.ª — La Toja-S. Compostela	72
7.ª — S. Compostela-Chaves	205
8.ª — Chaves-Bragança	165

1163

...e o que falta percorrer

9.ª — Bragança-Guarda	205
10.ª — Guarda-Castelo Branco	108
11.ª — Castelo Branco-Elvas	155
12.ª — Elvas-Beja	167
13.ª — Beja-Faro	175
14.ª — Faro-Portimão	109
15.ª — Portimão-Grandola	173
16.ª — Grandola-Setúbal (*)	77
17.ª — Setúbal-Santarém	141
18.ª — Santarém-Lisboa	154

Total

Médias horárias

Tiradas	Prevista	Realizada
1.ª	37,000	34,882
2.ª	37,000	32,900
3.ª	37,000	38,252
4.ª	37,000	35,415
5.ª	(a)	39,009
6.ª	38,000	35,482
7.ª	33,000	32,018
8.ª	35,000	—
9.ª	34,000	—
10.ª	37,000	—
11.ª	37,000	—
12.ª	37,000	—
13.ª	36,000	—
14.ª	37,000	—

15.ª	37,000	—
16.ª	(a)	—
17.ª	37,000	—
18.ª	38,000	—
(a) — Contra relógio.		

Quadro de honra

Vencedores das tiradas

- 1.º — Francisco Suñe (Sangalhos)
- 2.º — Azevedo Maia (F. C. Porto)
- 3.º — Sérgio Pascoa (Tavira)
- 4.º — Gevaert (Flandria)
- 5.º — Peixoto Alves (Benfica)
- 6.º — A. Hortellano (Inuri)
- 7.º — Houbrechts (Fl.)

Portadores da camisola amarela

- 1.º — Francisco Suñe (Sangalhos)
- 2.º — Francisco Suñe (Sangalhos)
- 3.º — Carlos Carvalho (Ced.)
- 4.º — Carlos Carvalho (Ced.)
- 5.º — Carlos Carvalho (Ced.)
- 6.º — Peixoto Alves (Benfica)
- 7.º — Peixoto Alves (Benfica)

Equipas vencedoras das tiradas

- 1.º — Sangalhos D. C.
- 2.º — S. L. Benfica
- 3.º — Cedemi
- 4.º — Flandria
- 5.º — Inuri
- 6.º — Inuri
- 7.º — Flandria

Quatro dias de hipismo nas Pedras Salgadas

Ganhou já tradições — e brilhantes — o Concurso Hípico de Pedras Salgadas, numa organização da Sociedade Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas.

Na edição de 1965, o certame incluí, apenas, quatro jornadas — o que reflecte uma limitação, cuja razão de ser ignoramos. Mas, ainda assim, não dixam de disputar-se 13 provas, repartidas pelas quatro

jornadas — ontem, hoje, depois de amanhã e no domingo.

A presença dos melhores conjuntos da actualidade, no ultimo fim de semana, no Concurso de Matosinhos, faz-nos supor que não deixarão de participar no certame das Pedras Salgadas. Do que se passar daremos conta oportunamente. Por hoje limitamos as nossas referências á publicação completa do programa, que até nós chegou já com atraso. Ei-lo:

1.ª DIA — Prova «Tenente Manuel Candéas» — Tab. A mista: Prova «Cabrils» para juniores — Tab. A c/ cronómetro; Prova «Eng. Arantes e Oliveira» — Tab. A mista.

2.ª DIA — Prova «Comissão Regional de Turismo» — percurso á «americana»; Prova «Tamega», para juniores — Tab. C; Prova «Governador Civil de Vila Real» (2 mãos) — Tab. A s/ cronómetro (1.ª mão) e c/ cronómetro (2.ª mão).

3.ª DIA — Prova «Palace Hotel de Vidago» — Tab. C; Prova «Juventude» (Grande Prémio), para juniores. Tab. A mista: Prova «Myriam» (Grande Prémio) — Tab. A mista.

4.ª DIA — Prova «Vidago» — Tab. A c/ cronómetro; Prova «Conde de Lavradio» (handicap) — Tab. A c/ cronómetro; Prova «Mocidade... para juniores (2 mãos) — Tab. A s/ cronómetro (1.ª mão) e c/ cronómetro (2.ª mão); Prova «António Ribeiro de Carvalho» (Taça de Honra) — Tab. A s/ cronómetro.

Do cavaleiro que montando o mesmo cavalo obtinha melhor classificação no conjunto das provas destinadas a seniores, será atribuído o prémio «Coronel Helder Martins».

Cortejo de oferendas

em Oliveira de Azeméis

OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 5 — A favor do Lar dos Pobrezinhos, vai realizar-se o habitual cortejo de oferendas nesta freguesia. Em todos os lugares reina já a tradicional azáfama das comissões locais, dada a grande simpatia que o Patronato e Lar dos Pobrezinhos usufruem nesta vasta região.

Um novo concurso de pesca

—desta vez em Alvega-Ortiga

ABRANTES, 5 — Por iniciativa do Clube de Amadores de Pesca de Abrantes e com o patrocínio do S. N. I. e da Câmara Municipal citadina, realiza-se na albufeira da Barragem do Tejo em Alvega-Ortiga, nos dias 7 e 8 do corrente, o I Concurso Internacional de Pesca Desportiva, com o seguinte programa:

Dia 5 — Chegada a Abrantes das representações estrangeiras; Dia 6 — Visita á Barragem do Tejo e estudo do local das provas, e ás 18 horas recepção na Câmara Municipal;

Dia 7 — Ás 8 horas — 1.ª mão da disputa da taça «Cidade de Abrantes», por equipas das Associações Nacionais e Estrangeiras, na concessão de pesca do A. P. A.; ás 12 horas — Almoço regional aos concorrentes; ás 15 horas — 2.ª mão da prova e classificação final;

Dia 8, ás 8 horas — Concurso Internacional na Barragem do Tejo; ás 17 horas — Pesagem do peixe no Mercado Municipal; ás 21 e 30 — Sessão de distribuição dos prémios no Jardim do Castelo, com a actuação dos grupos folclóricos: Rancho dos Dancarinos do Pego, Grupo Infantil de Danças Regionais de Santarém e Grupo Académico de Danças Ribatejanas;

Dia 9, ás 20 e 30 horas — Jantar dedicado ás representações estrangeiras e entidades oficiais, no Hotel de Turismo de Abrantes;

Dia 10, ás 10 horas — Passeio turístico de homenagem ás representações estrangeiras, a Castelo de Vide, Marvão e Portalegre.

C. D. DOS OLIVAIS

Preparando a nova época de futebol

No campo de futebol do Clube Desportivo dos Olivais, na Quinta do Machado, encontra-se aberta, todas as noites, a inscrição para os sócios e simpatizantes do clube, que o queiram representar em futebol, nas categorias de seniores, juniores e principiantes.

MOTORIZADAS PERFECTA

CICLO-AREIRO
Av. Alm. Gago Coutinho
LISBOA

Boletim do dia

RÁDIO

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — As 16 e 30: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 40: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda!; 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: «A Ciência e o Homem», pelo dr. António Manuel Baptista; 19 e 45: Nova Onda (variedades); 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 18.º episódio do folhetim «A Rapariga dos Bosques»; 21 e 40: Música brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 23: Programa da noite; 0: Noticiário; 0 e 15: Música de dança; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Encerramento.

2.º programa metropolitano nacional — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: Música sinfónica: «Mississipi» (Ferde Grofé); 16 e 45: «Duo em mi bemol maior» (Francis Petrucci); 16 e 58: Resumo do programa; 17: Interrupção. As 18: Que quer ouvir? — música de câmara: «Trio n.º 4, em ré maior, op. 70, n.º 1» (Beethoven); 18 e 40: Árias de óperas; 19: Semanário musical; 20 e 30: «Quarteto n.º 2, em dó» (Britten); 21: Noticiário; 21 e 15: 2.º concerto da série organizada pelo Teatro da Trindade, em colaboração com a Emissora Nacional. Tomam parte a Orquestra Sinfónica da E. N. e o soprano Carmélia Ambar, sob a direcção do maestro Joly Braga Santos. Comenários pelo dr. João de Freitas Santos; 1.º «Sinfonia n.º 1» (Joly Braga Santos); 22: Música de piano de Brahms; 22 e 10: 2.º parte do concerto sinfónico; 2.º «Salmo» (Bloch); 3.º «Canções» (Mahler); e 4.º «Os Mestres Cantores» (Wagner); 22 e 58: Resumo do programa; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Encerramento.

3.º programa metropolitano nacional — As 23: Música coral sinfónica: «Missa da coroação» (Mozart); 23 e 30: Ciclo «A Sonata»; 0 e 15: Trechos de óperas; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — As 16 e 30: Vozes de Portugal; 17: Expresso popular do comboio das seis e meia; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Ritos sobre telas; 18 e 15: Música da nossa terra; 19: No Mundo Aconteceu; 19 e 15: O ritmo da semana; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Ribalta; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vo-

cais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Vozes e ritmos do Brasil; 21 e 30: Hot Clube; 22: «Pingos de Graça»; 22 e 15: A estrela da noite; 22 e 30: Europa musical; 22 e 45: Concerto ligeiro; 23: Ritmo-64; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 3: Sintonia-63; 6: Boletim meteorológico.

Modulação de frequência — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Clube do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Estrelas em FM; 19 e 14: Em órbita; 19 e 45: Noticiário; 20 e 2: Boa-noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Rit-

mo-64; 22 e 15: Programa 4 Go-Go; 23 e 11: Apenas ritmo; 23 e 30: A Itália canta assim; 23 e 45: Noticiário; 23 e 53: Solos de instrumentos; 0 e 2: Alta fidelidade; 1: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Composições de...; 16 e 45: Eles cantam para si; 17: Clube do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Artista; 18: Guitarras e fadistas; 18 e 15: Variedades; 19: ...dirige o ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbially; 19 e 45: Noticiário; 19 e 53: Melodias; 20: Rádio Placard; 20 e 15: Sucessos; 20 e 30: Oiga... que vai gostar; 20 e 45: Os nossos artistas; 21: Noticiário; 21 e 10: Quem conta um conto...; 21 e 15: Canções que o mundo canta; 21 e 30: Apenas música; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: «Pingos de Graça»; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22.45: Hoje é vedeta...; 23: Clube da Juventude; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Sete e meia; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa eventual; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Música da Europa; 22 e 45: A esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — As 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional, boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Sete e meia; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Ritos; 21 e 15: Fados; 21 e 30: Ópera, opereta, zarzuela ou bandas sonoras; 22: A música é boa companhia;

22 e 30: Música da Europa; 22 e 45: A esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RÁDIO UNIVERSIDADE — As 17 e 1: Abertura; 17 e 5: «Jazz»; 17 e 20: No mundo da canção; 17 e 30: Temas da Universidade; 17 e 40: Noticiário; 17 e 50: Último disco; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — As 16 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 17: Rádio Graça; 22: Rádio Peninsular,

FARMÁCIAS

TURNO B

(Ver pelos bairros das imediações e números de telefone entre parêntesis)

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (633288) * Boa Hora, R. dos Quartéis, 25 (637777).

ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-B (712070) * Gasparinho, R. dr. Gama Barros, 54-A (710465) * Iriarte, Av. Almirante Gago Coutinho, lote 90 (712803).

ANJOS — Colonial, R. Forno do Fajolo, 40 (841122) * São José, R. dos Anjos, 41 (50730).

ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (842152).

AREIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) * Onilde, Av. João XXI, 13-A (726848).

ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (45079).

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (770776) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cardeira, Av. Duque de Avila, 32-C (43495).

BAIRRO ALTO — Gonçalves, Ld.ª R. da Rosa, 176-178 (362687).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, 41 (389216).

BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, R. B.ª R. Marquês do Olhão, 7-A (383800).

BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St.º Antão, 88 (321211) * Unifa, R. da Vitória, 21 (323793).

BELEM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).

BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).

CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Francisco Metrass, 59 (663349) * Ivone, Ld.ª, Rua Silva Carvalho, 232-C (650760).

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).

CASELAS — Macedo, Filho, R. do Gravato, 15-B (611814).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balseares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).

CONDE DE REDONDO — Salutar, R. Conde de Redondo, 9-A (733411).

ESTEFANIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158).

ESTRELA E LAPA — Palvas & Parente, R. de St.º António à Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silva, Filhos, R. de S. João da Mata, 76 (661010).

GRAÇA — Arnal, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) * Morão, Largo da Graça, 63 (860700).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-A.

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

MOURARIA — Tavares, R. da Palma, 194 (863350).

OLIVAIS — Simão, Av. Entre Aeroportos, R. DI, 16-A (388581).

PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).

PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708).

PICHELEIRA — Marluz, Calc. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773728).

S. BENTO — Silva Santos, R. da Escola Politécnica, 80 (660280) * Vieira, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (663573).

DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Ld.ª, R. Forno de Magalhães, 33 (849448).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO AUXILIAR DE SAÚDE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Vacinas
Telef. 729456 e 713134

para os vossos transistores...

DIALUX

a fita de confiança!

TELEVISÃO

Hoje — As 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Teletjornal (edição da tarde); 19 e 45, Episódio de «Vigilantes da Floresta» (série juvenil); 20 e 10, Programa Feminino; 20 e 35, Barreira de Sombra; 21, Teletjornal (edição da noite); 21 e 25, Boletim meteorológico; 21 e 30, Agenda da Praça; 21 e 35, Programa das Forças Armadas; 22, «Melodias de Sempre» (Com Alberto Ribeiro, Carlos Ramos, Maria Abrantes, Maria Fernanda Soares, Artur Garcia, Fernando Baptista e Carlos Nascimento. Coro e Orquestra dirigidos pelo maestro Alves Coelho Filho); 22 e 55, «O Homem Sombra»; 23 e 20, A XXVIII Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 40, Teletjornal (últimas notícias); 23 e 45, Meditação; e 23 e 50, Fecho.

Amanhã — As 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Teletjornal (edição da tarde); 19 e 45, Relatório do Progresso; 20 e 10, Mesa Redonda: criação do Centro Nacional de Formação Turística e Hotelaria, com a participação dos drs. Afonso Leite de Sampaio, José Carlos Amado, Alexandre Santos Almeida, Fernando Campos Ferreira e Alberto Assunção; 20 e 35, No mundo da mulher; 21, Teletjornal (edição da noite); 21 e 21, Boletim meteorológico; 21 e 30, Agenda da Praça; 21 e 35, Programa da Junta da Acção Social; 21 e 50, Sangue na Estrada; 22 e 10, Concurso «Saber não faz mal» (sessão experimental); 23 e 10, Recital pela pianista Nina Marques Pereira; 23 e 30, Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45, Teletjornal (últimas notícias); 23 e 50, Meditação; e 23 e 55, Fecho.

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda	Companhias diversas	Efec.	Compra	Venda
Cons 2 1/2 % 1 10	—	670\$00	671\$00	Cimentos Tejo	—	1.040\$00	—
Cons 3 % T. 10	720\$00	728\$00	730\$00	Cimentos Leiria	870\$00	870\$00	—
Cons 3 1/2 % T. 10	—	847\$00	850\$00	Indústria Aliança	—	—	600\$00
Centenários 4 % 1940	—	1.970\$00	1.990\$00	Portugal e Colónias	—	1.050\$00	1.200\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.007\$00	—	Nac. de Navegação	935\$00	930\$00	945\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.007\$00	—	Port. de Navegação	—	520\$00	540\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.008\$00	—	Port. de Celulose	4.800\$00	4.800\$00	4.820\$00
Externo 1.ª série	—	1.235\$00	1.260\$00	Port. de Pesca	—	955\$00	960\$00
Externo 1.ª série car. ..	—	1.250\$00	1.270\$00	Port. de Tabacos	241\$00	242\$00	243\$00
Externo 2.ª série	—	1.270\$00	—	Tabacos de Portugal	830\$00	820\$00	850\$00
Externo 2.ª série car. ..	—	1.270\$00	—	Termoelectrica	1.605\$00	—	1.620\$00
Externo 3.ª série	—	1.290\$00	1.340\$00	Petroquímica	3.880\$00	3.875\$00	3.890\$00
Externo 3.ª série car. ..	—	1.290\$00	1.340\$00				
Caut. 3.ª série a/j	—	300\$00	303\$00				
Obrigações				Aguas Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 0 %	—	—	490\$00	Aguas Lisboa 1934	510\$00	510\$00	515\$00
Norte de Portugal 5 %	—	104\$00	—	Aguas Lisboa 1936	—	—	—
Gás Elect 3 1/2 %	870\$00	870\$00	875\$00	Elect. das Belras	1.770\$00	1.765\$00	1.775\$00
Gás, Elect 4 %	865\$00	—	880\$00	Gás e Electricidade	413\$00	412\$00	413\$00
Gás Elect 4 1/2 %	—	905\$00	920\$00	H. Alto Aentejo	203\$50	203\$00	204\$00
Gás Elect 5 %	975\$00	971\$00	—	H. E. Cávado	—	1.200\$00	1.205\$00
U. E. P. 3 1/2 %	—	92\$00	—	H. E. Zêzere	1.373\$00	1.371\$00	1.377\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	86\$00	87\$00	Nac. de Electricidade	1.498\$00	1.495\$00	1.500\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	União Electrica Port.	—	191\$00	192\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	90\$00	—	H. Douro	1.265\$00	1.263\$00	1.266\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	91\$50	92\$50	H. E. S.	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	Sacor	—	5.700\$00	5.800\$00
H. do Douro	930\$00	925\$00	935\$00	F. Invest. Atlântico	—	140\$60	144\$80
H. E. S. Estrela	—	—	—				
C. P. 4 1/2 %	—	1.012\$00	—				
Metropolitano	—	1.007\$00	—				
Ações							
Bancos							
Aentejo	—	550\$00	600\$00				
Angola	—	1.420\$00	1.470\$00				
Espirito Santo	—	10.000\$00	—				
Lisboa & Açores	—	—	3.050\$00				
Portugal	—	—	1.900\$00				
Ultramarino	—	865\$00	880\$00				
Agricultura	—	—	—				
Crédito Predial	1.110\$00	1.100\$00	1.120\$00				
Seguros							
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	—	340\$00	350\$00				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	—	—				
C.ª Ultramarinas							
Ag. Casseque	685\$00	685\$00	687\$00				
Ag. das Neves	—	100\$00	150\$00				
Agricultura Colonial	845\$00	840\$00	850\$00				
Açúcar de Angola	140\$00	140\$00	145\$00				
Boror	—	16\$50	—				
Cabinda	—	1.900\$00	—				
Cadá	—	68\$00	69\$50				
Col. do Búzi	250\$00	250\$00	300\$00				
Ilha do Príncipe	—	900\$00	930\$00				
Incomati	—	65\$00	66\$00				
Mocambique	—	41\$00	42\$00				
Zambézia	850\$00	849\$00	851\$00				
Diamantes	557\$00	556\$00	558\$00				
Lobito	—	—	—				

BANCO BORGES & IRMÃO



PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	35\$00	37\$00
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$40	28\$70
Dólares de 5 a 1000	28\$60	28\$90
Argentina	\$08	\$14
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$01,3	\$01,8
Canadá	26\$20	26\$70
Dinamarca	4\$07	4\$27
Espanha	\$47,7	\$48,7
Congo	\$07	\$09
França (N. Francos)	5\$78	5\$93
Holanda	7\$85	8\$10
Inglat. (Libra Isabel)	79\$50	81\$00
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	4\$30	4\$80
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	5\$45	5\$75
Suíça	6\$57	6\$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	285\$00	295\$00
Inglaterra	285\$00	295\$00
Portugal—barra fino	32\$80	33\$50

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras
Papéis de créditos
RUA DO OURO, 72 Telef. 321273



O CAFÉ QUE
SABE A CAFÉ...

**VILARINHO
& SOBRINHO, L. DA**
JANELAS VERDES
LISBOA

Em ALCANENA, o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio do SR. MANUEL DOS SANTOS COELHO JÚNIOR, Rua José Alves Anastácio, 2

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
AGORA OU NUNCA — no POLITEAMA
HOMENS DAS TERRAS BRAVAS — no IMPÉRIO

TIVOLI
As 3 e às 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
Telef. 50595
O famoso filme de Jacques-Yves Costeau que recebeu o «Oscar» do melhor filme do ano
O MUNDO SEM SOL

SÃO LUIZ
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Telef. 327172
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN-HILL
Kirk Douglas e Anthony Quinn

EDEN
As 15.30, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
Telefone 328764
A PAZ VOLTOU À CIDADE
com Gary Cooper e Ruth Roman
Amanhã ESTREIA — 17 anos
A ESTRANHA CONDESSA
Um filme de mistério — 17 anos

SÃO JORGE
As 21.30
Maiores 17 anos
Sensacional reposição
Telef. 54153/54
AGENTE SECRETO 007
As 15.15 e 18.15 — ÚLTIMAS
DIÁRIO DUM LOUCO — (Adultos)

CONDES
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Maiores de 6 anos
Um grande espectáculo dedicado às crianças de Lisboa
SUPERFESTIVAL TOM & JERRY
As alegres aventuras de dois grandes inimigos
Metrocolor — Ar condicionado

AVIS
As 15.30 e 21.45
Um filme de acção e mistério!
Telef. 47163
UMA RAPARIGA A ABATER
com Horst Frank e Ingrid Andree
(ADULTOS)

LIE
As 21 horas (12 anos)
Telefone 48560
SAFARI NO INFERNO
TUNEL 28
Ar condicionado

OUTROS ESPECTÁCULOS EM LISBOA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45: «O comprador de horas» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Ela, ele e os complexos» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23 horas: «Desculpe se o matei» (12 anos).
ABC — As 21 e às 23 horas: «Dá-lhe agora» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 14 e às 19: «Contra a lei» (17 anos).
ARCO-IRIS — As 15 e às 21: «D'Artagnan contra os três mosqueiros» (12 anos).
JARDIM — As 15 e às 21: «Volúpia do crime» (12 anos).
PARIS — As 15 e às 21: «Águias do Pacífico» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 14: «Objectivo, Burma» (12 anos).
CINEARTE — As 15 e às 21: «Rebecca» (17 anos).
PROMOTORA — As 15 e às 21: «Golpe sensacional» (12 anos).
PALATINO — As 15 e às 21: «O.S.S. 117 em plena acção» (12 anos).
B. V. LOURES — As 21 e 30: «O templo do elefante branco» (12 anos).
CASTANHEIRA — As 21 e 30: «Mulheres é comigo» (17 anos).
CAMPOLIDE — As 21 e 15: «Avançar para a retaguarda» (12 anos).
ORIENTE — As 21: «O livro de St. Michele» (17 anos).

IMPÉRIO
As 21.30
ESTREIA (Adultos)
Telef. 555134
Festival dos Grandes Filmes de Aventuras
HOMENS DAS TERRAS BRAVAS
As 15.15 e 18.30 — M/ 12 anos
O IRRESISTIVEL FORASTEIRO

estudio
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
4.ª SEMANA
DESASTRE AO ANOITECER
Um filme de Juan Antonio Bardem

MONUMENTAL
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
10.ª SEMANA
Telef. 555131
ZORBA, O GREGO
Anthony Quinn — Lila Kedrova
Alan Bates

POLITEAMA
HOJE, às 21.30
ESTREIA
A epopeia de um punhado de heróis
Telef. 526305
AGORA OU NUNCA
com Peggie Castle e Richard Conte
Emocionante história de uma patrulha em marcha sob a metralha de um inimigo traíçoeiro
(M/ 12 anos)

ROMA
As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Plataea 727778
Balcão 729197
Um apaixonante filme policial!
O MISTERIOSO DR. CRIPPEN
com Peter Van Eyck e Elisabeth Muller
(versão francesa)

ODEON
As 15.15, 18.15 (p. r.) e às 21.30
2.ª MES
TRIUNFAL
8.ª semana do filme português
Telefone 326283
PASSAGEM DE NÍVEL
com Madalena Iglésias, Virgílio Teixeira, Wilma Palmer e outros
Delicioso idílio, com lindas canções
(Maiores de 12 anos)

CAPITÓLIO
As 21.15 (M. 17 anos)
Plataea a 6500
Telef. 327493
RIO CONCHOS
O MARIDO, A MULHER E O PROBLEMA
Amanhã:
NENHUM FOI TÃO BRAVO
(As quatro penas)
UM MORENO AUDACIOSO

ALVALADE
As 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 17 anos)
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN-HILL
com Kirk Douglas — Anthony Quinn

ESPLANADA PORTUGALIA
As 21.30 h. (M. 12 anos)
AS AVENTURAS DE D. JUAN
A SCOTLAND YARD ACEITA O DESAFIO
Telefone 47663

RESTELO
As 21.30 (Adultos)
Telef. 610375
O CARDEAL
com Tom Tryon — Romy Schneider — Raf Valone

CINEMA IDEAL
As 15.15 e 21 horas (M. 17 anos)
Telefone 324194
AS CINCO CARAS DO ASSASSINO
VAMOS DANÇAR O TWIST

CASINO ESTORIL
As 17 h. e 21.30 (M. 12 anos)
QUERIDA BRIGITTE
com James Stewart, Fabian e Clnoy Carol

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15: «A solteira e o atrevido» (17 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «Enquanto dura a tormenta» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30: «Mercadores de escravos» (12 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — A's 21 e 30: «Gólias contra os gigantes» (12 anos).
ERICEIRA — Casino — A's 21 e 15: «Exodos» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072).
Clabet — Rua António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimica — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes — Villa — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

TROPAS DA MADEIRA embarcaram para o Ultramar

FUNCHAL, 5. — (L.) — Embarcou para o Ultramar um contingente de tropas da Madeira. No cais da Pontinha, senhoras do Movimento Nacional Feminino entregaram aos soldados expedicionários algumas lembranças além de cigarros oferecidos pela Empresa Madeirense de Tabacos. Depois de se ter realizado a entrega do guião ao contingente, celebrou-se missa na Igreja do Colégio a que assistiram as entidades militares e civis do Funchal.
Os artistas que trabalham na Feira Popular do Marítimo tinham dedicado a noite anterior aos expedicionários madeirenses.

DESCARRILAMENTO na estação de Barcarena

Hoje, às 8 e 24, descarrilou, na estação de Barcarena, o «boogie» da cauda de uma unidade tripla eléctrica, na passagem da via ascendente para a descendente. Por esse motivo ficaram interrompidas as duas vias.
O comboio de socorro começou o carrilamento às 10 e concluiu-o às 11 e 45.
Enquanto o «boogie» esteve descarrilhado, houve transbordo de passageiros nos dois sentidos.

bom apetite

hicote RESTAURANTE TURISTICO REGIONAL
P. do Areeiro, 3-B — Tel. 720672
COZINHA REGIONAL
SERVEM-SE BANQUETES
e
LANCHES DE CASAMENTO

TELHEIRO

Restaurante — Churrasqueira
ESPECIALIDADES DA COZINHA REGIONAL PORTUGUESA

Rua Latino Coelho, 10-A, 10-B

COZINHA ALENTEJANA

AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVIÇO DE RESTAURANTE NO JARDIM
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRADA AS 2.ª FEIRAS

RESTAURANTE CUBANA

Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 773280
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã:
Bacalhau à Cubana
Sábado:
Caldeirada à Cubana

RESTAURANTE RESTAURAÇÃO

AS MELHORES E MAIS RÁPIDAS REFEIÇÕES AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Especialidade de Churrasco
R. 1. de Azeméis, 1 — 163495

RESTAURANTE CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre — 1.ª — Tel. 799168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS

ORQUESTRA DE DANÇA AOS SÁBADOS E DOMINGOS
(Maiores de 15 anos)

CAMÕES O MAIOR

CAMÕES
RESTAURANTE LAK-BAR
...O MELHOR
PRAÇA LUIS DE CAMÕES, 45

BÓLIDE

(COZINHA REQUINTADA)
AS SUAS ESPECIALIDADES BÓLIDE
2 ANOS CONSECUTIVOS PREMIADOS PELO S. N. I.
AV. DE ROMA, 7-A

澳門酒家
AUTÊNTICA COZINHA CHINESA
Gambas . . . 30\$00
Chao Min . . . 25\$00
Restaurante MACAU
RUA BARATA SALGUEIRO, N.º 26
TEL. 58888

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

faça as suas compras na **BAIXA**
DE . TUDO . PARA . TODOS
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
RUA DO CARMO . 2 . LISBOA Telef. 321071/2
GIL — OCUlista
CASA ESPECIALIZADA
138, R. da Prata, 140 — Tel. 322829-325881
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª SUC.
— Instrumentos de música;
— Discos, Rádios e I.V.;
— Cursos línguas «ASSIMIL»
Rua do Carmo, 11 — Lisboa 2
Telefs. 324076 e 370647

O salva-vidas da estação de Esposende não pôde prestar assistência aos náufragos

(Continuação da 1.ª página)

Por outro lado, a traineira tinha luzes (visíveis) e apitava com a frequência regulamentar em situações de visibilidade precária?

E' certo que o «Apollo» e muitos outros barcos, sem disso terem ne-

cessidade, navegam muito perto da costa, isto sempre por causa da cerração, sem atenderem a que, nas primeiras milhas junto ao litoral, há centenas de traineiras e pequenos barcos de pesca em constante labuta. Por vezes, não fazem uso do radar nem de nenhum sinal acústico, aparecendo, de repente, na frente das traineiras, sem

darem tempo á mais insignificante manobra.

São várias as suposições acerca da maneira como se teria dado a colisão. Contudo, uma hipótese se põe: o vapor tem leme-piloto, ou seja eléctrico. Consequentemente, á hora a que se deu o desastre é muito provável que, de serviço, só fosse o pessoal de quarto. Assim, ou o radar não ia a funcionar, ou então o referido pessoal não se apercebeu de que o mesmo assinallava a traineira. Ou (o que já tem sucedido) o radar «falhou»?

Dia de luto na costa nortenha

Hoje, foi dia de luto em toda a costa nortenha. Os mestres das traineiras da praça de Matosinhos deliberaram não sair para o mar, atitude que é de registar.

Estranho mesmo, é o facto de o salva-vidas da estação de socorros a naufragos de Esposende não ter comparecido no local da tragédia, na hora em que aquela ocorreu. Foi porque, dada a localização da casa em que se abriga e por ser na hora da baixa-mar, não tinha água para navegar! Isto sucede na foz do Cávado, tornando por isso impraticáveis os serviços de socorros. Urge, pois, que, sem perda de tempo, tal estação seja transferida para local onde tal não possa repetir-se.

O referido salva-vidas só teve possibilidades de se fazer ao mar cerca de sete horas depois de a tragédia estar consumada, e isso quando já, infelizmente, nada havia a fazer.

As famílias destroçadas

Em Leixões, toda a frota pesqueira ali ancorada, na doca n.º 2, tem a bandeira nacional a meia adriça, em manifestação de sentimento pela tragédia que tão profundamente atingiu dezenas de famílias dos nossos bravos trabalhadores do mar, tarefa árdua onde tantos milhares de homens ganham a vida e algumas vezes a perdem tão ingloriamente, como desta vez sucedeu, pois um toque a meia nau da «Padre Cruz», que não causou ao «Apollo» o mínimo prejuízo, tanto bastou para tão tristes resultados.

Nesta tremenda tragédia, há outras tragédias a assinalar. Da tripulação faziam parte vários familiares, pais, filhos, irmãos, cunhados, etc. Três eram irmãos, todos jovens de 16, 20 e 23 anos: o Abílio, o Joaquim e o José Gomes André, que residiam na mesma casa, em A-Ver-o-Mar, a poucos quilómetros a norte da Póvoa de Varzim. Eram eles quem sustentavam os pais e dois irmãos mais novos. Tudo perdido. O Abílio, o mais jovem dos três, iniciara-se na faina do mar não havia ainda um ano; o pai, sr. Augusto Gomes, é um antigo pescador, hoje inválido.

As lágrimas brotam-lhe dos

olhos sem parar. Quem com ele fala só muito a custo consegue reprimir as suas.

«Mar ladrão...»

— é o grito de uma mãe que morre de angústia

Em Matosinhos, na Póvoa, Vila do Conde e mais locais onde a tragédia abriu fortes sulcos há luto, luto sentido, luto que jamais se tirará dos corpos e das almas.

Há outro caso chocante: um dos mortos, Alvaro Francisco da Cunha, de 53 anos, ainda há pouco havia sofrido rude golpe: seu filho, pescador como ele, perdera a vida no desastre ferroviário de Custóias. Destino cruel o dessa família! A mãe do Aristides Tomás Bicho

anda como louca pelas ruas vizinhas da praia de Matosinhos, a gritar, a gesticular, chegando mesmo a ameaçar quem pretende confortá-la. «Mar ladrão...» É a frase que de momento a momento pronuncia, inconformada com a morte do seu único amparo. O filho deixa na maior miséria dois filhinhos, um de 6 anos, e outro de 10 meses, a pequenina Maria de Fátima.

Quem pela força da necessidade de cumprir a missão da Imprensa, que muitos supõem ser uma vida cheia de horas de alegre despreocupação, é obrigado a contactar com tanta dor e angústia, dificilmente aparenta serenidade. Entretanto, vamos cumprindo a nossa função profissional, embora reprimindo lágrimas teimosas e esquivas, difíceis de conter.

O comandante do «Apollo» recusa-se a prestar informações aos representantes da Imprensa

O vapor alemão «Apollo», que ontem meteu a pique a traineira «Padre Cruz», tragédia que largamente noticiámos, saiu ontem, ao fim da tarde, de Leixões, com destino ao Douro, onde se encontra agora atracado aos cais do vinho do Porto, em Gaia, a carregar pedra que se destina a Bremen (Alemanha).

Procurámos, esta manhã, o seu comandante, sr. Hans Paul, que se recusou atender-nos e dar qualquer pormenor acerca do acidente.

O guarda-fiscal que fora anunciar o repórter do «Diário de Lisboa» informou-nos de que o comandante e restante tripulação se encontravam bastante chocados com o sucedido e que até lhe pediram para ir comprar os jornais da manhã, a fim de aquilatarem da extensão do desastre.

Pudemos, contudo, observar que o «Apollo» está provido de radar e que a proa do barco não sofreu qualquer dano, como facilmente se poderá ver na telefoto que publicamos.

Começou o inquérito sobre a tragédia

Desde ontem que o ajudante da capitania do porto de Leixões, sr. tenente Cabaço, está a proceder a um inquérito, interrogando os pescadores sobreviventes da traineira «Padre Cruz».

O protesto do mar, dada a emoção dos proprietários da referida embarcação, e ainda devido ao grande número de pescadores que é preciso ouvir e aos pormenores a recolher, bem como ao registo do elevado número de mortos, não foi hoje apresentado.

Espera-se contudo, que o seja hoje, ao fim da tarde.

Um movimento de solidariedade

a favor das famílias das vítimas

Além da contribuição dos Grémios, mutuas da pesca e de outras obras assistenciais dos pescadores, há a registar ajudas particulares para minorar a sorte das viúvas e dos órfãos dos pescadores. O Leixões Sport Clube, do qual algumas das vítimas eram associadas, pretende promover, no próximo dia 28, um desafio de futebol, possivelmente com a equipa do Beira Mar, de Aveiro.

O produto destina-se na sua totalidade às famílias das vítimas.

Assistência às vítimas do naufrágio

Logo que teve conhecimento da tragédia ocorrida com a tripulação da traineira «Padre Cruz», o sr. almirante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, determinou que o Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha e a Junta Central das Casas dos Pescadores tomassem rápidas providências no sentido de se prestar assistência às famílias dos pescadores sinistrados.

Os funerais dos corpos que forem aparecendo ficarão a cargo dos serviços de assistência aos pescadores e da Mutua dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Entretanto, estão já a ser visitados todos os lares destes marítimos e vai fazer-se a atribuição imediata de um subsídio às famílias dos que pereceram no desastre.

DIÁRIO DO PORTO

(Delegação R do Almada, 30, 2.º ☆ T. 20954/5 ☆ Telex 782)

Novo conjunto hoteleiro

Foi fixado até 24 de Março de 1966 o prazo de inauguração do conjunto hoteleiro, constituído por estalagem, restaurante, «snack-bar» e café, sito no Porto, nas Ruas de Sá da Bandeira e do Bomjardim, e propriedade da Sociedade Peles & C., Lda., para efeitos de sua declaração prévia de utilidade turística.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Foi extinto um fogo que devorou mato e pinheiros numa área de 30000 m2

próximo de Coimbra

COIMBRA, 5. — Foi finalmente extinto o violento incêndio que, anteontem á noite, se manifestou em pinhais e terrenos de mato na serra de Santa Quitéria, nas proximidades de Vila Nova de Ceira, concelho de Góis, e que alastrou por uma área de 30000 metros quadrados, chegando a ameaçar as povoações de Couços, Alcaria e Alagoas e a capela da primeira.

Conseguiu-se extinguir o fogo devido aos porfiados esforços dos Bombeiros Municipais de Coimbra, dos Voluntários de Góis, Arganil e Oliveira do Hospital, dos soldados do Centro de Instrução de Condução Auto n.º 4 e ainda de centenas de populares.

Dado o receio de que se reacendam novos focos de incêndio, está de prevenção um autotanque da corporação de Góis, com a respectiva guarnição; e como os diversos proprietários estão igualmente, vigilantes, espera-se que não haja perigo de maior.

DACTILÓGRAFA PRECISA-SE

De preferência com conhecimento de propriedade Industrial. Indicar idade, referências e ordenado pretendido, a este jornal ao n.º 105.

AMANHÃ ANDA A RODA

CAMPIÃO

SEMPRE PREMIO GRANDES

SENDO MUITOS OS CARIMBOS QUE PROCURAM IMITAR O DA CASA DA SORTE, AO ADQUIRIR LOTARIA, VEJA BEM SE TEM O AUTÊNTICO CARIMBO DA CASA DA SORTE.

Agredida pela sobrinha

Foi internada no Hospital de Santo António a sr.ª Serafina Pereira Vaz, de 58 anos, casada e residente na Rua das Classes Obreiras, 141, casa 4, que sofreu fractura de um braço e ferimentos pelo corpo, em consequência de ter sido agredida por sua sobrinha, Alda Pereira Barbosa, de 26 anos, casada.

Queda grave

Recolheu ao Hospital de S. João o sr. José António Miranda, de 54 anos, casado, morador em Bragança, que caiu de um rochedo, sofrendo traumatismo craniano e da coluna dorsal.

PRODUTOS NÃO TABELADOS

Variação dos preços praticados, conforme a qualidade e encargos de transporte, segundo dados fornecidos pela Inspeção-Geral das Actividades Económicas

HOJE NO PORTO

Produtos	Min	Máx
K = quilo — D = dúzia		
Criação		
Coelho morto limpo (K)	28\$00	30\$00
Frango morto limpo (K)	28\$00	30\$00
Galinha morta limpa (K)	30\$00	32\$00
Ovos (D)	7\$50	13\$50
Peixes		
Badejo (K)	24\$00	26\$00
Faneca (K)	8\$00	15\$00
Goraz (K)	12\$00	16\$00
Lulas (K)	6\$00	12\$00
Palmas (K)	8\$00	12\$00
Pescada branca (K)	30\$00	45\$00
Polvo (K)	8\$00	14\$00
Sardinha (K)	4\$00	8\$00
Frutas		
Ameixas (K)	3\$50	9\$00
Azeitona preta (K)	2\$80	7\$80
Bananas (K)	6\$00	8\$50
Laranjas (K)	4\$50	8\$00
Limões (K)	4\$00	5\$00
Melancia (K)	2\$00	2\$40
Melão (K)	2\$00	3\$00
Pêras (K)	4\$00	9\$00
Pêssegos (K)	3\$90	11\$70
Uvas (K)	3\$50	7\$80
Produtos hortícolas		
Alhos (K)	9\$00	10\$00
Batata (K)	1\$50	1\$80
Cebola (K)	1\$80	2\$50
Cenouras (K)	2\$00	3\$00
Feijão-verde (K)	3\$00	3\$50
Pimentos (K)	3\$50	4\$00
Tomate (K)	1\$50	2\$00

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia, da tiragem, ás 20.30 h.

APROVEITE ESTA BOA

OPORTUNIDADE

PARA CONHECER OS

ESTABELECIMENTOS

DINFER

VENDA ESPECIAL DE 5.000 VESTIDOS EM ALGODÃO ESTAMPADO, QUE ESTAVAM DESTINADOS A EXPORTAÇÃO

PREÇOS DE 50\$00 A 90\$00

(Uma venda rápida, sómente durante a transição das obras de acabamento para ampliação do 1.º piso)

RUA DOM DUARTE, 3
T. NOVA S. DOMINGOS

O TEMPO QUE FAZ

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 39°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 10°. TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar, 13,5°; na atmosfera, 23,1°.

SOL  AMANHÃ: Nascer ás 6 e 42 Ocaso ás 20 e 43

FASES DA LUA

 Dia 12 Dia 20 Dia 26 Dia 4

MARES

PREIA-MAR — Dia 5 — As 10 e 35 (3,3 m); 23 e 05 (3,3 m). Dia 6 — As 11 e 48 (3,3 m). Dia 7 — As 0 e 27 (3,2 m); 13 e 07 (3,3 m). BAIXA-MAR — Dia 5 — As 4 e 02 (1,6 m); 16 e 32 (1,7 m). Dia 6 — As 5 e 16 (1,7 m); 17 e 57 (1,8 m). Dia 7 — As 6 e 32 (1,7 m); 19 e 07 (1,7 m).

Vida literária e artística

5 DE AGOSTO
1965
SUPLEMENTO
SEMANAL

N.º 366
Diário de Lisboa

A POESIA PORTUGUESA ESTÁ EM CRISE?

Um inquérito de GASTÃO CRUZ

Depoimentos de

- Eduardo Prado Coelho
- E. M. de Melo e Castro
- José Carlos de Vasconcelos
- Maria Teresa Horta

Prossegue hoje a publicação das respostas ao inquérito A poesia portuguesa está em crise?, iniciada no número anterior deste suplemento.

Depõem quatro poetas, que representam outras tantas orientações da poesia portuguesa da presente década, dois deles — E. M. de Melo e Castro e José Carlos de Vasconcelos — também críticos; um crítico, também poeta, — Eduardo Prado Coelho —, que tem dedicado muito da sua actividade à compreensão da poesia nova; e a poetisa Maria Teresa Horta, com posição de relevo na nossa literatura.

Repetimos o texto do inquérito:

A Gazeta Musical e de todas as Artes publicou, no seu número de Julho de 1961, os depoimentos de alguns romancistas portugueses, com que se pretendia dar resposta à interrogação O romance está em crise?

A partir de 1961, começou a falar-se também, com certa insistência, de uma crise da poesia portuguesa. Pelo que parece oportuno ouvir agora, a tal respeito, o parecer de alguns poetas e críticos de poesia.

Falando de crise, importará precisar o sentido da palavra. Sem nos afastarmos muito de um nível meramente dicionarial, poderíamos assentar na seguinte definição: alteração de curso, que se traduz numa situação grave.

Ajustada à poesia portuguesa de hoje, terá essa definição alguma realidade?

Precisando melhor:

1 — Crê que estão esgotadas as diversas vias da poesia portuguesa das últimas décadas ou que, pelo contrário, algumas delas são renováveis e possíveis novas sínteses? Por outras palavras, pensa que o futuro da poesia portuguesa estará no aproveitamento das virtualidades inexploradas do seu passado imediato ou no corte radical com esse passado?

2 — No caso de admitir a existência de uma crise, poderá caracterizá-la e apontar-lhe as causas? No caso de não a admitir, poderá aventar uma explicação para a insistência com que dela se fala?

EDUARDO PRADO COELHO



1. Esgotadas as diversas vias da poesia portuguesa das últimas décadas? Vitorino Nemésio ou José Gomes Ferreira? Carlos de Oliveira ou Ramos Rosa? Alexandre O'Neill ou Sophia de Mello Breyner? Raul de Carvalho? Só vi defender tal

tese aos admiradores incondicionais da poesia experimental. O que apenas significa que esse movimento se julga um modo radicalmente novo de encarar a criação poética, e portanto não representa qualquer juízo de valor aceitável. As restantes orientações, se orientações definidas ou definíveis realmente existem, estão longe de admitir, implicita ou explicitamente, tal posição.

Depois da Poesia 61 e da diversidade de caminhos que dela surgiram, entrou-se numa zona de lusco-fusco, onde sintomas de crise se combinam com reconfortantes revelações. Do interior desta penumbra, a «poesia experimental» tentou, atabalhoadamente e sem êxito, lançar alguns modelos de criação poética que lá fora têm conquistado a adesão de círculos mais ou menos restritos. A debilidade desoladora e irreparável dos seus principais teóricos e a falta de autêntico interesse das respectivas produções mais não exprimem de que um certo tipo de crise. Crise que se manifestará ainda na ausência de esco-

las, movimentos, tendências, orientações, tanto nos meios universitários como em torno de revistas ou páginas literárias. O Desintegracionismo? Puro fogo de vista. E que dizer duma tentativa como a dos Poemas Livres? (Terá ela continuidade?). O que de melhor nos deu está apenas nas obras individuais dos seus colaboradores, sobretudo na de Manuel Alegre. E, esse melhor, nega em grande parte o que de comum havia nos Poemas Livres.

No momento em que o grande escritor francês Louis Aragon publica o romance «La Mise à Mort», um editor categorizado dá início a uma obra de grandes proporções que o consagra no primeiro plano do interesse literário, não só em França como em todo o mundo que acompanha a sua irradiação cultural: a edição de luxo, ilustrada das «Oeuvres Romanesques Croisées d'Elsa Triolet et Aragon», em trinta e dois volumes. Intercaladamente, como duas vozes dialogais, vão surgir em volumes sucessivos as criações de ficção de dois autores cuja presença na literatura contemporânea é um vibrante testemunho

No campo da jovem poesia, o acontecimento de maiores consequências terá sido a publicação da Antologia de Poesia Universitária, em 1961. Da sua leitura se conclui talvez que, superada uma certa ingenuidade simpática, mas insustentável, dos Poemas Livres e abandonado um certo vanguardismo sistemático da Poesia 61, se pode prever ou entrever um novo momento do realismo dialéctico (ou neo-realismo), de que os livros mais recentes de Teresa Horta, Manuel Alegre, Gastão Cruz e Luíza Neto Jorge são já exemplo.

2. A palavra crise está bastante saturada e não sei se poderá caracterizar convenientemente qualquer

(Continua na página central deste suplemento)

O livro português no Brasil

No boletim «Livros de Portugal», órgão do Grémio Nacional dos Editores e Livrelros, transcreve-se o seguinte comentário do jornal «O Diário» de Belo Horizonte a uma entrevista do editor António Pedro Rodrigues:

«Efectivamente, o problema da importação do livro português precisa ser resolvido. Os preços tornaram-se proibitivos. Por outro lado, falta melhor propaganda do livro português no Brasil. Aqui mesmo, dedicamos periodicamente, colunas aos noticiários e apreciação do livro português. Mas, infelizmente, não tenho encontrado de parte dos editores portugueses interesse em ver divulgados, através de uma secção dedicada aos livros, suas edições. Um ou outro me tem remetido algum livro. E fica-se nisso. O mais vou fazendo por amor ao livro português e para prestar serviço aos que se interessam pela literatura portuguesa entre nós».

UM NOVO ROMANCE DE ARAGON

por JACQUELINE PIATIER

(Serviço combinado «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

de continuidade da arte e da cultura francesas. O romance «La Mise à Mort», analisado neste artigo de Jacqueline Piatier é, sob aspectos fundamentais, a introdução e a justificação desse empreendimento editorial sem paralelo na história literária.

Desde «La Semaine Sainte», publicado em 1958, Aragon não tinha apresentado mais nenhum romance. Recentemente, a pequenos intervalos, surgiram da pena do escritor o longo e admirável poema «Fou d'Elsa», as aguarelas deliciosas de «Voyage en Hollande», o emocionante prefácio de «Un Réa-



O 20.º Salão das Realidades Novas abriu ao público, em Paris, entre a expectativa de um largo público interessado na revelação das correntes estéticas da última hora. No enquadramento consagrado do Museu de Arte Moderna, dirigido pelo notável ensaísta e crítico que é Jean Cassou, foram apresentados os testemunhos mais audaciosos das tendências plásticas inovadoras. A gravura reproduz a composição escultórica «Carapaces», de Henry Comby, que despertou vivas atenções na exposição

FALA UM JOVEM

António Sérgio
contra José Régio
por ALBERTO COSTA

Cedo me interessou a figura singular de António Sérgio. A sua atitude, lúcida, vigorosa, criticamente, perante a obsoleta interpretação proselitista da tomada de Ceu-

ta, o verbalismo demagógico de Junqueiro, a subsistência de uma cega mentalidade sebastiânica, o invertebrado anti-intelectualismo de Bergson; os seus ensaios de interpretação literária, que — é urgente dizê-lo — inauguraram em Portugal a crítica não-romântica; e, muito especialmente, o seu aberto convite à crítica e à análise, conquistaram a minha juventude.

Hoje, lida boa parte da obra sergiana, considero António Sérgio, como V. de Magalhães Vilhena, «o mais alto representante do humanismo progressista burguês em Portugal».

Não como modestíssimo aprendiz de filosofia, que condimentou o insípido programa de filosofia do 3.º ciclo dos Liceus com o estudo de muitas páginas de Sérgio, mas apenas como elemento de uma juventude que não esquece o legado sergiano (e pressupondo que essa juventude terá, também, um lugar de vulto na vida intelectual do país) e, também, como parte constitutiva dos que aspiram à lucidez e procuram deliberadamente abandonar a mentalidade acrítica, fulgo-

lisme sans Rivages», de Roger Garaudy — e, agora, este enorme e extraordinário romance «La Mise à Mort», assinalando uma incrível e ardente fecundidade literária. Confinado no realismo social ou abrindo-se a um realismo sem margens, disciplinando-se voluntariamente ou deixando a inspiração singrar em múltiplos sentidos, Aragon é sempre o escritor, o poeta, o artista, o mais fascinante criador do nosso tempo na minha opinião. Desaparecido Claudel, é ele o mais lídimo continuador da tradição francesa em literatura. Sartre enveredou pela ordem do pensamento (que não exclui o estilo). Aragon permanece na ordem do estilo (que

(Continua na página central deste suplemento)

(Continua na página seguinte)

DOIS POEMAS

DE AUGUSTO CASIMIRO

1
PÁSCOA IMORTAL

Em cada coisa há uma Páscoa á espera,
Uma Semana de Paixão em cada Vida...
— (A Páscoa é irmã da Primavera).

Em cada cárcere resiste o que não pode
Ninguém prender e, em cada Calvário,
Abismo fundo ou pico solitário,
Para a aleluia ser mais bela
Ressurgindo, vela um deus. Sempre.
— Vai um arco triunfal do verme á estrela.

Viver, em tudo, é isto:
— Subir, vencer alturas e abismos,
Fazer dos suplicios heroísmos
E da mordida brutal um canto que redime.
— A Vida é um Cristo sublime.

É por isso que os sinos da Páscoa
Soam mais cristalinos
E brotam flores ao meio das ruínas.
— Sabe a Natal cada Primavera.

— Aleluia! Bendita seja a Vida!

— A Vida e a Primavera são divinas!

II
ESPERANDO:

Estou á porta dum templo. Tocado
Já pelo silêncio inviolado
Que me fala.

Todos os rios da Alma aqui vêm,
Todas as orações que devem ser
Actos de Amor, vívidos...

Não digo nada, Sinto que me perdia
Se quebrasse este silêncio...

Lá dentro é a imensidade
Serena e sem distancia
E a luz plena; a imortal Infancia.
A luz, sem acaso; o eternamente
Sem Ontem, Sempre Amanhã.

Entrarei? Temo quebrar o encanto.
O Anjo que guarda o portal resplendente,
Pôs as mãos sobre os lábios. Fez um gesto
E sorriu-me.

— Eu não sei
Se entrarei ou se espere...
— Esperarei.

AUGUSTO CASIMIRO

António Sérgio contra José Régio

(Continuação da página anterior)

poder formular aqui algumas considerações que o artigo de José Régio, «Um Livro a Propósito de António Sérgio», me suscitou. E' que, de facto, também eu fui um dos que se abeiraram interessados do livro de V. de Magalhães Vilhena e procuraram renunciar a uma atitude passiva perante o seu significado e a sua importância.

Não se articulam estas considerações com o propósito de entabular polémica improdutiva ou questão virulenta. O único propósito que a integra é, muito seriamente, «suscitar reparos», «incitar os espíritos á problemática», erguer um protesto contra o terrorismo da aceitação acrítica, da adesão irracional. E o único mérito de que se poderão revestir será, talvez, o de revelarem um exercício mental sugerido por António Sérgio, V. de Magalhães Vilhena e agora por José Régio, e, mais hipoteticamente ainda, o de virem a suscitar novas considerações e a informar novas posições críticas. Se tal acontecer, ter-se-á esboçado a mais digna homenagem a António Sérgio, inegavelmente a que mais se adequa ao seu espírito e á sua mensagem.

Perante o texto em questão de José Régio, gostaria de começar por

TEM DORES DE ESTÔMAGO?

Hiperacidez,
dirá o médico.

NÃO SE APOQUENTE

Pastilhas

Digestif RENNIE

VELAM POR SI

Digestif RENNIE, de uma maneira suave e agradável, rápida e eficientemente, neutraliza o excesso de ácido clorídrico que causa dores de estômago, ardores e indisposição.

Digestif RENNIE é um composto moderno e científico de cálcio e de sais de magnésio. Basta deixar que as pastilhas Digestif RENNIE se dissolvam lentamente na boca. Traga sempre consigo algumas Digestif RENNIE.

Sem necessidade de recetar médica, pode obtê-las em qualquer farmácia.

N.B. Procure o seu médico se sentir dores mais fortes e prolongadas.



DIGESTIF RENNIE

UM PRODUTO NICHOLAS

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES
PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.
VENDA DE SERIES DE 20 BILHETES SEM DATA

Todos os dias e em todas as estações.

chamar a atenção para algumas classificações que carecem de justificação conveniente, uma vez que, no ponto em que estão, não parece aplicável o critério da evidência.

Sugeriríamos, assim, que José Régio esclarecesse as razões que o levam a considerar «António Sérgio, o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa» «um livro que ofende a intelectualidade portuguesa». Claro é que tal explicitação exigiria também uma análise rigorosa do conceito de *ofensa intelectual*, e julgamos que não será apontar uma pista falsa frisar que tal conceito anda, na estética, na filosofia, na política, ligado às ideologias retrógradas (se se quiser investigar na História essa ligação, analisem-se, por exemplo, as reacções suscitadas pelo advento do Socialismo, num campo, e do futurismo, noutro). Por delimitar está, também — e é indispensável fazê-lo para o efeito — «a intelectualidade portuguesa» a que José Régio se refere. Necessária me parece, também, a exposição dos motivos que o levam a considerar a obra em questão *irracional, acrítica, simplista, dogmática, anticientífica*, classificações que, pela importância dos conceitos que utiliza, não pode passar sem fundamentação. Formuladas tal como se apresentam, insuladamente, classificações deste género é que são, sem possibilidade de refutação, um exemplo perfeito de irracionalismo, de dogmatismo, de simplismo, etc. Ter-se-á José Régio apercebido da perigosa incur-são que é atribuir, por exemplo, *ridícula fatuidade estreiteza, irracionalismo* a uma obra (que, felizmente para todos nós, vem dando que falar e que escrever) sem explicitar a motivação filosófica (se é que ela existe) em que se sustenta? Fazê-lo não será desconhecer ostensivamente a lição de António Sérgio?

Por outro lado, merece, também, ser denunciado o emprego de expressões desprovidas de um significado crítico minimamente verificável: dizer que um livro «produz indignação» não será assumir perante ele uma posição de antipatia e de repulsa, inarticulável com a serenidade, a compreensão, a simpatia que a verdadeira apreciação exige (foi o próprio José Régio, se a memória não me traí, que há tempos o sublinhou com justeza)? Parece-me, também, desprovida de significado ou, mais correctamente, carregada de significado altamente negativo e que profundamente nos choca por partir de José Régio, a utilização intensiva de um fraseado do tipo:

...todo aquele aparato professoral, e pedante, das notas com citações de autores de várias línguas...

... (porque as serve mal, meus senhores!).

«Não menos pasmado, porém, ficará, em verificando que não só a respeito de autores nacionais se expressa tão desembaraçadamente o nosso professor de filosofia, ou história da filosofia: A respeito de alguns dos maiores nomes do moderno pensamento europeu — não se mostra ele muito mais tímido.

Terão de ser — e forçosamente — indícios daquela mentalidade provinciana que é moeda corrente (Fernando Pessoa não diagnosticava mal!) na nossa cultura, e da qual, pese a quem pese, V. de Magalhães Vilhena está, pelo menos, mais liberto do que José Régio.

Baseia José Régio o seu protesto numa afirmação desamparada («a superioridade de Sérgio... não chega a realçar da leitura do livro do seu crítico»); numa cautelosa

observação (V. de Magalhães Vilhena «quase não faz senão opor a sua posição á do autor extremamente louvado»); em duas interrogações pouco insinuantes: «Fá-lo [a exposição objectiva das ideias do filósofo] V. de Magalhães Vilhena?» e: «Será preciso, para fazer avultar a importância de António Sérgio rebaixar quase todos quantos, entre nós, marcaram a sua presença, no mesmo campo?»; e numa audaciosa hipótese também sem qualquer suporte crítico («A respeito desses grandes autores parece V. de Magalhães Vilhena possuído de uma estranha raiva»). Perguntemo-nos, programaticamente: ter-se-á lido a obra com a atenção necessária para poder sustentar afirmações deste género? Ter-se-á acaso reparado que «não foram corridos com dois assobios de garoto» os outros pensadores anteriores a Sérgio, mas sim situados e limitados criticamente? Não estará na base de toda esta argumentação uma arreigada antipatia e uma alimentada aversão pela ideologia que V. de Magalhães Vilhena representa?

Eis, camufladas sob a forma de interrogações, algumas afirmações cuja exploração seria talvez lucrativa.

Mas o que de mais impressionante nos oferece o texto de José Régio é, precisamente, o facto de não tolerar, em relação a Sérgio, a tomada de uma atitude crítica nervurada, como o fez V. de Magalhães Vilhena. E' que uma ultrapassagem crítica deste género exige uma superação que só pode ser conseguida por meio de uma *respeitosa impiedade* em relação ao que se ultrapassa. E a condenação desta ultrapassagem que o livro documenta, temos de a classificar — sem protestos, sem indignação, sem desânimo — como uma atitude inaceitável.

José Régio considera as reacções (e o termo que utilizou é agora de uma contundente propriedade) de Santana Dionísio e de António Quadros «saúdaes reacções». Nós estamos mais inclinados a interpretá-las como uma reacção dos gérmens da doença — a obscuridade feita sistema, o implantado terrorismo da mediocridade — a um lampejo de saúde. Porque há, de facto, saúde mental na obra de V. de Magalhães Vilhena. Não será uma obra perfeita — não há obras perfeitas, nem nos interessariam obras perfeitas — mas antes de procurarmos destrinçar os seus defeitos e as suas virtudes, urge desmistificar, seriamente, uma plataforma errada que está na base de muitos comentários que lemos. Não o fez, é claro, esta paupérrima comunicação, nem tal era tarefa para o seu autor, que teve apenas a intenção de levantar algumas questões que o texto de José Régio lhe sugeriu.

Se acaso alguma das afirmações sustentadas abandonou a serenidade, a clareza ou a pertinência e se aproximou do desabafo, da paixão ou do dogmatismo, estou pronto a revê-la: assim o exige o que a minha juventude entende por coerência — um contínuo convite á revisão, ao aprofundamento, á consensualização.

E frise-se, a terminar, que com estas linhas se não pretende atacar nem defender (estratégias, evidentemente, que seriam intelectuais). A sua missão foi simplesmente — e ainda muito á maneira sergiana — «brir as avenidas da discussão profunda». Seja essa discussão o primeiro contributo para a homenagem que a Nação deve a António Sérgio.

ALBERTO COSTA

Alcobaça, Julho de 1965.

DIÁRIO SECRETO DO PENSAMENTO

por OLIVEIRA E SILVA

Um dos poemas que emocionam os mais insensíveis, pela sublimação, é a súplica ao Senhor, de Gabriela Mistral, para perdoar áquele que se matara e fora o seu único amor.

Desses versos, molhados de lágrimas, levanta-se o fantasma do anónimo — um condutor de trem de ferro — que, depois do rompimento com a então professora de aldeia, se degrada no jogo e no furto, submergindo no suicídio.

Justa ou injusta, a dor, no seu mistério, transforma-se num canto profundo que desafia o tempo e o espaço e nos leva a meditar sobre o desencontro de dois destinos que, embora tão diferentes na sua natureza, alcançam a mais bela imortalidade: a de impôr a nossa participação na ternura sofrida de um coração humano.

As águas mansas da baía
Recebem tanta doçura
Das carícias matinais,
Que não estremeceriam,
Se delas irrompessem
Milhares de orquídeas de ouro,
Transformando-se em cristais...

Comenta um conhecido autor os perigos das dedicatórias impressas em louvor de amigos íntimos, nas primeiras páginas dos nossos livros.

Ele considera que, ás vezes, a construção da amizade, por mais antiga e sólida, imprevisivelmente desaba, e aquela oferta, em nossos ombros, pesa como um cadáver que não encontra sepultura para a sua dimensão.

ANTIGUIDADES

Particular desejando desfazer-se de várias imagens sec. XVI e XVII mostra a partir das 17 horas, na Av. Sacadura Cabral, 22-2., Dt.

Só a pobreza excessiva de autocrítica é responsável pelo facto de certas pessoas não estremecerem, de quando em quando, de horror de si mesmas.

Imaginemos um artista jovem, admirador caloroso do divino Dante Alighieri, que, uma noite, sonhasse haver descido, na sua companhia, aos círculos do inferno.

Ainda imaginemos que, exaurido, sufocado pelo espectáculo do martírio de tantos réprobos, pedisse ao poeta imortal o transportasse ao paraíso, ansioso de se banhar na luz de Beatriz de Portinari.

Eis o artista jovem, já sem o companheiro excelso, em deslumbramento, diante da inspiradora.

É a graciosa adolescente, a quem, de pronto, reconhece da visão do quadro do primeiro encontro com o inspirado, numa rua de Florença.

Ela docemente lhe sorri. O artista novo decorara alguns sonetos líricos que o outro compusera ao seu único amor. Não se contém, murmurando:

«Tão honesta e gentil sempre pa-rece
A minha eleita, quando a outrem
[saída,
Que toda a voz, de trémula, emu-
[dece...»

Quer continuar, mas, num gesto, Beatriz lhe impõe silêncio:

— De quem são esses versos?
— Do maior poeta do mundo: Dante, em sua homenagem.
Concentra-se o rosto da musa. E, em seguida, perplexa:
— Dante? Dante? Não me lembro...

Dói a visão da chuva fina
A cair no mar cinzento,
Num dia lento, muito lento...

Na tragédia «Julio Cesar», Shakespeare define o sono: «essa gota de mel». Gota de ópio. Esquecimento.



André-Marie Gerárd, a quem foi atribuído o Grande Prémio do Sindicato dos Jornalistas Escretores pelo seu livro «Jehanne la mal aimée»

Cadernos «Cronos»

Sob a direcção de Fernando Luso Soares e Mário Dias Ramos começou a publicar-se uma revista literária intitulada «Cronos», que se apresenta na edição inicial com qualificadas colaborações e sugestivos temas. João Gaspar Simões apresenta um ensaio sobre «A grande crise do Orpheu»; Armando Ventura Ferreira estuda o drama de Oscar Wilde representado na sua poesia; Herberto Helder publica uma «Nota sobre Alfred Jarry» e Maria Luísa Guerra um confronto entre os heterónimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos; poemas de Evtuchenko, David Mourão-Ferreira, Maria do Céu Guerra e Mendes de Carvalho; o ensaio «Uma introdução ao estudo de Brecht», por Fernando Luso Soares; um extracto de romance de Vergílio Ferreira; colaborações diversas de Natália Nunes, Tomás Ribas, Jorge de Sampaio e Vasco Riobom; crítica de teatro por Urbano Tavares Rodrigues e de livros por Mário Dias Ramos — preenchem páginas de atractiva leitura no primeiro caderno «Cronos».

No panorama estreito das nossas publicações de literatura, a iniciativa agora empreendida é de manifesto interesse e constitui experiência a que cumpre desejar longo futuro.

«A Voz de Moçambique»

Recebemos a edição de 30 de Maio (n.º 177) do semanário «A Voz de Moçambique», órgão da Associação dos Naturais desta provincia ultramarina. As páginas de «Artes e Letras» deste numero, reflectindo a continuidade de uma acção cultural de meritório nível, incluem um notável estudo de Eugénio Lisboa sobre André Gide, intitulado «Uma dívida de gratidão»; reflexões traduzidas e adaptadas por J. Graco da Silva da «Nova Introdução» á filosofia alemã do século XIX; nota evocativa sobre Roger Vailland; um poema de S. A.; e noticiário literário.

O jornal «A Voz de Moçambique» mantém na imprensa portuguesa com interesses culturais, através das suas páginas de Artes e Letras, um lugar de assinalável significação.

REVISTA «CONCILIUM»

A revista internacional «Concilium», cuja publicação se iniciou simultaneamente em 11 países em Janeiro de 1965, vai já a caminho do seu 7.º fascículo, cada um dos quais é dedicado a um tema. Publicaram-se até agora numeros sobre Dogma, Liturgia, Pastoral Eclesiástico, Moral e Problemas Fronteira. A edição portuguesa está a cargo da Livraria Moraes Editora.

ACTIVIDADE EDITORIAL

A escritora Natália Nunes vai publicar um novo livro

Depois do êxito invulgar que acolheu o romance «Assembleia de Mulheres», de Natália Nunes, não só na critica, que o assinalou como expressão excepcional de um novo rumo da literatura feminina portuguesa, como no publico mais

qualificado, está a escritora a preparar outro romance, que é aguardado com interesse por todos os que acompanham a evolução da sua obra. A fina observação humana e a penetrante visão psicológica de Natália Nunes vão dar nesse livro, seguramente, um novo testemunho literário valioso da sociedade portuguesa contemporânea.

Anuncia-se, também, da mesma autora, a publicação de um ensaio crítico-interpretativo que deve intitular-se «A Nymphete de Dostoiévski», fazendo a análise de aspectos primaciaes da obra do grande escritor eslavo.

«A Política» de Aristóteles e a sua perene actualidade

Constitui um facto culturalmente muitíssimo meritório a publicação em Portugal da «Política» de Aristóteles, que a «Presença» acaba de incluir na sua prestigiada colecção «Clássicos».

Esta obra, conforme é sabido, não chegou a ser acabada pelo Estagirita, apresentando-se, ao longo das extensas oito partes que a compõem, numa certa desordem.

Aristóteles desenvolve nela a sua doutrina do Estado em confronto com outras concepções, especialmente a do comunismo intelectualista socrático-platónico, a contratualista, a que alguns sofistas eram afectos, os quais faziam do Estado entidade surgida por convenção humana, e a individualista e cosmopolita, defendida pelos cínicos.

Para Aristóteles o Estado é a forma mais alta de sociedade; e embora, sob o ponto de vista cronológico, haja sido precedida por outras formas de agremiação social, desde um ponto de vista absoluto precede o individuo, a família e a aldeia, já que nem o homem isolado, nem aquelas associações se bastam a si mesmas, enquanto o Estado é suficiente por si, e, na sua perfeição, realiza o fim para que aquelas tendem. O homem é, pois, por natureza, um «animal político».

Uma vez que o Estado é composto de famílias é mister examinar os elementos da família que são: o marido e a mulher, o pai e os filhos, o patrão e os escravos. Aristóteles trata primeiro das relações entre patrão e escravo, vendo no escravo um elemento essencial e insuprimível da economia, «já que as lançadeiras não tecem por si mesmas o pano». E não só a diferença entre quem deve mandar e quem deve ser escravo é para ele coisa natural e justa, como também aquele que é escravo é-o por natureza. Mas há escravos de alma livre, em dependência das convenções da guerra, das quais deriva uma escravidão legal: de maneira que, em definitivo, a diferença entre o ser-se livre e ser-se escravo é a mesma que há entre a virtude e o vício. A diferença entre a autoridade do patrão e a política está em que esta se exercita sobre seres livres.

A isto se segue o estudo da creatística, ou arte de adquirir riquezas, com a respectiva condenação do comércio e da usura por serem contrárias á natureza; depois, o estudo da autoridade que se exerce sobre as pessoas livres da família, isto é, sobre a esposa e sobre os filhos. O exercício da autoridade sobre a mulher é semelhante (apesar da diferença natural entre o homem e a mulher) á que se exerce sobre os governados num governo republicano, enquanto a autoridade sobre os filhos é semelhante ao governo do rei.

O naturalismo que inspirou a maneira de tratar o conceito de escravo, de mulher e de criança, conduz Aristóteles a graves problemas éticos e pedagógicos e a uma minuciosa, embora nem sempre clarividente, critica da teoria platónica («Republica»), segundo a qual entre as duas classes superiores

devia haver comunidade de bens e de filhos.

Passa-se depois á definição do verdadeiro cidadão, onde se conclui que as virtudes dele consistem em saber obedecer e saber mandar. Os artifices e mercadores não podem ser cidadãos de um Estado perfeito, já que para a virtude política se requer certa desocupação («otium» latino).

Nos estados a soberania está no governo. Teremos assim as três formas da monarquia, da aristocracia e da república, ás quais correspondem, nos casos de degeneração (isto é, quando a sua constituição aspira á utilidade particular), a tirania (a pior de todas), a oligarquia e a democracia.

A república é como que a síntese da oligarquia e da democracia: evita os males destas e assume as suas vantagens; o elemento equilibrador e harmónico estará nela representado por uma classe média evoluída. Mas não se pode estabelecer qual das três formas degeneradas é a preferível: é mister ter presente as condições particulares de cada povo. Mas povos próprios para a tirania, ou para outras formas degeneradas não existem: estas são contra a natureza.

Os Estados têm três funções: a deliberativa, a das magistraturas e a da administração da justiça; funções que, em geral, podemos fazer corresponder aos chamados três poderes dos estados constitucionais da época moderna: legislativo, executivo e judicial. A virtude e a felicidade do individuo coincidem com a felicidade política.

Quanto ao imperialismo: é justo que nações como a grega, por natureza postas á cabeça da hierarquia ética, dominem os bárbaros, mas não é legítima outra forma de domínio. Para conseguir que os individuos sejam virtuosos é necessário que as leis, e não os particulares, se ocupem da educação.

Para este trabalho, ainda muito actual, Aristóteles baseou-se no estudo das constituições de 158 Estados gregos e bárbaros. Mas, além do valor da sua exactidão histórica, há ainda outra característica que, por muito tempo, assegurará ainda o valor e a fama da «Política»: é o vigor com que está captada, na sua motivação eterna, a inevitável aspiração do homem a disciplinar politicamente a sua vida.

«ESCÂNDALO NA VILA» — romance de Francisco Costa

A obra de romancista de Francisco Costa, interrompida com frequência por livros de outro género, foi agora retomada com «Escândalo na Vila», que a editora União Gráfica acaba de publicar com atraente apresentação.

Nas suas quinhentas páginas dobra o autor, em longa e percutiente análise, um drama psicológico da vida conjugal que se envolve em reflexos sociais observados com sentido realista muito pessoal e flagrante interpretação de caracteres. O livro interessa vivamente, desde a primeira á última página, revelando um escritor no pleno domínio das suas qualidades de composição e de estilo, capaz de traduzir com altura literária a sua visão do mundo e das pessoas.

Em «Escândalo na Vila», como se escreve no preambulo romanesco da narrativa, fixou Francisco Costa «uma história que, além de compreensível e agradável no plano concreto, poderá emocionar intimamente quem procure o significado para lá do significante». Mais do que isso: o romance é um panorama vivo e fluente de meios sociais que não têm sido cabalmente representados na nossa literatura moderna e que o autor soube exprimir através de personagens profundamente caracterizados nas suas insatisfações e malogros. Com justiça se acentua que livros como este só podem desagradar «a pudibundos e a medistas, partidos adversos que se encontram no mesmo defeito, pois ambos mutilam a vida», como o autor previu ao publicar o primeiro volume da sua obra de romancista. E ainda: «Escândalo na Vila» é o oitavo volume de uma obra independente, segura de si, sobre a qual o próprio autor, ao sabor das circunstâncias, se



FRANCISCO COSTA

explicou em conferências dialogadas, de entre as quais se destacam «Essência e Existência do Romance», «Realismo Integral em Romance» e «Valor Poético do Romance».

Prosseguindo a construção de uma obra que tem sido muito discutida, precisamente porque é válida no seu sentido humano e na sua altura literária — para além de quaisquer razões de divergência —, Francisco Costa apresenta em «Escândalo na Vila» um dos melhores, senão o melhor romance da sua esforçada carreira de escritor.

«TRATADO DE SOCIOLOGIA»

No 4.º fascículo da versão portuguesa desta obra construída sob a direcção do eminente sociólogo Georges Gurwitsch figura o capítulo «Técnicas do Inquérito Sociológico» de Georges Granal, cuja tradução foi ainda efectuada pelo malogrado escritor e saudoso colaborador deste jornal prof. Carlos Montenegro Miguel. No mesmo fascículo inicia-se a 2.ª secção da obra, consagrada a «Problemas de Sociologia Geral», começando por um estudo de Georges Gurwitsch. Edição de Iniciativas Editoriais.

«HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL»

É de grande interesse cultural a edição desta obra, da autoria do consagrado pensador e escritor Bertrand Russell. O 3.º fascículo, que foi recentemente publicado, traz como matérias mais aliciantes para o leitor estudioso as fontes do pensamento de Platão, a Utopia platónica, a teoria das ideias e da imortalidade do filósofo grego, etc. É uma valiosa edição de interesse intelectual e pedagógico de Livros Horizonte.

«BÍBLIA ILUSTRADA»

Saiu o fascículo 29.º desta edição monumental da Bíblia, em cujas páginas se dá início ao «Livro Primeiro dos Paralipómenos», em tradução do texto original, introdução e notas pelo padre Dr. Manuel Teixeira Borges. A edição, em papel «couché», inclui gravuras e reproduções de arte criteriosamente escolhidas. Realização da Editorial Universus, do Porto.

Um novo livro de Matilde Rosa Araújo

A escritora Matilde Rosa Araújo, que tem dedicado principalmente a sua actividade literária, nos últimos anos, á criação de obras para crianças, tem pronto para publicação um livro intitulado «Cantar de Tila». O seu estilo claro e fluente, de uma sensibilidade expressiva que atinge sedutoramente a imaginação juvenil, consagra a vocação afirmada de Matilde Rosa Araújo nesse género.

Félix Cucurull

O escritor catalão Félix Cucurull, que se encontra novamente em Lisboa para prosseguir os trabalhos preparatórios de um estudo sobre a terra e o povo de Portugal reflectidos na sua literatura — empreendimento cultural que tem o patrocínio da Fundação Gulbenkian — vai publicar a versão portuguesa de um livro de poemas que terá o título «Por enquanto é silêncio». A edição será apresentada pela editora Ulisseia. Anuncia-se, entretanto, a publicação próxima, pela Portugália Editora, da 2.ª edição em língua portuguesa do romance «Miragem», de Félix Cucurull.



A resposta a estas interrogações
pode ser dada pela nossa equipa de
especialistas em racionalização de trabalho,
com longa experiência.

COMO VAI A MINHA EMPRESA? QUAIS SÃO OS MEUS PROBLEMAS? DE QUE SOLUÇÕES NECESSITO?



EFICEX KIENZLE

Organização e simplificação de empresas — Reorganização de serviços — Organização e actualização da contabilidade — Mecanização geral ou sectorial — Organograma e esquematização funcional das empresas — Gestão de stocks — Planificação e previsão financeira — Consulta fiscal e comercial.

MILHARES DE INTERVENÇÕES COM EXITOS COMPROVADOS

A MAIS EXPERIENTE ORGANIZAÇÃO EM CONTABILIDADE MODERNA
AV. JOÃO XXI, 4 A - TELÉF. 727028, 725074 - LISBOA - R. PASSOS MANUEL, 228-2 - D.T.O. - TELÉF. 30698 - PORTO

SEMANA DE MADRID

por Manuel Riutort

CONSTA de 180 mil peças a colecção numismática do Museu Arqueológico Nacional. Alguns dos exemplares são únicos no mundo.

☆

ENTRE as reproduções mais vendidas no Museu do Prado, figura a da «Maja Desnuda», de Goya.

☆

ACTIVIDADES do «clan» Celia — que agrupa os familiares e o próprio Camilo José Cela — a editorial Alfaguara e a iniciativa da novela popular. Autores novos e consagrados vêm as suas obras editadas numa colecção que custa cada volume cerca de dez escudos. Entre os primeiros autores editados figuram: Alfonso Sastre, Castillo Puche, Alonso Zamora e García Pavón.

☆

CONTINUA em pleno desenvolvimento o sistema de venda a prestações das mais variadas obras literárias. Este sistema está a provocar uma maior expansão do livro.

☆

FACTO para salientar: o editor Guillén Salaya fez entrega de um cheque, no valor do prémio «Pedro Alarcón», ao escritor Domingo Manfredi Cano, frente ao público. Normalmente o pagamento dos prémios faz-se a prestações.

☆

PARA os festivais de Verão, nos jardins de Cecilio Rodríguez, José Tamayo apresentará um espectáculo intitulado «Antologia da Zarzuela». Este espectáculo está feito de bocados das mais famosas obras do género lírico.

☆

NO Verão, a afluência de visitantes ao Museu do Prado chega a atingir a cifra diária de dez mil pessoas. No Inverno o número de visitantes é inferior — mas, sempre excede as quatro centenas por dia.

A revelação de um original escritor:

JAMES AMADO

Chamado do mar

O AUTOR DESTE BELO ROMANCE, IRMÃO DE JORGE AMADO, REVELA-SE COM ESTE LIVRO, QUE É UMA BELA HISTÓRIA DE AMOR E DE ÓDIO, UM DOS MAIS VIGOROSOS ROMANCISTAS BRASILEIROS

Col. Século XX — 366 pág. 40\$00

Uma edição de PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA Apartado 8 — MEM MARTINS

MERGULHÃO

AS MAIS LINDAS PRATAS Rua de S. Paulo, 162 • Telef. 30013

A POESIA PORTUGUESA ESTÁ

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

conjuntura. Há a crise da poesia em geral, bem visível quer nas relações entre o poético e não-poético (magistralmente expostas e desenvolvidas em Melo Neto), quer na poesia ou poesia reflexiva (Baudelaire, Mallarmé), sirva ela para uma mistificação da palavra ou para uma crítica do universo poético (realizada entre nós por um Alexandre O'Neill e depois vulgarizada a um nível mundano por um José Carlos Ary dos Santos). Há a crise da literatura como conceito ou instituição. Há a crise da arte em geral (formulada por Hegel), que engloba até o problema da sua permanência numa sociedade em que o conteúdo da arte se realiza no plano da prática. Há uma crise da filosofia, que se anuncia também em Hegel e se repercute e concretiza em muitos outros (desconhecendo-a completamente, os «filósofos portugueses», como António Quadros, tornam desde logo duvidosa qualquer hipótese de diálogo). Há a crise dos tempos modernos, largamente discutida e comentada dos mais diversos pontos de vista. E todas estas crises devidamente encaixadas dão um largo papel à categoria do possível. E, no meio de tal indeterminação, que podemos dizer nós sobre a crise da poesia portuguesa de hoje?

Muito pouco. Se toda a crise é «alteração de curso», conforme a

definição proposta, é durante os períodos em que nenhuma crise se vislumbra que a crise existe. E se hoje se pode falar muito dum crise da consciência poética (isto é, da poesia), isso pode bem significar que atingimos uma fase de consciência da crise poética e, portanto, uma fase em que tal crise começa a desaparecer, quanto mais não seja através dum poesia da crise. Como se vê, são tantos os problemas que não é possível uma resposta de *sim* ou *não*. Escolhamos a resposta exacta: *sim e não*.

Contudo, existem aspectos de falsa consciência que complicam injustificadamente as coisas. Quando alguns críticos se referem a uma crise da poesia isso poderá ser somente uma forma ilusória de traduzir a crise dos instrumentos críticos indispensáveis à abordagem da poesia de hoje. Deste modo, a crise da poesia revelar-se-á, até certo ponto, uma crise inconsciente ou inconsciente da crítica. Mas a crise da crítica não exclui qualquer crise da poesia, embora seja talvez uma explicação parcial para a «insistência com que dela se fala».

E, como comentário a esta resposta algo desconexa e baralhada, será curioso observar que de tanto usar a palavra *crise*, se ela já estava saturada, mais saturada ficou. O que terá sido uma forma de demonstrar que não é o conceito que convém para esclarecer uma situação — e muito menos aquela que vivemos.

E. M. DE MELO E CASTRO



Se adoptarmos a definição de crise proposta neste inquérito, teremos de admitir que a crise não data de 1961, mas que a «alteração de curso que se traduz numa situação grave» é a própria raiz da actividade criadora do homem.

Todo o aparecimento de objectos, fenómenos ou situações novas ou diferentes provocado pela actividade do homem (criação) é grave, provém de uma «gravidade» e justamente é susceptível de provocar «alterações de curso» a curto ou a longo prazo na vida dos homens, pois esse será até um dos seus objectivos. Daqui se conclui que a Poesia é, por si e em si, uma crise. Aplicando estas noções à actual Poesia portuguesa parece-me que só seria para desejar que houvesse mais «crises». De facto, após o surto riquíssimo do pós-guerra (1945) que eu procurei estudar na Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, e que é um período de nítida «crise», quanto a mim o que se nota desde 1961 (admitamos a data...) é justamente a falta de uma crise generalizada, em vez da defesa de posições adquiridas, da perplexidade, da estagnação até...

Depois dos moços da «Poesia 61» que logo se dispersaram, só a *Poesia Experimental* apresenta uma coerência interna e plena consciência da necessidade das «crises» para as culturas estarem vivas. Isto não quer dizer que individualmente não surjam Poetas plenamente conscientes do momento que vivem e que através de esforços, críticos e criadores, não tentem outros desejáveis caminhos de renovação, com melhores ou piores resultados. É possível que eu, como profundamente ligado à *Poesia Experimental*, não devesse falar tão abertamente. Mas se assim não fizesse estaria a trair o objectivo deste inquérito e estaria a contribuir para aumentar a confusão do leitor. Prefiro, pois, ser julgado como «mais atrevido» do que «menos honesto».

Numa rápida análise das correntes dominantes da Novíssima Poesia encontramos as seguintes posições: Corrente Lírica Tradicional, Neo-realismo e Surrealismo. Foram estas as traves-mestras da Poesia do pós-guerra. A corrente Lírica Tradicional (Távola Redonda) não conseguiu encontrar uma via de evolução, tendo os seus melhores representantes, ou caído na repetição dos seus temas e modos, ou desaparecido da cena, ou procurado meios académicos de actividade pseudo-criadora.

Nas hostes neo-realistas observou-se um fechar-sobre-si próprio teórico e uma recusa quase sistemática de estudo, que levou os poetas e críticos à esterilidade, à repetição depauperante, e a caírem na

atitude idealista de preferir ignorar a evolução e o progresso da investigação estética, a alterar, consequente e inteligentemente, algumas das bases teóricas das suas doutrinas pré-fabricadas.

Repito, a obra individual de alguns poetas ditos realistas, pelo seu talento, nega o que acabo de afirmar, mas não creio que uma cultura se possa alicerçar de meros golpes individuais e isolados, por melhores que eles sejam, quando, de facto, a grande maioria dos nossos neo-realistas se nega ostensivamente a encarar as realidades, isto é: a investigar, estudar, experimentar, tal o estão fazendo em todas as artes os neo-realistas de outros países, como por exemplo os italianos, etc.

Como creio que uma atitude básica de saudável realismo é indispensável nos tempos que vão correndo, e que esse realismo em Arte só pode ser entendido dinamicamente em relação à evolução sociológica, económica, tecnológica e científica cujo processo nos envolve, confrange-me ver desbaratar energias no prosseguimento dogmático de princípios estéticos anquilosados, que por isso mesmo servem mal o Povo, a Cultura e o Homem que pretendem defender.

A este respeito note-se o belo artigo «Autenticidade e Poesia» de António José Saraiva, publicado num dos últimos números de «Seara Nova», em que a Teoria da Informação serve ao autor para exactamente rever alguns desses «princípios». Mas é quase um caso isolado.

Os surrealistas do pós-guerra, se não deixaram discípulos de vulto, esses sim, deram-nos obras da maior valia estética e humana (que no entanto em 1950 ou 52 a «nossa chamada crítica de Poesia» recusava violentamente nas colunas dos Suplementos Literários, como eu muito bem me lembro e é facilmente documentar!!!...), obras essas de verdadeira «crise» que constituíram o passo em frente de então e deixaram inclusivamente o caminho aberto para a «Poesia 61», para o Experimentalismo, e certamente ainda para o que virá depois de agora.

São as obras dos surrealistas portugueses, com a de alguns realistas esclarecidos e em processo» como António Ramos Rosa, que na década 1950-60 fazem o trabalho de base para que a consciência de crise se não perca e possa assim surgir a actual Poesia Experimental, em dimensões logo supranacionais. É isto (lamento muito, e peço a quem pensar) que se me apresenta dizer, ao correr da pena, neste momento, e em tão pouco espaço, sobre tão crucial problema. Mas creio que uma síntese se impõe ainda: tudo o que disse são «verificações de facto», não são hipóteses nem defesas de posições. É que a Poesia Portuguesa encontra-se hoje numa curiosa situação contraditória: «as virtualidades inexploradas do seu passado imediato» (como se diz no

inquérito) parece já terem sido todas exploradas até à exaustão; por outro lado, um corte radical com o passado não é viável, pois afigura-se-me que numa dada cultura as mutações são apenas aparentes. O que há é culturas que acabam e culturas que começam...

Creio, pois, que a Poesia Portuguesa está ante um problema que a ultrapassa e só numa ampla abertura de horizontes, métodos e

objectivos, num largo convívio universal se poderá encontrar a si própria. É isto mesmo que a Poesia de outros países está fazendo. Os movimentos experimentais são apenas a fase inicial.

Uma palavra ainda sobre «gravidade»: ser poeta é de facto grave, muito grave, mas os meios de realizar e atingir essa gravidade nem sempre são aqueles de que as pessoas ditas «graves» gostariam.

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



1 — Não me parece que se possa, de forma alguma, falar de crise na poesia portuguesa quando — para começar por citar os nossos dois poetas mais significativamente guardados — se aguarda que José

Gomes Ferreira e Sophia de Mello Breyner continuem a sua obra; quando, embora seja pouco provável que *acrescentem* algo de novo e importante, ainda não se extinguíram todas as vozes da «presença», e nem sabemos bem ao certo, v. g., o destino de um Casais; quando não é impossível que reapareça qualquer dos poetas vivos da primeira geração «neo-realista» (pois, após dez anos de silêncio, não publicou Carlos de Oliveira a «Cantata»), seja o autor de «Rosa dos Ventos» e de «Matar a tuna» (pelo menos calaram-na...), seja J. J. Cochofel, seja o próprio Carlos de Oliveira, ou até um Sidónio Muralha, ausente, e do qual em 62 saíram na «Vértice» dois bons poemas; quando, mesmo desta geração, um Joaquim Namorado tem ainda para publicar o que considero o melhor da sua obra; e quando se aguarda continuem também a produzir (cito um pouco ao acaso, sem querer dar uma enumeração hierarquizada, muito menos completa, é claro, e não entrando em linha de conta com as restrições que pessoalmente ponho a alguns aspectos das suas obras ou à evolução das suas poesias) Eugénio de Andrade, Armindo Rodrigues, Jorge de Sena, José Fernandes Pafe, Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, António Reis, Vítor Matos e Sá, António Luís Moita, David Mourão-Ferreira, etc.

Neste sentido, pois, não há crise. Mas a pergunta pode — e talvez deva — ser encarada noutra perspectiva: saber se, para além de não ter surgido, nem ser de presumir que surja, uma crise de produção, e até de alguma da melhor produção, saber se, dizíamos, a partir de 61 os poetas que vêm de gerações anteriores têm ou não aberto novos caminhos à sua poesia (e de certo modo, reflexamente, a poesia em geral) e se surgiu ou não uma nova geração que mostrasse não estarem «esgotadas as diversas vias da poesia portuguesa».

Penso que se deve responder negativamente tanto à primeira pergunta como à segunda. Repare-se, para só citar dois ou três exemplos de entre os poetas que vêm já de trás, que em fins de 1961 sai a «Poesia III» de José Gomes Ferreira e a «Antologia Poética» de Eugénio de Andrade, com a parte inédita «Mar de Setembro», e que logo em 62 surge Sophia com o seu «Livro Sexto», grande *abertura* e passo em frente na sua admirável obra.

Atentando nos mais novos, veremos que é por essa altura que se começam a definir, ainda que imprecisamente, os caminhos poéticos da mais jovem geração, e que são sobretudo dois: o de uma poesia que se quer comprometida, actual, de combate, e que se centra em Coimbra; e o de uma poesia que se quer de vanguardismo formal, e que se centra em Lisboa, e também, de certo modo, no Algarve.

O primeiro sinal colectivo daquele é a publicação, em 60, na «Vértice», de «Seis poetas da nova geração coimbrã», e que são: Fernando Assis Pacheco, J. Augusto Marques, José Carlos de Vasconcelos, Ferreira Guedes, Manuel Alegre e R. Mendes Silva. E, nesse ano e nos seguintes, é em «Via Latina» (até 62) e em «Vértice», que, ao lado destes, outros nomes surgem. Entretanto, no princípio de 62, surge o primeiro número dos «Poemas Livres» e em Maio do mesmo ano a *plquette* «a poesia útil» (o título desta, da minha responsabilidade, não queria dizer, como alguns apressadamente supuseram e escreveram, que defendêssemos uma poesia utilitária ou utilitarista: esse

título é puramente circunstancial e não exprimia em si qualquer tomada de posição sobre a essência da poesia). No mesmo ano ainda, e como manifestação conjunta, preparase e anuncia-se a publicação de uma «Antologia de Poesia Universitária», seleccionada pelo autor destas linhas e editada pela Associação Académica de Coimbra: publicação que acontecimentos posteriores vieram impedir. A par deste «grupo» (chamamos-lhe assim apenas por facilidade) aparecem ainda, individualmente, jovens de igual tendência — como, em 61, José Augusto Seabra, que edita «A Vida Toda» —, a par de outros poetas já com vários volumes publicados e cuja obra muda radicalmente: é o caso de Daniel Filipe com «A Invenção do Amor» e «Pátria, Lugar de Exílio».

Quanto à outra tendência — chamemos-lhe assim, por facilidade também — começa a manifestar-se mais intensamente pela mesma época, embora mais dispersa por várias páginas e publicações não-periódicas (nomeadamente os «Cadernos do Meio-Dia»), e vem a aparecer em conjunto, com um pequeno livro em que se reúnem *plquettes* de cinco autores: é a «Poesia 61». Concomitantemente outros poetas aparecem também individualmente, de entre os quais será justo destacar João Rui de Sousa, com dois volumes publicados em 60.

Nem de um nem do outro lado se apresentam obras acabadas, senão evidentes, embora por razões diversas, as deficiências, sobretudo estéticas, de ambos: não obstante, é evidente, me parece que, aqui e agora, é o primeiro o ponto de partida mais válido, embora não seja, seguramente, o ponto de chegada mais fácil. E um dos principais defeitos da tendência a que começamos por nos referir (ainda que não por posição, mas pelas dificuldades subjacentes à sua realização artística) era estar ainda um pouco *agarrada* a esse passado; um dos principais defeitos da segunda era querer cortar radicalmente com ele.

Ora, é para mim incontestável que constitui de longe a mais fecunda via da poesia portuguesa, é aproveitar tudo que a tradição (e não só o passado imediato), especialmente a nossa tradição nacional, tem de vivo e positivo, e aproveitar ao mesmo tempo todas as conquistas, especialmente estéticas, formais (mas verdadeiras conquistas, e não simples malabarismos, experiências lúdicas, ou forçadas tentativas de escândalo, «pour épater» e ser conhecido, pretensas modas, afinal já tão caducas), venham elas de onde vierem.

Dizer isto, é só tentar sugerir, muito de passagem e imperfeitamente, o que a poesia neo-realista fundamentalmente é: um choque de tradição e revolução de que resulta a evolução, o progresso; significando e significante constituindo uma unidade indivisível; uma síntese com as mais profundas raízes na vida (e portanto não só no social e no político, como também no individual, no íntimo, no amor, na tristeza e na esperança, etc.) e na realidade concreta, que se exprime através da linguagem muito específica da arte — no nosso caso, através da linguagem muito específica da poesia (que, mais do que qualquer outro género literário, é essencialmente *linguagem*), tão específica que nunca pode ser analítica, mas é sempre, em si mesma, de síntese. E dizer, do mesmo passo, que é neste realismo — aberto, mas não tanto que se torne incarácterístico; moderno, mas nunca «à moda» —, que eu vejo as maiores possibilidades de desenvolvimento e progresso da nossa poesia.

Apenas uma nota mais, para finalizar esta resposta que sei deficiente, e onde apenas aflorei alguns pontos que gostaria de aprofundar. É que é esta: as últimas produções dos autores que vêm da «Poesia 61» mostram uma tendência mais ou menos nítida conforme os casos, no sentido da orientação que defendemos, o que traz um real, embora desigual, interesse às suas obras:

TA EM CRISE?

é o caso dos livros de Luiza Neto Jorge, Teresa Horta e Gastão Cruz; e é o caso também, tanto quanto posso inferir de alguns poemas isolados, de Flávia Hesse e Casimiro Brito. Quanto aos mais jovens poetas que vêm já dessa linha, cumpre destacar a fundamental importância de dois livros tão diferentes como são os de Fernando Assis Pacheco e Manuel Alegre — 1.º e 3.º volumes, respectivamente, do «Canção Vértice», uma nova coleção, de poesia realista nova, no seguimento de uma tradição como a do «Novo Cancioneiro».

2. — Portanto, firmemente creio que não há crise. Nem me parece que os críticos (e são tão poucos, infelizmente. Embora bem se compreenda que não haja muitos mais) tenham opinião diversa. Se de crise insistentemente se fala — e dou-lhe barato que assim seja —, julgo que será sobretudo entre o chamado grande público (essa «imensa minoria» de que falava o poeta espanhol, e que se impõe lutemos para que seja uma «imensa maioria») desorientado ante a inflação lírica onde a fraca qualidade continua a

ser quantitativamente dominante. E são dois os principais males, a saber: por um lado, uma poesia ultrapassada, anacrônica, de velhas fórmulas e receitas; por outro, um mal idêntico, embora de sinal contrário. E este mal é hoje mais patente, perigoso e generalizado: até porque aqui o êxito é mais fácil, porquanto mais fácil é a mistificação, e ser pretensamente inovador, precursor, original (como se, em poesia, se fosse precursor, inovador, mesmo original, por deliberação...) é melhor que ser bota-de-estástico.

Neste sentido, penso que para não se falar mais em crise é preciso que deixe de haver uma inflação de quem faça versos como quem faz malha ou palavras cruzadas; quem faça versos como quem resolve, grave e ponderadamente, passar à posteridade como inventor do último maquinismo de fabricar palavras, sons, ruídos, números; quando, enfim, deixar de haver quem se esqueça de que a poesia não é de deuses ou eleitos, nem par adeuses ou eleitos — mas é de homens e para homens.

MARIA TEREZA HORTA



1 — Penso que o futuro da poesia portuguesa estará tanto no aproveitamento das virtualidades inexploradas do seu passado, como na descoberta de novas maneiras, novas formas, novas sínteses.

Conseguem-se fórmulas novas sem abandonar (antes pelo contrário, aproveitando sempre) toda uma experiência e mesmo, como já disse, tentando aproveitar o inexplorado, as virtualidades dum passado que não me parece possível abandonar.

2 — Quem poderá negar uma crise na poesia, quando todo um sistema social está em crise? E aí que se deve ir procurar as causas e até o remédio.

Conclusões

— Se Eugénio de Andrade, João Rui de Sousa, José Régio e Raul de Carvalho se cingiam sobretudo a generalidades — focando, no entanto, por vezes, problemas bem concretos —, três dos nossos inquiridos de hoje, Eduardo Prado Coelho, E. M. de Melo e Castro e José Carlos de Vasconcelos, abordam directamente o panorama da poesia mais recente, em tom acentuadamente polémico. O que, se, de algum modo, reduz as minhas funções de comentador, me obriga, por outro lado, a abandonar um pouco aquela neutralidade absoluta que desejaria manter e, em vista de também eu estar comprometido num movimento desse período, a patentear algumas discordâncias.

E. M. de Melo e Castro e José Carlos de Vasconcelos surgem como representantes e defensores de duas tendências antagónicas, enquanto Maria Teresa Horta, que faz parte de um terceiro grupo, preferiu abordar de um modo muito geral os temas propostos, e Eduardo Prado Coelho, desligado de quaisquer grupos, pôde assumir talvez uma atitude de maior independência e julgar mais objectivamente os diversos sectores da poesia da década de 60.

A propósito da hipotética crise da poesia portuguesa, E. Prado Coelho, Melo e Castro e José Carlos de Vasconcelos historicam algumas ou as principais tendências, com maior ou menor pormenorização, visando, porém, conclusões muito diferentes. Para José Carlos de Vasconcelos não existe qualquer crise, embora ela exista e seja considerada esejável, para Melo e Castro, e, para Eduardo Prado Coelho, que encara dialécticamente a questão, a resposta não possa ser exclusivamente afirmativa ou negativa (existe e não existe, simultaneamente). Por seu lado, Maria Teresa Horta é o único depoente que volta a enquadrar socialmente a crise.

Por parte de E. Prado Coelho e J. C. de Vasconcelos, notamos uma idêntica para centrar em personagens o estudo do problema, perspectiva que, aliás, rapidamente corrigem ou completam.

As respostas à primeira pergunta denotam, de um modo geral, especial vivacidade, na medida em que, como já referi, abordam situações e casos definidos da poesia portuguesa mais recente.



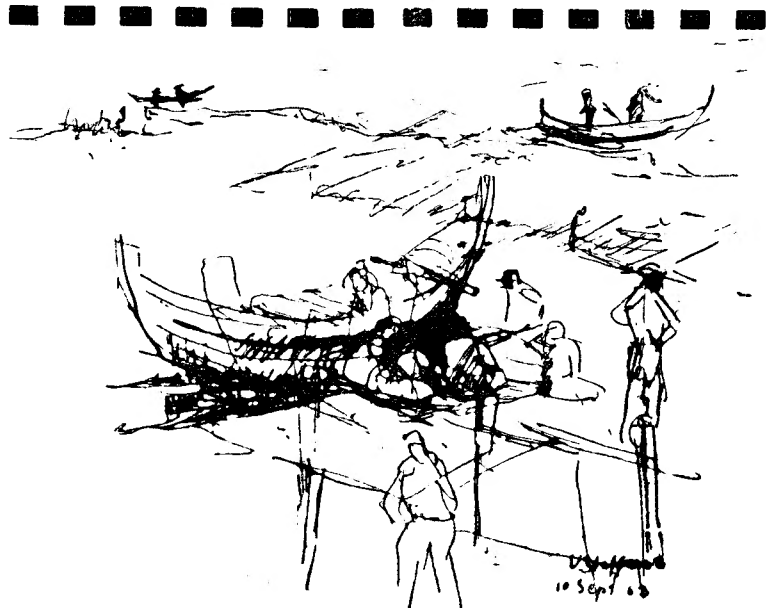
Sexta edição de «Casa da Malta» de Fernando Namora

A significação desta obra de Fernando Namora, que completou agora vinte anos de publicação, na literatura portuguesa contemporânea, consagra-se num facto que vai além da mera anotação estatística: com a sexta edição de «Casa da Malta», agora apresentada por Publicações Europa-América, atinge o livro o 17.º milhar. Com ele afirmou o escritor revelado anteriormente com dois romances que já lhe apontavam um caminho renovador na temática e no estilo, uma adesão decisiva à corrente literária que se propunha desbravar nas realidades vivas do povo português o sentido mais largo da sua experiência humana.

Esse destino, convictamente assumido, veio a determinar a construção de uma obra que se alargou em vários sentidos mas se conservou estruturalmente fiel à inspiração profunda — a que Fernando Namora testemunha no prefácio escrito há quatro anos para outra edição do romance: «...A prova para um escritor integrado nas urgências do seu tempo era o encontro com o povo... A memória da infância, nebulosa e romântica, era insuficiente, tanto como escrever no jeito de simples cronista ou apenas porque as injustiças sociais agrediam a minha sensibilidade. Era preciso mais: ir, humanamente, ao fundo das coisas, transferi-las para mim, até ao momento em que, ao certo, não soubesse já se era sobre mim ou sobre os outros que escrevia. Casa da Malta foi, pois, a minha primeira revelação desse encontro veraz».

O propósito foi tão plenamente cumprido que este romance de Fernando Namora, construído na juventude, conserva hoje a força, a frescura e a sugestão humana que o consagraram há vinte anos. O dramatismo flagrantemente captado da própria realidade, a segurança do estilo firmemente amoldado à matéria observada, a poesia intrínseca que vem do sentimento expresso da presença do homem num mundo que é sempre luta, na alegria ou na dor, imprimem-lhe a marca das criações perenes. A 6.ª edição, o número excepcional entre nós das tiragens efectuadas, assinalam a permanência do livro não só na obra do escritor mas em tudo o que ela representa e a associa a um destino compartilhado.

GASTÃO CRUZ



A escultora alemã Ute Steffens, há algum tempo entre nós, tem-se mostrado verdadeiramente deslumbrada com o sol de Portugal e com os costumes portugueses. Em particular as praias e pescadores têm-lhe dado motivo a uma série de desenhos demonstradores das suas grandes qualidades de observação e firmeza de traço. Damos uma cena da Costa da Caparica, onde a artista viveu alguns meses.

Novo romance de Aragon

(deste suplemento)
(Continuação da 1.ª página)

não exclui o pensamento). Se procurarmos um ponto de referência no passado, é Victor Hugo que temos de evocar.

A estatura é a mesma. Abundância criadora? Basta lançar um relance na bibliografia. Variedade de géneros? Só lhe falta o teatro. Vitalidade? O primeiro romance de Aragon, «Anicet» data de 1921 — e o escritor tem hoje 68 anos. Há sempre, para ele, um caminho de renovação, vem-lhe renascer das cinzas uma vez após outra. É também um «eco sonoro» do seu tempo. As grandes correntes deste século percorrem a sua obra: o surrealismo em 1920, o realismo social em 1934, a poesia heróica no decurso da Resistência. E hoje?

Poderia dizer-se que todo o passado próximo se mistura, se entretela para fundir a multiplicidade em novo corpo, neste estranho, difícil, luxuriante romance que é «La Mise à Mort». Há nele, conjuntamente, rutura e continuidade, adaptação ao novo gosto e fidelidade profunda aos temas anteriores: o amor, a morte, a mulher, a história. A moda está presente: um criador literário debate-se com a sua criação, entrega-se a ela com a alegria de se sentir criando. O roman-

brar o espelho. O romance «La Mise à Mort» pode considerar-se, por conseguinte um drama do ciúme — de um ciúme bizarro, visto que é o do autor pela sua própria criação. Em surdina, ao longo do livro, ouve-se o «Othello» de Shakespeare.

Mas o tema do espelho não será, também, um fio de Ariadne para este labirinto? Ao nível das ideias, teríamos o «roman comme miroir», à maneira de Stendhal. Os elementos realistas que há no romance reflectem-se no espelho. Vemos surgir nele figuras conhecidas: Gorki, de Gaulle, Delattre de Tassigny (um extraordinário Delattre, que confia a Aragon os seus rancores), o próprio Aragon — e Elsa Triolet, quando sai do disfarce de Fougère. As coisas, porém, não são simples neste livro. Ao lado do espelho de Stendhal há o de Lewis Carroll, o espelho das aparências por trás do qual perpassa Alice. De todos os reflexos que nele se pintam, de todas as fábulas que nele se despenham, apetece penetrar o sentido profundo e real. Porque «La Mise à Mort» assemelha-se a uma autobiografia camuflada — e é justamente sob essa perspectiva que os seus acordes se afiguram mais estranhos. Neste romance que está tão longe da serenidade há um homem que se debate consigo mesmo sob a capa das suas personagens, um homem que afirma, página a



LOUIS ARAGON

ce é o tema do romance. A composição toma a forma de mosaico — uma história que se desenha, se bifurca, se interrompe, retoma o fio abandonado, quebra-o, contorna-o em arabesco, volta a acertá-lo, explode. Todos os géneros se conjugam nas suas páginas: o conto fantástico, a epistolografia, a divagação, a fábula cortês, o idílio, o memorialismo, o ensaio crítico, a «série negra», o drama. E todos os tons: o lírico, o épico, o humorístico, o jogo de palavras, o pastiche dos velhos textos, a «colagem». O que é extraordinário, neste surto veemente, é a combinação da força com a agilidade e a leveza, a complexidade que transporta no seu fluxo a realidade, o sonho, a confidência, a transfiguração e todo um mundo que emerge dos livros.

Este escritor brota apenas de si mesmo, mas parece que carrega sobre os ombros a literatura de todos os séculos: Shakespeare, Steven son, Stendhal, Poe, Musset, Balzac, Musil, os românticos alemães, os contistas franceses da Idade Média, Lewis Carroll — e, acima de tudo, Elsa Triolet. O romancista tem sempre muito que dizer-nos sobre todos os que representam através dos séculos, de uma maneira ou outra, o problema da criação poética.

Tentemos simplificar pelo rumo dos principais caminhos deste romance. Um autor entra em conflito com a sua personagem, Alfred contra Anthoine, em torno de uma mulher: Fougère. Uma cantora. Anthoine perdeu a sua própria imagem no espelho, como Peter Schlemil tinha perdido a sua sombra. Anthoine ama Fougère, e Alfred tem ciúmes da personagem que criou. Vai matar a personagem, mas só no final do livro, depois de o deixar escrever três novelas que se incorporam no romance como intermezos: uma história de amor e de morte na Dinamarca medieval; uma narrativa irónica sob a forma de recordações da guerra de 1914-18; uma farsa policial em torno de Édipo, mas em plena época contemporânea. As três histórias são preciosas e a última é fortemente cômica. Nem por isso conseguem salvar a vida de Anthoine. O autor, Alfred, exasperado por constatar que Fougère prefere a personagem, comete o assassinio na ocasião exacta em que Anthoine encontra a sua imagem no espelho. Para o matar, basta-lhe que

página, o amor pela Egéria que está a seu lado e que se sente abater subitamente com a certeza de não ser amado.

O problema maior do romance é o de saber o que significa esse grito de desespero que se solta de um só golpe: «Nunca saberei, mas nunca, o que me sufoca. Este romance silencioso de mim próprio. O que acaba de passar-se mas a que não podeis ter acesso. Este desespero de toda a vida, os soluços invisíveis, os choros sem lágrimas, a abominação de ser. Volto-me para ver o que me segue, esta sombra. E, tão longe quanto a minha memória pode mergulhar, esse mar mudo...».

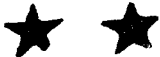
O grito que assim se revela, é a morte, é a velhice, é a consciência da dor universal que o provocam? É um drama mais intimamente pessoal? Seria necessário elucidar longamente, pacientemente, essas confidências indecifráveis que não são apenas do criador mas também do homem. São elas que dão ao livro o seu significado pungente, as mais das vezes mascarado sob o humor — todas essas facetas de um bobo shakespeariano sob as quais se apercebe, com o ouvido mais afinado, o pranto que o riso disfarça.

Durante os anos 20, na época surrealista, viu-se despostrar um Aragon barroco que, pelo tempo adiante, no decurso de trinta anos, moldou a sua obra como se amolda o cimento. A frase conservava o estilo de floração luxuriante, como se nota com mais vivo relevo em algumas passagens de «La Semaine Sainte». Esse Aragon barroco desencadeou-se agora no romance mais copioso e mais labiríntico que tem surgido na literatura francesa. Shakespeare e Pirandello — a este último será de estranhar não o ver incluído na galeria dos mestres — ressurgem sob novas perspectivas em «La Mise à Mort». A composição complicada, a voluntária desordem, o jogo de reflexos levado até à vertigem, uma abundância que vai até à prolixidade, talvez desanimem certos admiradores da antiga maneira. Sem dúvida que esse Niágara verbal fatiga e afoga. Mas uma ardente pulsação de vida e de inteligência precipita a torrente cujas barragens saltaram. É água cintilante a que corre nesse rio onde se entrecruzam as chispas do espírito e da poesia.

JACQUELINE PIATIER

UMA CAMPANHA de solidariedade para com o próximo

Desde o Natal de há cinco anos, 1569 raparigas alemãs colaboraram, voluntariamente, na campanha «Um ano de serviço ao próximo». Durante esse período da sua acção de solidariedade, auxiliaram o pessoal de hospitais, asilos de velhos, creches e acampamentos de refugiados. Em retribuição a essa valiosa ajuda, as voluntárias receberam alojamento, comida e um pouco de dinheiro para as pequenas despesas.



A INVESTIGAÇÃO espacial em Espanha

No próximo ano entra em realização o programa espanhol de investigações espaciais, dividido em duas etapas.

A primeira fase inclui o lançamento de foguetões verticais e oblíquos com quarenta quilómetros de alcance, fabricados em Espanha ou adquiridos no estrangeiro. Para a segunda etapa está previsto o lançamento de foguetões de cento e oitenta quilómetros de alcance, que poderão ser ampliados até trezentos.

EFEMÉRIDES Agosto

- 1462 — Dia 5 — Pedro de Sintra descobre o rio de Santa Maria das Neves.
- 1740 — O astrónomo Bourquer inventa o heliómetro.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Agosto de 1935 publicava:
BERLIM, 5 — Um telegrama de Moscovo diz que a Aviação russa vai tentar estabelecer um observatório no Pólo Norte, durante o Verão de 1936. Um «quebra-gelos» sairá de Arkangel, com alguns aviões, e procurará aproximar-se o mais possível. Do ponto onde o barco se detiver sairão os aviões com observadores polares. A estação transformará-se a mais tarde em permanente e será a primeira «etapa» de uma eventual linha aérea sobre o pólo, entre a Rússia e a América.

A AUTOMATIZAÇÃO NA MEDICINA

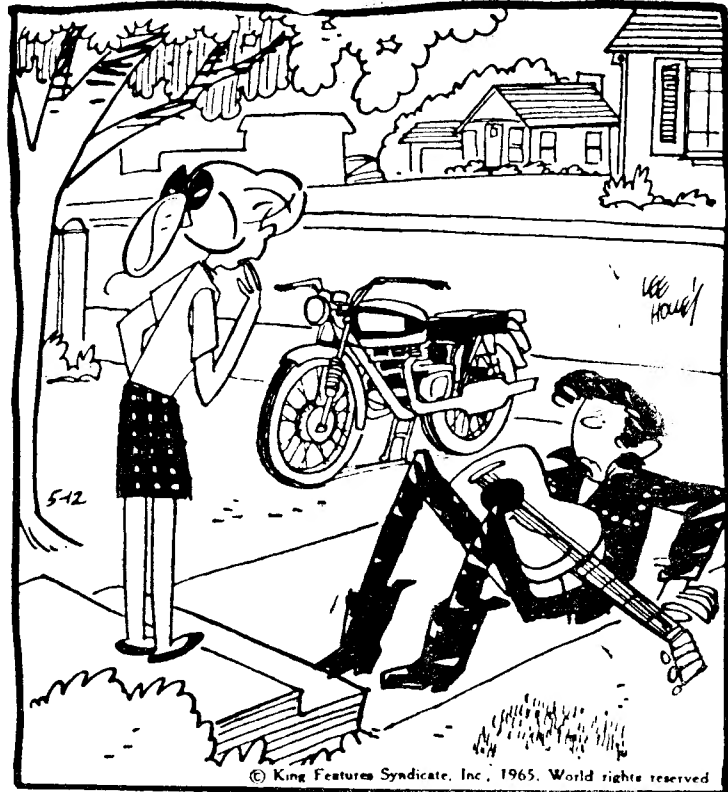
As fichas médicas dos doentes, escritas à mão ou dactilografadas, estão a ser, gradualmente, substituídas pelas que saem de máquinas electrónicas.

A inovação surgiu na exposição «Hospital 65», em Estocolmo, patrocinada pela Associação Sueca Hospitalar e a Feira St. Erik AB. A tendência para a eliminação do factor humano, os cuidados mentais e outros problemas da medicina actual, foram, ao mesmo tempo, debatidos no XIV Congresso Anual de Hospitais, relacionado com a exposição.

PÃO E VINHO

O rei D. Pedro I autorizou que os moradores em Santa Maria da Glória plantassem vinhas sem que lhes opusessem qualquer embargo.

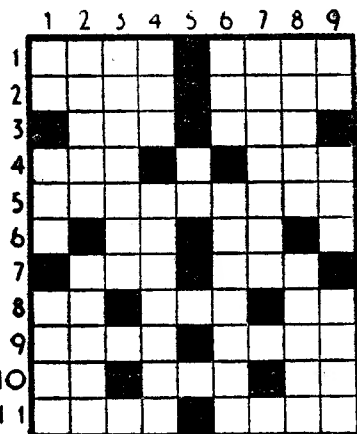
O mesmo soberano isentou, também, os interessados do pagamento de «jugada de pão e de vinho, bem como de outras coisas se as ouvessem».



— Que pena, Manecas! Eu a pensar que o papá gostava de ti!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBO)
Problema n.º 3826



HORIZONTAIS: 1 — Vazias. Leite de égua fermentado, usado pelos Tártaros. 2 — Pé. Nome de um fruto. 3 — Figura que simboliza o povo americano. Guarnição de asas. 4 — Oferecer. Letra grega. 5 — Falsificariam. 6 — Nesse lugar. Símbolo químico do érbio. 7 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Rio de França. 8 — Em partes iguais. Negativa. Artigo definido. 9 — Bagatela. Produz. 10 — Tempo do verbo haver. Monarca. Quinhentos e um em romano. 11 — Serra de Portugal. Composições poéticas.

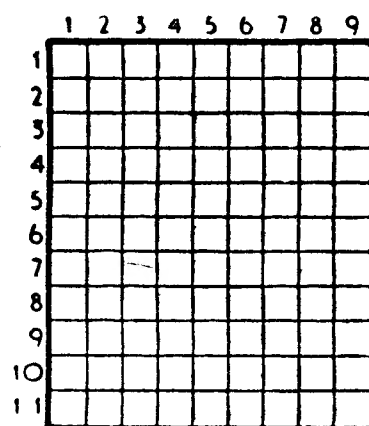
VERTICAIS: 1 — Rio da Rússia. Claridade. Cordeiro. 2 — Emparelham. Mulheres. 3 — Guarnecias de asas. 4 — Preposição. Maculura. 5 — Apelido. 6 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Instrumento para marcar as horas. 7 — Folgo. 8 — Doze dúzias. Perto da noite. 9 — Preposi-

ção e artigo definido. Intimo. Vais para fora.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3825
HORIZONTAIS: 1 — NADA. Asas. 2 — Éta. Épona. 3 — Lá. ACABAR. 4 — Acaro. Or. 5 — Sarrafo. 6 — Sia. Ara. 7 — E. Anazado. 8 — In. Pesar. 9 — Raspar. Rã. 10 — Adiar. Agi. 11 — Saro. Anãs.
VERTICAIS: 1 — Nelas. Eiras. 2 — Atacas. NADA. 3 — Dã. Aria. Sir. 4 — Aran. Pão. 5 — Eoca. Apar. 6 — Apa. FAZER. 7 — Sob. Oras. An. 8 — Anão. Adarga. 9 — Sarre. Oras.
(PROVÉRBO: NADA ACABAR E NADA FAZER).

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 7671



HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Torres Vedras. Cidade de França. 2 — Época. Duração. 3 — Símbolo químico do gálio. Pedras de moinho. Batráquio. 4 — Freguesia do concelho de Coimbra. 5 — Atravessa. Une. 6 — Reis. Isolado. 7 — Filtras. Gostar muito de. 8 — Ave parecida com o adam. 9 — Nota musical. Lista. Artigo definido. 10 — Irmã da mãe. Heroína francesa que foi queimada viva. 11 — Tosto. Troveja.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Itália. Talha. 2 — Larva das feridas dos animais. Boi selvagem. Aqui está. 3 — Em a. Pronome demonstrativo (pl). Artigo definido. 4 — Dã mios. Senhor em inglês. 5 — Colorido. Nome dum astro. 6 — Chiste. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 7 — Artigo indefinido. Nome científico do terremoto. Viração. 8 — Prefixo que designa ar. Distrito da Índia Portuguesa. Rezo. 9 — Arvore leguminosa. Bebedeira (pop).

Solução do problema n.º 7670

HORIZONTAIS: 1 — Sarre. Cal. 2 — Sie. Bola. 3 — Aspas. 4 — As. Sor. AC. 5 — Talos. Ama. 6 — Ária. Tear. 7 — Lãs. Corri. 8 — Um. Aos. Aa. 9 — Parca. 10 — Haia. Aia. 11 — Agã. Ascoa.

VERTICAIS: 1 — Catalunha. 2 — As. Saram. Ag. 3 — Ria. Lis. Pia. 4 — Ressoa. AAA. 5 — Pôs. Cor. 6 — Bar. Toscas. 7 — Cós. Aer. Ais. 8 — Al. Amara. Ao. 9 — Lascarias.

(Continua)

FACTOS REAIS

Grandes erros judiciários



13 — Na Primavera do ano de 1591, uma manhã, á entrada de uma pequena aldeia chamada Horsham, situada entre Nottingham e Derby, na Grã-Bretanha, foi encontrado, próximo de um prado denominado Campo da Raposa, o cadáver de um lavrador, William Hewett. Fora morto com dois golpes de forquilha, no peito. Algumas horas mais tarde, foi preso um outro habitante de Horsham, Joe Pearson, de 28 anos, casado, pai de dois filhos.

14 — Joe Pearson e Bill Hewett não se davam bem. Um caso

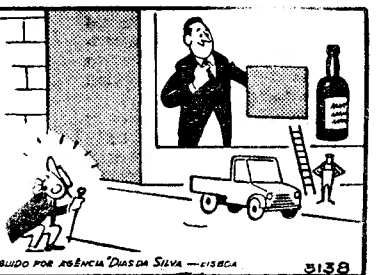
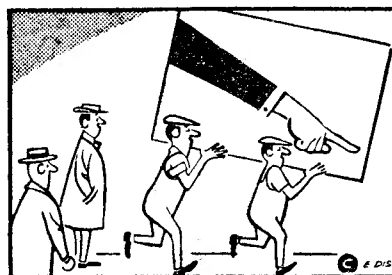
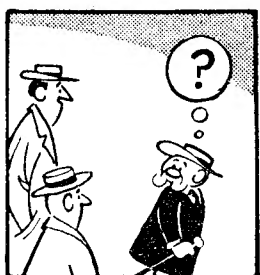
de limites das terras e de direito de passagem, no Campo da Raposa, trazia-os em permanente tensão. Por outro lado, testemunhas pretendiam ter visto Pearson nas imediações do prado em causa, na manhã do crime. Depois, foi encontrada perto do cadáver a forquilha do agricultor. Finalmente, uma busca efectuada em casa deste, permitiu descobrir um casaco, umas calças e uma camisa manchados de sangue.

15 — «Sim» — dizia Pearson — «eu vi Bill Hewett na manhã da sua morte. Quando ia tra-

balhar, tropecei no corpo dele. Ainda respirava. Quis ajudá-lo. Tomei-o nos braços. Faleceu pouco depois. Aterrorizado, fugi esquecendo-me da minha forquilha». Todos estavam, no entanto, persuadidos da culpabilidade de Pearson, incluindo o juiz. Apenas um membro do tribunal, Andrew Cripps, lavrador, homem de um bom senso notável, dizia não acreditar que Pearson fosse culpado. Apesar da convicção dos outros jurados, e da cólera do juiz, Cripps manteve a sua opinião e, como o veredicto tinha de ser unânime, Pearson, depois de absolvido, foi posto em liberdade.

16 — O juiz Shancross quis saber porque estava Cripps convencido da inocência de Pearson. Apertado com perguntas, o lavrador acabou por confessar-se autor do crime. Hewett, personagem pouco escrupulosa, estava encarregado de receber os impostos em Horsham, e perseguia injustamente Andrew Cripps. Este encontrara o adversário na manhã do crime. Discutiram. Enfurecido, Cripps agredira o outro. Depois, tomado de pânico, fugira... Tudo o que Pearson dissera, portanto, era verdade.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O segredo de Françoise

por LUCIE DESPLAINS

RESUMO — Pedro Chambrun conheceu, enquanto fazia o estágio num hospital de Paris, uma enfermeira, Françoise Moret, que ama e quer desposar. Apresenta-a aos pais. Nesse mesmo dia, porém, sabe que a rapariga não voltou ao hospital. Começa então a temer que ela tenha sido vítima de algum acidente.

13 — A noite, Pedro telefonou novamente para o hospital, por diversas vezes, mas nada conseguiu saber. Françoise, além de não comparecer no serviço, nem sequer telefonara a desculpar-se. O rapaz voltou a Vincennes, muito inquieto. No dia seguinte, tornou a telefonar para o hospital. A sr.^a Grenier a enfermeira-chefe, anunciou-lhe que tinha notícias da rapariga. Esta dissera que a avó adoecera bruscamente. Assim, fora para junto dela e contava demonstrar-se alguns dias. Pedro ficou contente de saber que Françoise não fora vítima de nenhum acidente, como ele receara, mas não deixou de continuar bastante inquieto. Havia coisas que não compreendia. Como é que Françoise, que devia ir direita ao hospital, fora avisada da doença da avó? E por que prevenira os seus superiores, tanto tempo depois?



semana antes, teria suposto que Françoise teria não ser admitida pela família Chambrun. Mas a rotura surgia, precisamente, depois da visita em que a mãe do rapaz se mostrara tão simpática... Não compreendia. E não podia admitir que a rapariga o deixasse sem qualquer explicação. «Saberei a razão de tudo isto» — decidiu.

15 — O dia seguinte era um domingo, e Pedro tinha licença para se ausentar do quartel. Françoise não tornara a dar notícias. As oito horas estava na porta de Itália e tomava um autocarro para Orly. O rapaz lembrara-se que Françoise lhe falara um dia da avó. Dissera que a velhota vivia sózinha, num pavilhão isolado de Paray-Vieille-Poste, localidade situada nas proximidades do aeroporto. Decidira tentar encontrar a avó da jovem. A senhora devia ter o mesmo apelido, pois era avó paterna. Como Paray-Vieille-Poste não passava de uma pequena comuna, tinha algumas possibilidades de a descobrir.



uma senhora com esse nome... Mora perto da minha casa». — «E vive sózinha?» — perguntou Pedro. «Sim». — «Ela está doente?» — «Não sei...» — «Podes levar-me a casa dela?» — «Certamente, senhor». Pedro seguiu o pequenito, com o coração a palpitar. Um quarto de hora mais tarde, encontrava-se na presença de uma senhora de idade, que reconhecia ter uma neta chamada Françoise, enfermeira num hospital de Paris. A velhota, no entanto, parecia gozar de óptima saúde. Quando Pedro lhe perguntou se estivera doente há pouco tempo, e se Françoise a tratara, pareceu ficar muito surpreendida.

(Continua)

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

QUALQUER QUANTIA

Empresta-se no prazo de 1 hora
MAXIMO SIGILO
Telefone 328491



Fornecimento de:
UM CONJUNTO MÓVEL PARA RADIOFOTOGRAFIA, COMPOSTO DE:

- A. — APARELHO DE RADIOFOTOGRAFIA COMPLETO
- B. — VIATURA DE TRANSPORTE ESPECIAL, COM ACESSÓRIOS
- C. — SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO

CONCURSO PÚBLICO N.º 58/65

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Rua das Trinas, 49 — Lisboa, onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se as propostas para o fornecimento em referência.

As propostas são abertas no dia 31 do corrente mês de Agosto, pelas 11 horas, devendo fazer-se a sua entrega e a dos correspondentes depósitos até às 16 horas do dia útil imediatamente anterior.

Lisboa, 5 de Agosto de 1965.

TELEVISORES

PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

DOMINGO, 8 DE AGOSTO EXCURSÃO DA C. P.

em colaboração com a E. G. I. de LISBOA A PENACOVA, CRUZ ALTA, BUÇACO, LUSO — e volta

1. classe: 245\$00

Compreendendo viagem de Lisboa a Coimbra em comboio automotor «Foguete» (ar condicionado), no restante percurso por estrada, em autocarro, e almoço de conta da organização na Pensão Avenida, em Penacova.

Partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) às 8-10 horas, com regresso à mesma estação às 23 horas.

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e de Lisboa (Rossio) nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa, e nas Agências de Viagens autorizadas.

LOTAÇÃO LIMITADA.

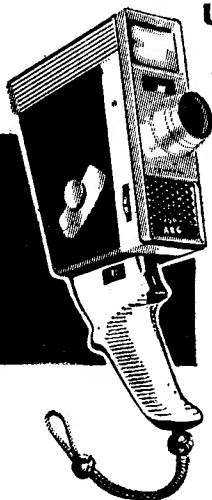
SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

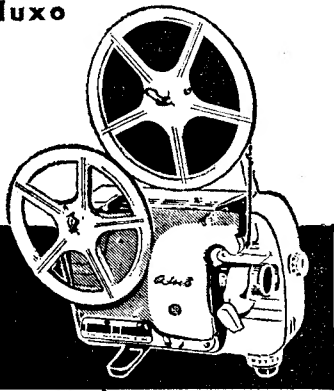
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

APENAS POR ESC. 4.950\$00

UM EQUIPAMENTO COMPLETO DE CINEMA DE AMADOR



Câmara de filmar de 8 m/m «MEOPTA» modelo A8G com célula foto-eléctrica incorporada (filmes sempre correctamente expostos) equipada com a famosa objectiva «Mirar» 1:2.8 produzindo filmes a cores ou a preto-branco de espantosa nitidez. Completa com punho disparador e estojo de luxo em couro.



Projector de 8 m/m «MEOPTA» modelo AM8 com carregamento automático e lâmpada de baixa voltagem (não aquece), rebobinagem pelo motor, duas cadências (18 e 24 imagens), incorporando uma ligação de sincronizador de som.

Para todas as voltagens AC.

2 PRODUTOS

meopta

DE FAMA MUNDIAL

À venda somente nas casas especializadas de artigos fotográficos

DISTRIBUIDORES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.

RUA DA CONCEIÇÃO 46-TELEF. 361545 — LISBOA

INDESIT

máquinas de lavar e frigoríficos de grande classe

TODOS OS MODELOS SÃO MONTADOS SOBRE RODAS

● A «Société des Gens de Lettres», de Paris, que tem mantido através de circunstâncias as mais diversas um prestígio inabalável, acaba de atribuir os seus prémios literários deste ano. O Grande Prémio de Poesia Foulon de Vaulx foi atribuído a Pierre Menanteau pelo conjunto da sua obra lírica; o Prémio Jeanne Boujassy, a Yvonne Chauvin, pelo estudo «La Bible, cette inconnue», editado na casa Plon; o Prémio Literário Regionalista, a Paul Lebois, pelos livros que publicou sobre a Bretanha; o Prémio Hubert Gildus, a Michel Gay, pelo romance «Le Fossé», que a editora Casterman editou recentemente; e o Prémio de Poesia Jacques Normand, a Henry Demay, pela colectânea «Le Bal Fou». Os prémios literários franceses, muitas vezes de modesta importância material, são sempre apreciados pela aura de interesse público que envolve, através deles, os laureados.

● «Somos um povo de leitores», afirma o escritor e pintor checoslovaco Adolf Hoffmeister, no prefácio que escreveu para uma antologia de novelas de autores do seu país que tem sido traduzida para várias línguas. O «Clube dos Leitores de Poesia», por exemplo, que tem a sede em Praga, conta 38 000 membros... Depois de Rilke, de Kafka e de Werfel, que foram escritores de língua alemã, embora nascidos na Checoslováquia, os autores contemporâneos nesse país mantêm a mesma tradição de continuidade na essência da composição literária, mas preferem ser fiéis, como Hasck e Capek, à sua língua nativa. E edição Seghers das «Nouvelles Tchecoslovaques d'Aujourd'hui» inclui criações da mais diversa inspiração, desde a corrente realista e naturalista à do surrealismo de Breton e ao «nouveau roman» no estilo de Butor. A maioria dos colaboradores no volume não conta ainda cinquenta anos.

● A mais antiga associação de leitores e admiradores de Dante, que existe no mundo, é alemã e intitula-se «Deutsche-Dante Gesellschaft». A agremiação celebra este ano, em que se comemora o sétimo centenário do nascimento do grande poeta italiano, o centenário da sua fundação. O centenário será motivo de se erigir o primeiro monumento a Dante na Alemanha, em Krefeld, cidade que, depois da transferência da sede da sociedade de Weimar, tem prestado todo o apoio à Sociedade. A «Deutsche Dante-Gesellschaft» tenciona publicar, por ocasião do sétimo centenário, um códice de Dante em fac-simile.

● Mais uma opinião aventureira e exótica sobre as origens e a génese de «Don Quixote» foi agora posta em relevo pelo ensaísta e investigador espanhol Giménez Caballero, numa conferência proferida na Liga Árabe. Segundo o autor, Cervantes foi apenas um nome de empréstimo para o verdadeiro criador da grande novela, que seria um árabe do Cairo, formado na «alcaiceria» de Jan el Jalil. Apesar da ascendência galega e judaica de Cervantes, afirmou Giménez Caballero, o estilo em que foi escrito «Don Quixote» não é

barroco mas mudéjar. O nome de Cid Hamete Benengeli, «sábio, encantador e filósofo maometano, flor dos historiadores», que Cervantes inseriu na narrativa, seria apenas um disfarce fictício para a apropriação por Cervantes da obra de origem árabe que lhe teria chegado às mãos em Argel. A ideia, se não for verdadeira, é pelo menos curiosa.

● Tem suscitado grande interesse no Brasil o livro de Gustavo Corção «O Desconcerto do Mundo», que reúne três longos trabalhos ensaísticos. O primeiro, que dá o título ao volume, é uma dissertação em torno de um verso de Camões. No segundo trabalho, Gustavo Corção trata da literatura de Machado de Assis, que para ele «nunca foi um céptico» e sim um crente que «em certa altura da vida se tornou extraordinariamente perplexo». O livro encerra com estudos relacionados com a estética em pintura.

ACTUALIDADES DO MUNDO LITERÁRIO

● Outras obras que têm solicitado as atenções recentes da crítica e do público brasileiros: «A Hora do Anti-Cristo», de Isócrates de Oliveira; o romance de Josué Montelo, «Os Degraus do Paraíso», que a editora Martins pôs nas livrarias e revela aspectos de vivência religiosa; a edição especial, comemorativa do IV Centenário do Rio de Janeiro, de «Memórias de um Sargento de Milícias», de Manuel Antônio de Almeida. A Distribuidora «Record» editou na colecção «Enciclopédia Histórica» o trabalho de Américo Palha, «Os Precursores da Abolição». O livro tem prefácio de Pedro Calmon.

● O filósofo alemão Karl Jaspers, que é uma das figuras mais prestigiosas da filosofia contemporânea, proferiu na Rádio Baviera, uma série de estudos de introdução filosófica em nove conferências de meia hora. Jaspers declarou que não hesitaria em aceitar a proposta da Rádio Baviera, pelo simples facto «de a filosofia se destinar ao homem como homem e a cada qual individualmente». Jaspers ocupou-se também do problema da importância da filosofia para o estado democrático e para as decisões políticas do cidadão. A série de conferências foi agora publicada pela Editora R. Piper, Munich, a cujo cuidado estão todas as obras de Jaspers.

● A «Bibliothèque de la Pléiade» publicou há pouco um magnífico «Album Proust», que a editorial oferece aos leitores das suas colecções.

No volume é incluída uma iconografia copiosa, largamente comentada, de Proust e da sua obra, documentando a figura do escritor ao longo dos anos até à morte, os lugares onde residiu ou que o inspiraram, as suas relações e amizades, família, etc. Numerosos grupos em que Marcel Proust foi fotografado com companheiros, dilectos da vida literária, como Lucien Daudet, Robert de Flers e outros, foram agora revelados ao público no album publicado pela «Pléiade».

● Cerca de 600 estudiosos da obra de Dante estiveram reunidos em Florença para participar no Congresso Internacional que assinalou o 7.º centenário do nascimento do poeta. A sala magnífica dos «Cinquecento», no Palazzo Vecchio, foi pequena para comportar a multidão dos congressistas, interessada em ouvir os mais recentes estudos sobre Dante. O Congresso transferiu-se durante dois dias para Verona e foi acabar os seus trabalhos em Ravena — associando-se assim com as três cidades que tiveram maior papel na vida de Dante. Durante a reunião, as edições Mondadori apresentaram os dois primeiros volumes da nova edição nacional das «Obras de Dante», em nível gráfico monumental a que deram a sua colaboração os mais qualificados especialistas italianos.

● Assinalou-se no Brasil o primeiro centenário da publicação de «Iracema», de José de Alencar, que ficou a consagrar o apogeu do Romantismo, mas continua a merecer o interesse incessante de inúmeros leitores. Segundo o «Jornal de Letras», do Rio de Janeiro, «não haveria impertinência ou exagero em dizer-se que José de Alencar não está abaixo de Chateaubriand, sob qualquer ponto em que se compare «Iracema» com «Atala» ou «René». Ao contrário a crítica comparativa, baseada nos pressupostos culturais e formais do Romantismo, chegaria a conclusões valorativas, que por certo, escandalizariam muito com a afirmativa de que «Iracema» excede as duas novelas do autor do «Génio do Cristianismo». Alencar recorreu a um tema vinculado com a história nacional, permanecendo fiel a um dos princípios do Romantismo, qual fosse o da volta ao passado de cada povo, à tradição folclórica, no legítimo significado da expressão, que muita gente supõe ser apenas «costumes». «René» e «Atala» são românticos apenas pelo tipo da imaginação e da linguagem».

● Dois professores norte-americanos da Universidade de Missouri, H. Gersham e K. Whitworth, organizaram e publicaram uma «Antologia de Prefácios de Romances Franceses do Século XIX». O documentário que esse livro faculta é do maior interesse, não só evocativo como de interpretação crítica. Desde Chateaubriand a Zola, desdobra-se no volume uma longa série de análises literárias que revelam a evolução do conceito de romance no século passado, as intenções dos seus autores, o critério de verdade e de estilo, o intuito de conhecimento e de observação que no romance se exprimiu sob as várias perspectivas dos autores.

Poesias de Guillevic em tradução de David Mourão-Ferreira

Numa excelente realização da Editora Ulisseia (Colecção Poesia e Ensaio), recentemente publicada, podem os leitores portugueses que não a conheçam fazer a descoberta de uma obra de grande projecção na literatura francesa do nosso tempo: a poesia de Guillevic. A passagem do escritor por Lisboa, há poucos meses, permitiu chamar para a obra a atenção e o interesse de um público nacional mais largo. Na edição dos seus versos, com traduções paralelas por David Mourão-Ferreira podem desvendar-se mais intimamente a qualidade e o sentido dessa lírica em que a mais bela tradição francesa se conjugou com a mais moderna renovação de temática e de estilo.

É de grande oportunidade, sem dúvida, como assinala o poeta tradutor na «apresentação» da edição, divulgar entre nós este grande poeta realista. Assinala David Mourão-Ferreira que «as palavras, na obra de Guillevic, raspam como pedras a face das coisas; assinalam, como pedras, os erros dos homens; e pretendem contribuir, como pedras acumuladas, para a construção de uma torre que não seja a de Babel, que seja, pelo contrário, a do entendimento entre os homens e a de uma perspectiva renovada entre os homens e as coisas». A poesia de Guillevic é «uma nobilíssima lição humana e uma apaixonante experiência poética do nosso tempo».

Transcreve-se, a seguir, um breve poema de Guillevic incluído na colectânea agora publicada pela Ulisseia, bem como a tradução de Mourão-Ferreira.



DAVID MOURÃO-FERREIRA

D'autres que nous viendront,

Plus patients, plus têtus.
Plus forts ou plus habiles.

Ils auront su ravir
D'avantage à la terre.

Ils auront pour appui
Le chant qui fut chanté

Lorsque c'était à nous.

(De *Sphère*, 1963)

(TRADUÇÃO)

Outros virão depois de nós,

Mais patients, mais teimosos,
Mais fortes ou mais habéis.

Hão-de saber extrair à terra
Mais do que nós.

E hão-de ter como suporte
O canto que foi cantado

Quando era a nossa vez.

NOTAS DE LINGÜÍSTICA

Mais de dois séculos passados após a sua morte (verificada em Lisboa, a 14 de Fevereiro de 1734), conhece-se com pormenor a biografia deste clérigo regular da ordem de S. Caetano que consumia os seus ócios em intensas actividades como escritor, orador sagrado e lexicólogo.

Nasceu em França no ano de 1638, numa família de apelido Chevalier. Quando contava seis anos, teve de fugir das justças da sua terra e em direcção à Inglaterra, talvez porque aí estaria, segundo alguns, a origem da sua linhagem. Diz-se mesmo que o apelido Bluteau provém do da família de Bluteau, de Londres, junto da qual se acolheram os fugitivos do outro lado da Mancha. Por quaisquer motivos, o jovem Rafael conseguiu regressar à sua terra a fim de organizar e seguir os seus estudos, primeiro em Paris e depois em Reims, para voltar posteriormente à capital, onde frequentou o colégio de Clermont, dirigido por jesuítas.

A despeito da oposição da família, dirigiu-se a Florença, para aí iniciar o noviciado nos teatinos, acabando por professar em 1661. A sua insaciável sede por tudo que fosse cultura levou-o a Verona, Roma, e, de novo, a Paris. Por lhe apreciar as suas notáveis qualidades, o Geral da ordem mandou-o então a Portugal, onde chegou em 1668.

A facilidade rara que tinha de aprender línguas (falava seis, conhecendo-as profundamente, a ponto de ser capaz de compor em qualquer delas) e a necessidade de exercer aqui a oratória sagrada (em que também era exímio) trouxeram-lhe o rápido conhecimento do Português, logo seguido de respeitosa aceitação na corte de D.

Afonso VI, conseguindo até a protecção de D. Maria Francisca de Sabóia.

Em 1689 partiu para Turim no séquito de Duarte Ribeiro de Macedo, encarregado de tratar do casamento da princesa D. Isabel com Vitor Amadeu, filho do duque de Sabóia, Carlos Manuel. Tendo morrido, durante a viagem, Ribeiro de Macedo, ninguém da embaixada estaria mais indicado para o substituir, embora provisoriamente, na missão levada de Portugal do que o nosso frade teatino, enquanto não chegava o duque de Cadaval, que de Lisboa partiu com o encargo de prosseguir as negociações, que, afinal, não alcançaram resultado positivo. Vítima de intrigas palacianas, regressou a Paris em 1687, afastando-se dos meios sociais lisboetas, se bem que talvez lhe doesse mais o abandono das sessões discretas mas cultas no palácio do 4.º conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses.

As relações entre ambos não esmoreceram com a distância, pois que o fidalgo português manteve assídua correspondência com Bluteau, que, por seu lado, o obsequiava com os números que se iam publicando no *Journal des Savants*. Em 1704 tudo se simplificou com o regresso do frade francês, se bem que a guerra da Sucessão de Espanha, em que D. Pedro II seguiu o partido da Inglaterra contra a França, obrigasse as autoridades portuguesas a fixarem-lhe residência no convento de Alcobaca.

Parece que aqui sentiu pesarem sobre o seu espírito o ambiente e a tradição secular dos frades que, de dentro daqueles mesmos muros, fizeram brotar uma das mais notáveis obras de cultura da Europa (infelizmente ainda hoje não estudada como merece). Além de di-

versas obras relacionadas com as letras portuguesas, foi dentro deles que organizou o *Vocabulário Português e Latino*, cujo primeiro volume saiu em 1712, dedicado a D. João V. Foi este monarca quem, dando nisso material prova da sua simpatia pelo notável investigador, custeou a edição desse monumento ao nosso idioma, ao mesmo tempo que nomeava o seu autor académico de número quando fundou a Academia Real de História.

Passados mais de dois séculos e meio sobre o aparecimento do primeiro volume daquele *Vocabulário*, cumpre-nos, a nós portugueses do século XX, curvamos o nosso espírito agradecido diante do venerável trabalhador que nos deixou obra que continua notável, sob todos os títulos, e onde se lê que o Português «não tem que invejar às mais elegantes línguas da Europa o seu luzimento... A vista destes volumes (dos onze do *Vocabulário*)... que dirão certos estrangeiros, os quais publicaram pela Europa que a Língua Portuguesa é um idioma pobre, inculto, bárbaro, e casualmente formado de vários fragmentos da língua mourisca e castelhana? Confesso que depois de juntar os materiais para esta obra, eu mesmo fiquei admirado e juntamente oprimido da multidão de vocábulos que achei nos autores antigos e modernos».

JOSÉ PEDRO MACHADO

Esclarecimento

A propósito da crítica que se fez neste jornal ao seu último romance «Cela 27», recebemos do escritor Joaquim Paço d'Arcos uma carta em que esclarece a sua posição.